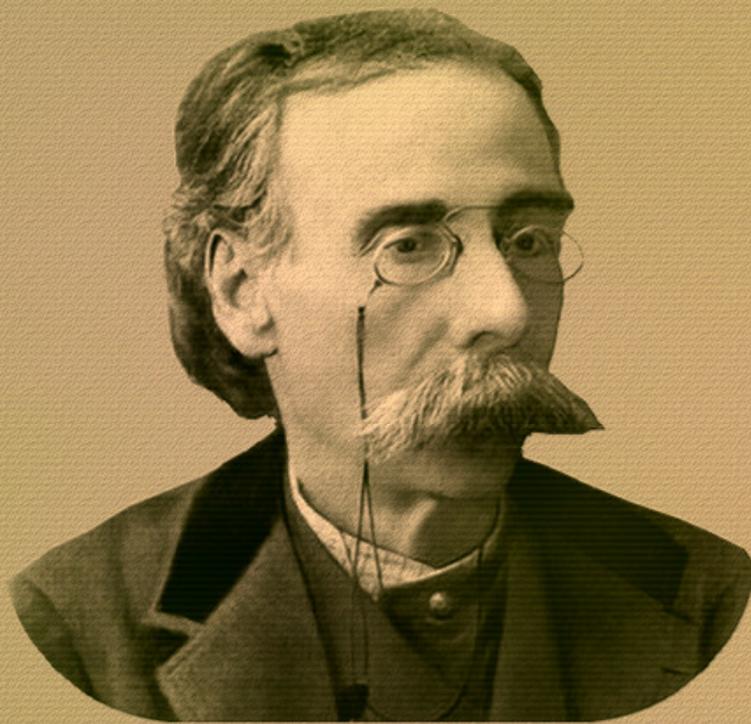


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Camilo Castelo Branco
O Carrasco de Vitor Hugo José Alves



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Camilo Castelo Branco

O Carrasco de Vitor Hugo José Alves

Publicado originalmente em 1872.

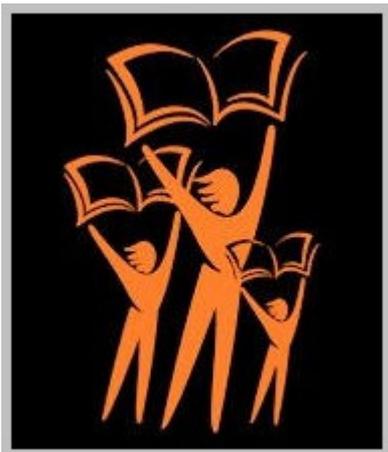
**Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825 – 1890)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 430



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Camilo Castelo Branco: *“O Carrasco de Vítor Hugo José Alves”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, no Largo do Carmo, a 16 de Março de 1825. Oriundo de uma família da aristocracia de província com distante ascendência cristã-nova, era filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, nascido na casa dos Correia Botelho em São Dinis, Vila Real, a 17 de Agosto de 1778, e que teve uma vida errante entre Vila Real, Viseu e Lisboa, onde faleceu a 22 de Dezembro de 1890, tomado de amores por Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira.

Camilo foi assim perfilhado por seu pai em 1829, como “filho de mãe incógnita”. Ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos, o que lhe criou um carácter de eterna insatisfação com a vida. Foi recolhido por uma tia de Vila Real e, depois, por uma irmã mais velha, Carolina Rita Botelho Castelo Branco, nascida em Lisboa, Socorro, a 24 de Março de 1821, em Vilarinho de Samardã, em 1839, recebendo uma educação irregular através de dois Padres de província.

Na adolescência, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica e contatando a vida ao ar livre transmontana.

Com apenas 16 anos (18 de Agosto de 1841), casa-se em Ribeira de Pena, Salvador, com Joaquina Pereira de França (Gondomar, São Cosme, 23 de Novembro de 1826 - Ribeira de Pena, Friúme, 25 de Setembro de 1847), filha de lavradores, Sebastião Martins dos Santos, de Gondomar, São Cosme, e Maria Pereira de França, e instala-se em Friúme. O casamento precoce parece ter resultado de uma mera paixão juvenil e não resistiu muito tempo. No ano seguinte, prepara-se para ingressar na universidade, indo estudar com o Padre Manuel da Lixa, em Granja Velha.

O seu carácter instável, irrequieto e irreverente leva-o a amores tumultuosos (Patrícia Emília do Carmo de Barros (Vila Real, 1826 - 15 de Fevereiro de 1885), filha de Luís Moreira da Fonseca e de sua mulher Maria José Rodrigues, e a Freira Isabel Cândida).

Ainda a viver com Patrícia Emília do Carmo de Barros, Camilo publicou n'O Nacional correspondências contra José Cabral Teixeira de Morais, Governador Civil de Vila Real, com quem colaborava como amanuense.

Esse posto, segundo alguns biógrafos, surge a convite após a sua participação na Revolta da Maria da Fonte, em 1846, em que terá combatido ao lado da guerrilha Miguelista.

Devido a esta desavença, é espancado pelo “Olhos-de-Boi”, capanga do Governador Civil.

As suas irreverentes correspondências jornalísticas valeram-lhe, em 1848, nova agressão a cargo de Caçadores.

Camilo abandona Patrícia nesse mesmo ano, fugindo para casa da irmã, residente agora em Covas do Douro.

Tenta então, no Porto, o curso de Medicina, que não conclui, optando depois por Direito. A partir de 1848, faz uma vida de boémia repleta de paixões, repartindo o seu tempo entre os cafés e os salões burgueses e dedicando-se entretanto ao jornalismo. Em 1850, toma parte na polémica entre Alexandre Herculano e o clero, publicando o opúsculo O Clero e o Sr. Alexandre Herculano, defesa que desagradou a Herculano.

Apaixona-se por Ana Augusta Vieira Plácido e, quando esta se casa, em 1850, tem uma crise de misticismo, chegando a frequentar o seminário, que abandona em 1852.

Ana Plácido tornara-se mulher do negociante Manuel Pinheiro Alves, um brasileiro que o inspira como personagem em algumas das suas novelas, muitas vezes com caráter depreciativo. Camilo seduz e rapta Ana Plácido. Depois de algum tempo a monte, são capturados e julgados pelas autoridades. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública, pelo seu conteúdo tipicamente romântico de amor contrariado, à revelia das convenções e imposições sociais. Foram ambos enviados para a Cadeia da Relação, no Porto, onde Camilo conheceu e fez amizade com o famoso salteador Zé do Telhado. Com base nesta experiência, escreveu Memórias do Cárcere. Depois de absolvidos do crime de adultério pelo Juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós (pai de José Maria de Eça de Queirós), Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, contando ele 38 anos de idade.

Entretanto, Ana Plácido tem um filho, supostamente gerado pelo seu antigo marido, que foi seguido por mais dois de Camilo. Com uma família tão numerosa para sustentar, Camilo começa a escrever a um ritmo alucinante.

Quando o ex-marido de Ana Plácido falece, a 15 de Julho de 1863, o casal vai viver para uma casa, em São Miguel de Seide, que o filho do comerciante recebera por herança do pai.

Em Fevereiro de 1869, recebeu do governo da Espanha a comenda de Carlos III.

Em 1870, devido a problemas de saúde, Camilo vai viver para Vila do Conde, onde se mantém até 1871. Foi aí que escreveu a peça de teatro “O Condenado” (representada no Porto em 1871), bem como inúmeros poemas, crônicas, artigos de opinião e traduções.

Outras obras de Camilo estão associadas a Vila do Conde. Na obra “A Filha do Arcediago”, relata a passagem de uma noite do arcediago, com um exército, numa estalagem conhecida por Estalagem das Pulgas, outrora pertencente ao Mosteiro de São Simão da Junqueira e situada no lugar de Casal de Pedro, freguesia da Junqueira. Camilo dedicou ainda o romance “A Enjeitada” a um ilustre vilacondense seu conhecido, o Dr. Manuel Costa.

Entre 1873 e 1890, Camilo deslocou-se regularmente à vizinha Póvoa de Varzim, perdendo-se no jogo e escrevendo parte da sua obra no antigo Hotel Luso-Brazileiro, junto do Largo do Café Chinês. Reunia-se com personalidades de notoriedade intelectual e social, como o pai de Eça de Queirós, José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, magistrado e Par do Reino, o poeta e dramaturgo poveiro Francisco Gomes de Amorim, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, entre outros. Sempre que vinha à Póvoa, convivia regularmente com o Visconde de Azevedo no Solar dos Carneiros.

Francisco Peixoto de Bourbon conta que Camilo, na Póvoa, “tendo andado metido com uma bailarina espanhola, cheia de salero, e tendo gasto, com a manutenção da diva, mais do que permitiam as suas posses, acabou por recorrer ao jogo na esperança de multiplicar o anêmico pecúlio e acabou, como é de regra, por tudo perder e haver contraído uma dívida de jogo, que então se chamava uma dívida de honra.

A 17 de Setembro de 1877, Camilo viu morrer na Póvoa de Varzim, aos 19 anos, o seu filho predileto, Manuel Plácido Pinheiro Alves, do segundo casamento com Ana Plácido, que foi sepultado no cemitério do Largo das Dores.

Camilo era conhecido pelo mau feitio. Na Póvoa mostrou outro lado. Conta Antônio Cabral, nas páginas d' “O Primeiro de Janeiro” de 3 de junho de 1890: “No mesmo hotel em que estava Camilo, achava-se um medíocre pintor espanhol, que perdera no jogo da roleta o dinheiro que levava. Havia três semanas que o pintor não pagava a conta do hotel, e a dona, uma tal Ernestina, ex-atriz, pouco satisfeita com o procedimento do hóspede, escolheu um dia a hora do jantar para o despedir, explicando ali, sem nenhum gênero de reservas, o motivo que a obrigava a proceder assim. Camilo ouviu o mandado de despejo, brutalmente dirigido ao pintor. Quando a inflexível hospedeira acabou de falar, levantou-se, no meio dos outros hóspedes, e disse: - A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil reis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda não o tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão. E,

puxando por cem mil reis em notas entregou-as ao pintor. O Espanhol, surpreendido com aquela intervenção que estava longe de esperar, não achou uma palavra para responder. Duas lágrimas, porém, lhe deslizaram silenciosas pelas faces, como única demonstração de reconhecimento.”

Em 1885 é-lhe concedido o título de 1.º Visconde de Correia Botelho. A 9 de Março de 1888, casa-se finalmente com Ana Plácido.

Camilo passa os últimos anos da vida ao lado dela, não encontrando a estabilidade emocional por que ansiava. As dificuldades financeiras, a doença e os filhos incapazes (considera Nuno um desatinado e Jorge um louco), dão-lhe enormes preocupações.

Desde 1865 que Camilo começara a sofrer de graves problemas visuais (diplopia e cegueira noturna). Era um dos sintomas da temida neurosífilis, o estado terciário da sífilis ("venéreo inveterado", como escreveu em 1866 a José Barbosa e Silva), que além de outros problemas neurológicos lhe provocava uma cegueira, afeitivamente progressiva e crescente, que lhe ia atrofiando o nervo óptico, impedindo-o de ler e de trabalhar capazmente, mergulhando-o cada vez mais nas trevas e num desespero suicidário. Ao longo dos anos, Camilo consultou os melhores especialistas em busca de uma cura, mas em vão. A 21 de Maio de 1890, dita esta carta ao então famoso oftalmologista aveirense, Dr. Edmundo de Magalhães Machado:

Illmo. e Exmo. Sr.,

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n’este país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas. Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Porto o nome de V. Exa. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Exa. salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso. Mas poderá V. Exa. dizer-me o que devo esperar d’esta irrupção sanguínea n’uns olhos em que não havia até há pouco uma gota de sangue? Digne-se V. Exa. perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimônia por um homem que não conhece.

A 1 de Junho desse ano, o Dr. Magalhães Machado visita o escritor em Seide. Depois de lhe examinar os olhos condenados, o médico com alguma diplomacia, recomenda-lhe o descanso numas termas e depois, mais tarde, talvez se poderia falar num eventual tratamento. Quando Ana Plácido acompanhava o médico até à porta, eram três horas e um quarto da tarde, sentado na sua cadeira de balanço, desenganado e completamente desalentado, Camilo Castelo Branco disparou um tiro de revólver na têmpora direita. Mesmo assim,

sobreviveu em coma agonizante até às cinco da tarde. A 3 de Junho, às seis da tarde, o seu cadáver chegava de comboio ao Porto e no dia seguinte, conforme o seu pedido, foi sepultado perpetuamente no jazigo de um amigo, João Antônio de Freitas Fortuna, no cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

São suas principais obras: Anátema (1851), Mistérios de Lisboa (1854), A Filha do Arcediago (1854), Livro negro do Padre Dinis (1855), A Neta do Arcediago (1856), Onde Está a Felicidade? (1856), Um Homem de Brios (1856), O Sarcófago de Inês (1856), Lágrimas Abençoadas (1857), Cenas da Foz (1857), Carlota Ângela (1858), Vingança (1858), O Que Fazem Mulheres (1858), O Morgado de Fafe em Lisboa (Teatro, 1861), Doze Casamentos Felizes (1861), O Romance de um Homem Rico (1861), As Três Irmãs (1862), Amor de Perdição (1862), Memórias do Cárcere (1862), Coisas Espantosas (1862), Coração, Cabeça e Estômago (1862), Estrelas Funestas (1862), Cenas Contemporâneas (1862), Anos de Prosa (1863), A Gratidão (incluído no volume Anos de Prosa), O Arrependimento (incluído no volume Anos de Prosa), Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado (1863), O Bem e o Mal (1863), Estrelas Propícias (1863), Memórias de Guilherme do Amaral (1863), Agulha em Palheiro (1863), Amor de Salvação (1864), A Filha do Doutor Negro (1864), Vinte Horas de Liteira (1864), O Esqueleto (1865), A Sereia (1865), A Enjeitada (1866), O Judeu (1866), O Olho de Vidro (1866), A Queda dum Anjo (1866), O Santo da Montanha (1866), A Bruxa do Monte Córdova (1867), A doida do Candal (1867), Os Mistérios de Fafe (1868), O Retrato de Ricardina (1868), Os Brilhantes do Brasileiro (1869), A Mulher Fatal (1870), Livro de Consolação (1872), A Infanta Capelista (1872), (conhecem-se apenas 3 exemplares deste romance porque D. Pedro II, imperador do Brasil, pediu a Camilo para não o publicar, uma vez que versava sobre um familiar da Família Real Portuguesa e da Família Imperial Brasileira), O Carrasco de Victor Hugo José Alves (1872), O Regicida (1874), A Filha do Regicida (1875), A Caveira da Mártir (1876), Novelas do Minho (1875-1877), A viúva do enforcado (1877), Eusébio Macário (1879), A Corja (1880), A senhora Rattazzi (1880), A Brasileira de Prazins (1882), O vinho do Porto (1884), Vulcões de Lama (1886), O clero e o sr. Alexandre Herculano (1850).

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

ÍNDICE

CAPÍTULO 1: A LUVEIRA DA RUA NOVA DA PALMA.....	1
CAPÍTULO 2: PERFIL DE VITOR HUGO JOSÉ ALVES.....	7
CAPÍTULO 3: D. ROSENDA.....	14
CAPÍTULO 4: O ESTÔMAGO DE VITOR HUGO.....	19
CAPÍTULO 5: O CORAÇÃO DE D. ROSENDA.....	22
CAPÍTULO 6: O SANTO CORAÇÃO DE FILHA.....	25
CAPÍTULO 7: OS TRÊS CONTOS DE RÉIS.....	33
CAPÍTULO 8: RAUL.....	42
CAPÍTULO 9: DAMIÃO RAVASCO.....	52
CAPÍTULO 10: FRUTA DO BRASIL.....	60
CAPÍTULO 11: SOLEMNIA VERBA.....	71
CAPÍTULO 12: EXPLOÇÃO DE AMOR.....	77
CAPÍTULO 13: DESASTRE DO GATUNO.....	83
CAPÍTULO 14: A VINGANÇA.....	89
CAPÍTULO 15: A PROLE DE D, AFONSO VI.....	96
CAPÍTULO 16: RESSURREIÇÃO DE UMA ALMA.....	104
CONCLUSÃO.....	109
EPÍLOGO.....	118

CAPÍTULO 1: A LUVEIRA DA RUA NOVA DA PALMA

Il y a ici quelque chose... une fleur... cherchez!

Saint-Beuve, *Portraits des Femmes*,

À volta de uma mesa do Café Martinho, em Lisboa, estavam, por 1857, cinco ou seis sujeitos saturados de política. Estava também eu em princípio de “saturação” — palavra pedida de empréstimo à química para bem materializar a ideia do corpo abeberado daquele cívico entusiasmo que salva as nações... nos botequins.

Naquela noite, os meus interlocutores eram todos mais ou menos republicanos. Havia tal que dizia acreditar na metempsicose, porque sentia dentro do seu ventre os fígados de Robespierre; e outro, que arredondava musicalmente os períodos corrosivos, revelava-nos, com modéstia parelha do talento, que sentia coriscar-lhe no crânio o cérebro de Mirabeau; coriscos, se o eram, todos para dentro; que do fogo, que lhe faiscava da frente, não havia que recar combustão em armazém de sulfureto de carbônio.

Os outros não me lembra quem tinham dentro de suas pessoas.

Pelo que me diz respeito, recenseando longa fileira de defuntos históricos, suspeitei ser eu a paragem de dois pedaços transmigrados, um de Falstaff, outro de Sancho, por me sentir rasamente lerdo à beira daquelas pessoas trabalhadas por crudelíssimas almas de toma-viagem.

Supunha Gérard de Nerval, que Méry, pela admirável intuição que tinha das coisas da Índia, devia ser a metempsicose dum mouni do Indostão na pele dum marseilhês; ora eu, se é lícita a comparação ambiciosa, à vista da sisuda pachorra com que assistia aos projetos regicidas daqueles cavaleiros andejes, devo presumir que há em mim o que quer que seja do pajem do Cavaleiro Triste, antes de entontecido pelas lisonjas dos ilhéus que o degeneraram.

Havia ali um que esmurraçava o mármore das mesas, protestando que os tronos seriam aluídos, quando a lava, escandecente no seio da Liberdade, irrompesse, resfolegando para si os monarcas, e revessando para fora, com o novo batismo de fogo, uns evangelhos novos.

O meu terror foi grande. Encarei naqueles homens exterminadores, e agourei-lhes mentalmente que morreriam justificados para descanso do gênero humano, e particularmente dos possuidores de inscrições e outros fundos.

Agora é de saber que todos aqueles regicidas, hoje em dia, vampirizam as veias dessangradas do país, pisam alcatifas do paço, e fumam, nos aposentos dos camaristas, charutos da munificência real, pelos quais se lhes vaporaram os fígados de Robespierre, o encéfalo de Mirabeau, e toda a mais peçonha que lhes petrolizava as entranhas, tirante a do estômago, que ainda é corrosiva como sempre.

Revertendo aos assuntos debatidos naquela roda de trogloditas, cujas caras a labareda do ponche azulejava terrificamente, dizia um que os monarcas lusitanos, em séculos de bons costumes e fé viva, procriavam filhos ilegítimos.

Esta notícia fez-me calafrios. Em confirmação da tese, individuou o sujeito, com prodigiosa retentiva, os filhos bastardos de cada soberano, e não somente os abonados pelos cronistas, senão outros muitos denunciados pela tradição, e sonegados pelos historiadores em preito a insignes famílias.

Ocasionou-se-me então o ensejo de observar que o Sr. D. Miguel de Bragança, bem que malsinado de frasqueiro e muito dado a damarias, não deixara filhos ilegítimos reconhecidos, ou sequer suspeitos: de onde eu inferia que a calúnia superfluamente lhe encarecera os vícios, não querendo imputar-lhe somente à descultura do espírito e aos ruins companheiros da mocidade os funestos casos do seu reinado.

Redargui de pronto o malsim das reais progenituras que o Sr. D. Miguel podia ser menos fecundo que seus avós, sem ser mais casto que D. Dinis; e acrescentou que afirmava a existência de filhos do príncipe proscrito, e me desculpava da ignorância por eu ser da província, e desconhecer as entranhas tuberculosas da corte.

Estimulado por este dizer oriental e terapêutico, pedi que me dissessem quem eram os notórios filhos do Sr. D. Miguel Maria do Patrocínio.

O sujeito interrogado nomeou cinco ou seis pessoas de ambos os sexos, umas que eu conhecia de vista, e outras dos apelidos heráldicos dos seus progenitores legais.

Feita a resenha, um dos circunstantes ajuntou:

— Ainda te falta uma.

— Quem é?— acudiu o outro.

— A luveira da Rua Nova da Palma.

— É verdade... a luveira, a mais simpática e adorável e florida vergôntea dum tronco roído e verminoso. Hei de mostrar-lhe a você a luveira, a doce criatura que faz lembrar a borboleta iriada que saiu de uma crisálida paludosa. Quer?

— Com a mais ardente curiosidade— respondi.

— Amanhã. No dia seguinte, o pontual amigo levou-me à Rua Nova da Palma, e aí entrámos em uma pequena loja de luvas e camisaria.

Adentro do balcão estava sentada a costurar uma senhora, singelamente vestida, e formosa quanto a mais descompassada fantasia pudera cobiçar. Figurava, quando muito, vinte anos; mas eu já ia prevenido de que ela não podia contar menos de vinte e sete; e, se o não fosse desde logo, em vista da sua idade aparente, refutaria a procedência que lhe davam, se queriam que houvesse nascido durante o reinado de D. Miguel.

José Parada cortejou-a gravemente, chamando-lhe D. Maria José. Ela recebeu o cumprimento com agraciado rosto, e correspondeu à minha cortesia, depois que lhe fui apresentado como homem de letras... maiúsculas, minúsculas, cursivo, bastardinho, etc.— letras, que, longe de serem ganância, seriam o desdouro dum cambista e a falência de dois bancos.

Logo percebi que a dama luveira era mais ou menos entendida em romances, pelo benevolente sorriso com que aceitou a minha apresentação; e também observei, de passagem, que esta senhora, se estimava livros, não se parecia extremamente com os avós— dessemelhança, porém, que não fazia implicância à majestade da sua origem.

Não duvidei, portanto, que D. Maria José em verdade houvesse a prosápia realenga que lhe atribuíam; antes me quis parecer que o seu porte altivo sem soberba, e um certo natural nada comum, sem laivo de artifício, estavam inculcando uma senhora de fidalga condição.

— Aqui tem uma filha do senhor Dom Miguel de Bragança— disse o meu amigo com urbana e grave seriedade mais do que eu esperava de tamanho republicano; e ajuntou logo coerente com os seus princípios:— Nesta honrada posição é que eu unicamente respeito os descendentes dos reis. No sublime abatimento do trabalho é que as pessoas, nascidas para a ociosidade principesca e devoradora das nações, se me figuram regeneradas para a humanidade laboriosa, e repostas pela mão do Cristo na plana da igualdade a que ele chamou todos os filhos de Deus. Diante desta operária, sinto o reverente entusiasmo que os abjetos sentiriam se a vissem a roçar nos pavimentos velosos da Ajuda o manto de princesa.

D. Maria abaixou ligeiramente a cabeça, depois de haver relançado os olhos com suave majestade ao rosto do seu admirador. E eu, que tinha entrado com ânimo indisposto para tão solene colóquio, compenetrei-me de involuntária sisudeza e compostura como se ali estivesse uma princesa de lista civil, uma genuína vergôntea das senhoras Dona Carlota de Bourbon e Dona Maria de Sabóia.

Como sou de natureza bastante monárquica, e fui criado com o bom leite do antigo amor português aos seus reis, grande foi o enleio em que me vi, rosto a rosto de tão egrégia dama!

Com quanto acatamento e cortesia pude, enviei-lhe umas tartamudas palavras significativas de respeitosa vassalagem. E ela, sem descompor-se do seu palaciano aprumo, proferiu estas vozes:

— Contento-me com ser respeitada como costumam sê-lo as mulheres que vivem decorosamente. Algumas vezes tendo sido alvo de motejos por ser filha de um príncipe desafortunado; mas ainda não fui escarnecida por quem pudesse repreender os atos da minha vida. O ter nascido grande não deve desmerecer-me pela resignação com que me sujeito à humildade da minha posição.

E, levantando-se, foi vender um peito de camisa a uma mulher que lhe chamava “Dona Mariquinhas”.

Pouco depois, entrou na loja um rapaz, aseado a primor, mui fragrante de cosméticos, e todo ele uma bonita caçoila a recender perfumes de mocidade. O

meu amigo apertou-lhe a mão, chamando-lhe Raul Baldaque, e acotovelou-me. Não percebi o intento espirituoso do cotovelo de José Parada.

O peralta encarou-me do alto da sua importância, arregaçando a face direita para prender no olho correspondente um vidro. Naquele olhar preponderante, o sujeito parecia querer-me anunciar que era o filho único do famoso capitalista conde de Baldaque, chegado da América, seis anos antes.

Saímos os dois sem haver despendido no estabelecimento mais que o ouro puro das nossas frases. Eu ainda quis comprar duas camisas e um par de luvas verde-gaio; mas acanhei-me de mercadejar com tamanha senhora, receando desafinar da linguagem áulica e tom de corte em que não fui de todo bajoujo.

Contou-me, depois, José Parada que D. Maria José de Portugal, a luveira, havia sido requestada, para casamento, de homens não só abastados, mas também fidalgos da raça cavaleirosa e da industrial, e até— o que mais importa— de literatos.

— Não duvide você— prosseguiu ele, derivando do meu ar desconfiado a incredulidade com que escuto, em geral, histórias de desprendimento, quando são de ouro os ganchos com que a alma dum homem pretende acolchetar-se na alma duma mulher.

— Não duvide— insistiu Parada.— Eu não faço romances, nem invento prodígios. Nego a existência da virtude enquanto a não palpo e lhe não sacudo a poeira dos preconceitos; mas, se chego a convencer-me, o sistema de duvidar não pode tanto comigo, que, por amor de seita, hesite em crer que há princesas não refesteladas em almadraques de cetim, princesas que não disputam às nações pobres a enxerga dos deserdados, para quem o dormir é a consolação da fome.

Deste fraseado bem é de perceber que o meu interlocutor não erguia mão de sobre a mais singela resposta sem lhe esponjar exórdios para discurso sedicioso.

Não inquiri quem fossem os ricos e fidalgos pretendentes de D. Maria José de Portugal; quanto, porém, aos concorrentes literatos, desejei, por afeto à classe, reconhecer os meus colegas, ambiciosos de se aparentarem tão afins com a casa reinante. Satisfiz-me a curiosidade o meu amigo, nomeando um poeta de piano, um prosador de calendário, um redator do jardim das Damas, charadista

histórico dos almanaques de Castilho. D. Maria José havia recusado as mãos destes literatos pobres assim como já tinha recusado os pés de alguns capitalistas.

E acrescentou José Parada:

— Um homem que morre por ela é aquele Raul, que lá ficou na loja. Ali tem você um rapaz que há de herdar mil e duzentos contos. A figura é correta, não acha? Dá jantares, e empresta dinheiro aos convivas insolúveis, que o lisonjeiam e escarnecem alternadamente, As mulheres que o amam são tantas como as abelhas à volta dum favo que tem dentro a essência de todas as flores de mil e duzentos contos. Pois sabe que mais?, quer um milagre em pleno século XIX? A luveira repele com fidalga delicadeza, e ouve com supremo desdém a apoteose dos milhões do conde de Baldaque. Não é isto, em tempos de infame positivismo, um caso assombroso?

E concluiu enfaticamente:

— Quando as filhas dos marqueses, com dezoito avós aforados, não se desaforam, confundindo nas veias dos filhos o seu sangue ostrogodo com a lama dos argentários escapados ao cruzeiro, não é de espantar que a obscura filha de um príncipe, pobre e chasqueada, recuse abastardar a sua régia estirpe, adjudicando-se ao ouro de um plebeu? Devo repetir-lhe que desprezo o prejuízo das distinções, posto que procedo de avós honrados no serviço da pátria; entretanto, se os instintos fidalgos aliam o espírito ao de cima das ideias vilíssimas desta quadra de chatins, eu me curvo então, repassado da religiosa reverência, e compreendo que a nobreza das índoles não é fantasmagoria obsoleta; será antes divina loucura, se de uma parte reluz a pobreza radiosa com a sua auréola do trabalho humilde, e da outra rutila a fascinação esplêndida dos milhões.

“Puff!”, disse eu entre mim, ou, mais exatamente, disseram dentro de mim o pedaço do Falstaff ao pedaço do Sancho.

Aquele “puff “, interpretado pelos glossológicos da última camada, quer dizer: “Bem me fio eu em ti e nela! “

CAPÍTULO 2: PERFIL DE VITOR HUGO JOSÉ ALVES

Personne de servile condition et de race servile.

Amyot. Alcib., Vers, de Plw.

Tudo quanto este homem arengou me pareceu acertado. A luveira não se me delia da ideia. Ao outro dia, fui lá resolvido a derrear bastante o estilo, de feição que me não ficasse canhestro comprar, nem a D. Maria José de Portugal vender, seis colarinhos. Por onde, a toda a luz se mostra com que inocentes intenções lá fui.

Neste propósito mercantil, entrei; mas, feita a cortesia, não pude aparar a linguagem ao raso de um freguês de colarinhos.

Não se pode. Um homem capaz de aconsoantar uma quintilha não sabe regatear com damas camisolas de flanela. O que logo lembra, em presença da filha de um príncipe, se ela é bonita, e os amores lhe esvoaçam à volta da régia fronte, é a mandora dos provençais, o enamorado Macias, as trovas suspiradas no harpejar do bandolim, à barbacã do castelo, ou mais dentro, se é possível.

Assim foi que nossos décimos avós, se eram menestréis e citaristas, procederam com as filhas e açafatas dos reis, não contando com as portuguesas, tirante as inspiradoras de D. João da Silva e de Bernardim Ribeiro -que as restantes princesas saíram todas muito descaroadas de poetas, de teorbas e cítaras, bem que a música foi sempre benquista dos nossos monarcas, desde D. Pedro, que tangia trombeta bastarda, até D. João IV, que tocava tudo, compunha motetes, e escrevia livros acerca da música. E, se D. João V não exercitava pessoalmente a formosa prenda, folgava de ouvir retroar os cento e quinze badalos do carrilhão de Mafra, que comprou por mil e trezentos contos de réis. Depois, encontramos o Sr. D. João vi cantando salmos entre os seus frades; e, hoje em dia, o Sr. D. Luís I, baço primoroso, revive os saraus médicos da sala da Ajuda, como eles foram em Queluz, quando, na orquestra real, regida por David Peres, se viam as loiras infantas de Bragança tocando rebeca.

Revertamo-nos, em boa hora, ao conto. Estava a dama lendo A Nação. Depôs cortesmente a gazeta para me atender. Pedi-lhe que por minha causa não interrompesse leitura tão lenimentosa para as dores do seu filial coração. D.

Maria José, penhorada por estas suaves expressões, fitou-me brandamente e murmurou:

— Mal sabe...

— O quê, minha senhora?

— Quantas lágrimas eu tenho chorado sobre este jornal... lágrimas inúteis, que fariam até sorrir de piedoso motejo as pessoas felizes...

Todas as fibras sensíveis e sonoras da minha alma se desataram então em plangentes melodias de coisas, de que não tomei apontamento; porém, tais e tão insinuantes lhas influí no animo, que vinguei merecer-lhe confiança e desafogo de sentimentos circunspectamente abafados.

Esta confiança, com as visitas diárias, fez-me digno de lhe ouvir, interpoladamente, revelações que vou compendiar, de mistura com esclarecimentos obtidos, Deus sabe com que perspicácia e finura.

D. Maria José havia nascido em Lisboa, no ano de 1832. Seu pai era o Sr. D. Miguel de Bragança, rei naquele ano. Sua mãe tinha sido D. Mariana Joaquina Franchiosi Rolim de Portugal, senhora portuguesa, nascida em Lisboa, e descendente de fidalgos de régia plana por bastardia, como ao diante se dirá. Vivera D. Maria em companhia de sua mãe, rodeada de pompas, aias, mestras e carícias, até à idade dos quinze anos. Lembrava-se de sua mãe ter carruagem brasonada, librés, e relações de grande posição na aristocracia; e, em meio desta disfarçada felicidade, a vira frequentemente lavada em lágrimas, que de dia para dia lhe iam desbotando a formosura deslumbrante.

Observou mais que as alfaias valiosas desapareceram umas depôs outras; que a sege foi vendida; que os convivas rarearam à mesa; que os hóspedes da noite foram também rareando, e que enfim ninguém entrava na casa desbafizada de sua mãe, senão duas senhoras de baixa origem que a não desampararam até à morte.

Lembrava-se também de que sua mãe, nos derradeiros anos da vida, abrira um hotel; e, nessa posição decaída, morrera.

A morte de sua mãe não sabia ela dizer se foi natural, se violenta. Conjecturava, porém, que houvesse sido suicídio com veneno contido em um frasco de cristal,

que depois se encontrara vazio. Era esta hipótese confirmada pelo caso de sua mãe, na véspera do dia em que se finou, lhe haver dado um cofre de sândalo, dizendo que lhe não podia legar outro patrimônio; mas que, naquela caixa encontraria títulos que a elevassem sobranceira às primeiras senhoras de Portugal.

Ora o cofre encerrava cartas do Sr. D. Miguel— cartas que me ela não mostrava por conterem coisas íntimas e segredos de Estado de máximo melindre.

Falecida D. Mariana Joaquina Franchiosi Rolim de Portugal, a órfã, que então vicejava uns quinze anos como fácil me foi imaginar-lhos, passou para a companhia das duas mulheres, únicas pessoas que assistiram aos funerais de sua mãe.

Por conselho destas, escreveu a alguns homens insignes e relações de sua casa, participando-lhes que estava órfã. Contava ela que cada palavra escrita lhe custava uma lágrima por sentir-se abatida naquela mal dissimulada súplica de esmola. Ninguém lhe respondeu, excetuado um agiota de raça judaica e humilde extração que devia, não sabia ela como, a sua prosperidade à mãe, de quem havia sido escudeiro, mordomo ou coisa assim.

Quis este homem levá-la para sua casa; mas, como ela se esquivasse a deixar as duas senhoras, o generoso agiota ofereceu-lhe abundante mesada, que ela aceitou para socorrer as amigas que a não podiam alimentar e vestir sem sacrifício.

Aos dezoito anos, D. Maria José alcançara notáveis conhecimentos literários, sem descuidar-se de outras prendas mais caseiras e acomodadas ao seu sexo.

Naquele ano de 1850, faleceu o caridoso rebatedor, testando à filha de D. Mariana de Portugal nove contos de réis em inscrições e um prédio pequeno na Rua Nova da Palma.

Longo tempo indecisa no destino que lhe melhor quadrava, foi habitar a casinha herdada, porque, primeiro que tudo, almejava a soledade, a tristeza, o recolhimento, a leitura, o chorar sem testemunhas nem consolações importantes. Os últimos lances da vida de sua mãe e a penúria do seu proscrito pai davam-lhe horas muitíssimo amarguradas. Naquela doentia compleição

havia que recear quebra de juízo por excesso de sensibilidade, ou morte prematura.

Divulgou-se a residência da filha de D. Miguel. Muita gente duvidou-lhe da filiação. Outra acreditou, poetizando o caso de sua natureza prosaico e vulgar como todos os fenômenos desta espécie. Uns e outros, ainda assim, forcejaram debalde por vê-la.

D. Maria José, ao abrir da manhã, em dias santificados, ia à missa da alva, e voltava a horas em que nenhum homem de siso saíria da cama para ver a própria Semíramis. À casa da Rua Nova da Palma entravam apenas as duas amigas de sua mãe, conhecidas pelas Picoas, e presumidas descendentes bastardas dos condes de Povolide. Com certeza, porém, estas duas irmãs, Rosenda e Eufêmia, nasceram e criaram-se na casa chamada das Picoas, onde seu pai tinha sido estribeiro-ferrador, e sua mãe ama-seca dos fidalguinhos.

Redarguindo contra este argumento dos linhagistas de estrebaria, Rosenda e Eufêmia asseveraram— por lho haver afirmado a mãe com tal qual competência, ao que é de supor— que o pai delas não era o ferrador; mas sim um monsenhor parente da casa. Não me recorde bem se diziam monsenhor da patriarcal, se dom abade de Bernardos, declaro. Neste livro, se alguma vez a verdade gretar, é involuntariamente. Assim que me surgem escrúpulos, coço-os com a retificação. Escrever para a posteridade é assim.

Aquelas duas senhoras, ambas prolíficas, iam com os seus meninos já penugentos de buço a casa de D. Maria José; e uma delas, D. Rosenda Picoa, proprietária dum hotel na Travessa do Estêvão Galhardo, levava consigo um filho já barbaçudo que dizia ser literato-político, e se chamava Vítor.

Este sujeito é quem nos botequins andava pregoando a beleza e os dotes espirituais da filha do Sr. D. Miguel; e tão a miúdo e encarecidamente o fazia que sobrava razão a desconfiar que ele, amando honestamente D. Maria, queria subir pelo estribo do avô ao cavalo branco do timbre ducal das armas bragantinas, ou guindar-se ao banco de pinchar, para não ficar estatelado sobre o banco do ferrador. E D. Rosenda, mãe deste literato-político, algumas vezes deu a perceber à princesa que as suas entranhas maternais estremeciam de júbilo, quando sonhava com o himeneu de Vítor e Maria.

É certo que a neta dos reis se nauseava, se a indiscreta albergueira repetia semelhante injúria; mas tanto era seu juízo que nunca levou a desafronta além do silêncio.

Convém saber que Vítor, nos seus primórdios literários, quando se viu no Chiado, com a república a fervilhar-lhe nos miolos, ajuntou ao nome o sobrenome “Hugo”, crendo que o chamar-se “Vítor” era predestinação que o fizera sair já republicano da pia: e daí o assanhar-se contra os monarcas, à imitação daquela sublime vespa que zunia estrofes demagogas em jersey.

Obrigado pelo sobrenome, Vítor fez versos vermelhos como sangue de javali. As suas quadras cheiravam a gamela de fressureira. E também, nas prosas dele, as testas coroadas não eram tratadas com mais caridade que a sintaxe.

No entanto, os críticos ordeiros, vituperando a ira republicana do rapaz, diziam que não admirava raivasse tanto contra os nobres quem era filho de um sapateiro ao qual muitos fidalgos não haviam pagado os remontes, e neto dum ferrador a quem outros fidalgos não haviam pago as ferraduras.

Esta matraca, impressa nas gazetas, desvairou o literato que forçou a mãe a declarar pelos prelos que seu defunto marido não havia sido sapateiro; mas sim negociante de couros. Ninguém contestou; já por ser verdade, já porque ninguém podia desfazer na palavra da Sr.a Picoa, quanto à mercadoria do Sr. João José Alves, seu marido. Pelo que respeita ao ferrador, guardou ela judicioso silêncio em atenção às cinzas do dom abade de bernardos.

Manteve-se o político, não obstante, socialista e orador de assembleias populares até 1854. Neste ano, porém, aí por Maio, quando as árvores florem, e as calhandras trilam, e nas quebradas dos montes ervecidos ornejam as poesias líricas da preceptora de Balam, achou-se Vítor Hugo José Alves invadido de amor.

Se não amaria! Era Maio português, sazão de paraíso terreal, em que a todos nos quer parecer que o matrimônio foi inventado pelos cardeais na Primavera.

Notou-se então no país, e particularmente desde o Chiado até ao Rossio, que o Hugo da Travessa do Estêvão Galhardo gorjeava umas endeichas passarineiras que ninguém creia destiladas do mesmo crânio que trovejara Némesis clangorosas de odes republicanas! Ele, o Vítor, que dissera em dois versos:

Eu hei de avassalar os reis ao gênio, E pô-los histriões sobre um proscênio, E... etc.

Ele, que escrevera aquilo, vinha agora ofertando a uma “mulher-rainha” a monarquia da sua alma, à semelhança de Filinto Elísio que oferecera a sua em dois versos de um soneto salobro como infusão de chicória:

*Nise gentil, que até à sepultura
Terás desta minh'alma a monarquia...*

(Não podia deixar de ter a drástica mamona o verso.) Por algum tempo, o filho de Rosenda conciliou a mansidão de bardo amoriscado com as fumaças de publicista revolucionário; mas, por 1855, encontra-o a história literária e política da Europa a desviar-se notavelmente da vereda do Hugo, que lhe havia de ser bússola entre o Marrare das Sete Portas e o templo da memória, se ele antes não pudesse trocar o nicho perpétuo do Pantalcão por um lugar vitalício de aspirante de alfândega de raia seca.

Este gênio, cujas guedelhas serpejavam, revoltas e besuntadas, como ideias a espumem-lhe do cérebro à feição do muco esverdinado que esurma das fauces de um chacal, revirou-se com efeito, perguntando ao governo se era decoroso que a um filho do Sr. D. João VI— a um rei vencido se roubasse perversamente o seu patrimônio.

“À casa do Infantado, ao pão do proscrito, que lhes fizestes, ladrões?”, bradava Vítor Hugo José Alves no seu periódico socialista.

E acrescentava: “Roubastes o trono, desterrando o príncipe espoliado, como em encruzilhada da Calábria. Não vos bastava a usurpação de um título?

Roubastes o altar, expulsando os seus ministros mendigos. Não quisestes que sobrevivesse no cenóbio um só homem de bem que testemunhasse os vossos latrocínios!

Salteadores! À barra! Aos tribunais!, aos tribunais! “

Naquele tempo, o pudor dos ministros era mais histórico e provável que o da Lucrecia de Colatino.

O Ministério Público deu a suspirada querela. Inaugurou-se, pois, o martírio do Vítor Hugo português. Condenaram-no em vinte dias de gloriosos ferros, e nas custas.

É o que ele queria. Queria a hecatomba, para ele sozinho a glória, que nos sacrifícios antigos tinham os cem bois: becaton, cem: boús, boi. (Lardo de erudição que não fecha as portas da Academia a ninguém.) Queria a hecatomba, a via dolorosa da Boa Hora até ao Limoeiro, para depois, nobilitado pelo holocausto, se consubstanciar no coração de D. Maria. O cárcere sorria-lhe como um templo em que, velando as armas, saíria de espora de oiro, nobre e digno paladim da dama a quem se devotara, apostatando do Evangelho de Mazini, de Cabet, e do Hermenegildo do pão barato.

Declarou-se. Ousou remeter diretamente à neta dos Braganças o manifesto nem sempre humilde das suas aspirações. Estabeleceu confrontos de casamentos em que a desigualdade do sangue era retemperada pelo amor.

Respigando exemplos na própria família da noiva requestada, contou a aliança do representante dos senhores de Biscaia com uma neta de um duque de Bragança. Bem é de ver que o filho de Rosenda ousava equiparar-se aos senhores de Azambuja e Vale de Reis, inculcando-se produto de coito danado entre o dom abade de Cister e a ama-seca dos condes de Povolide.

E mais despejada petulância foi nivelar-se ele ombro a ombro com o fidalgo gentilíssimo de quem as mais augustas e belas damas de Portugal solicitavam à competência um sorriso, um relance dos olhos requebrados, uma frase lânguida de deliciosa pachorra. Ele, Vítor Hugo José Alves, a medir-se com as graças plásticas do garboso moço de quem um príncipe prussiano escrevera isto:... “O marquês de Loulé, com os vestidos dos grandes de Filipe II, pareceria decerto um Buckingham, ou o benquistado de todas as rainhas galanteadoras dos tempos feudais... Esse português admiravelmente belo e verdadeiramente perigoso... tinha enlouquecido tantas cabeças femininas...”

Como quer que parvoejasse em desplantes de tal atrevimento, Vítor cerrava a missiva fazendo votos porque o mais ditoso lance de sua vida fosse o instante em que ele Alves, dobrando os joelhos às plantas do rei legítimo, pudesse exclamar: “Pai, e senhor!”

Para servir-vos, braço às armas feito; Para cantar-vos, mente às musas dada.

Donde havemos de inferir que para uso de muitos tolos criou. Deus as mulheres formosas, e criou Camões os formosos versos.

CAPÍTULO 3: **D. ROSENDA**

Dizem que disse assim.

Bernardim Ribeiro, Menina e Moça.

D. Maria José de Portugal, bem que muito grata ao denodo cívico do literato, não entendeu que as filhas dos reis desentronizados devessem pagar com a moeda do matrimônio um artigo condenado, que, por via de regra, os empresários das gazetas costumam pagar à razão de oitocentos réis a publicistas de maior polpa.

Extremamente delicada, respondeu a Vítor Hugo em termos pautados pela mais atilada prudência, mantendo-se na alteza da sua dignidade, sem aviltar os brios do pretendente. Escreveu ela muito bem que as mulheres, nascidas nas grimpas culminantes, estavam, por isso, nas borrascas da vida, mais ao alcance dos raios da adversidade; que não podiam essas invejadas infelizes ser árbitras do seu destino, principalmente, se, como ela, tinham pai a quem a proscricção, usurpadora do trono, não pudera usurpar direitos sobre a alma de uma filha que o respeitava e adorava. Etc.

Com os acicates do orgulho cravados no epigástrico, onde a ciência diz que as paixões amorosas esporeiam mais, replicou o bardo absolutista. Dispensando os naturais raciocínios que desfazem quimeras de castas, combateu as razões de D. Maria de Portugal, inculcando-lhe a procedência visigótica de seu avô D. Guterres Pelaio, e o parentesco ainda não safado pelo atrito de dois séculos entre os duques de Bragança e os condes de Povolíde.

Maria não replicou, retransida de espanto. Sua mãe havia-lhe dito que as duas irmãs estalajadeiras eram filhas do estribeiro da casa de Povolide, e que Rosenda era viúva de um negociante de bezerro, que malbaratava os seus haveres no partido dos Cabrais. Era-lhe portanto espantosa nova o parentesco de Vítor Hugo José Alves com a casa real.

Como Rosenda a visse meditativa depois que leu a carta do neto de D. Guterres Pelaio, perguntou-lhe o que tinha, supondo que o amor motivasse aquela abstração.

A menina respondeu com inocente reparo que o Sr. Vítor lhe escrevera coisas de fazerem rezear que ele tivesse a razão alterada.

Pedi explicações a sobressaltada mãe. Hesitou algum tempo D. Maria José; mas, obrigada pelas instâncias, mostrou a carta.

O carão da viúva, já enfiado de susto, ganhou cores quando viu, no conteúdo da epístola, o infundado medo da menina.

— Ai!, não se assuste, senhora Dona Maria José... disse Rosenda velhaqueando certo pudor no trejeito das maxilas.— Meu filho está muito em seu juízo... Ele diz a verdade...

— Como?— tomou D. Maria José espantada.— Pois a senhora Dona Rosenda é parenta da casa real?!

— Sou, sim, minha senhora— volveu a filha do ferrador, baixando os olhos com pudicícia que parecia pedir misericórdia para as fragilidades da mãe. E prosseguiu, tirando dois suspiros do esófago, e rolando os olhos na direção do céu, de onde provavelmente a estava ouvindo a alma do pai:

— Perdoai-me, minha santa mãe, se ofendo a vossa memória!

E, expectorando outro bafejo a modo de gemido puxado do diafragma, continuou:

— Minha mãe era galante, e foi educada no Mosteiro de Odivelas, onde tinha já estado também minha avó, que era sobrinha de uma ama de leite que criou um filho da freira de el-rei Dom João V, a qual freira se chamava por sinal a Garça, e o menino chamava-se Antoninho. Não sabia destes amores do rei com a freira, senhora Dona Maria?

— Ouvi contar... — respondeu a outra, um tanto pesarosa de recordar esta fraqueza do seu quarto avô.

— Talvez não saiba uma coisa que minha bisavó contou a minha mãe... E era que a freira recebia o rei na cela, e que o rei saía de lá até à portaria debaixo do pátio com a abadessa atrás e mais a comunidade.

— Não me conte semelhante desatino, que isso é calúnia!— acudiu a neta do fundador da igreja patriarcal de Lisboa.— Afligem-me essas funestas e deturpadas páginas da história de minha avó.

— Eram usos daquele tempo, minha senhora— observou etnograficamente D. Rosenda Picoa.— As freiras tinham enguiços que enfeitiçavam toda a fidalguia e mais os padres, que era mesmo uma pouca-vergonha, perdoe-me a expressão, que não é muito civilizada. E então o senhor Dom João V? Isso era um ratão! Olhe que ajuntou na Palhavã três filhos de diferentes mulheres! Mas bom pai era ele, honra lhe seja! Dizia minha avó que os pôs todos ao serviço da Igreja, fazendo-os inquisidores, e arcebispo um deles, chamado o Flor da Murta. E os amores que ele teve com aquela cigana, chamada Margarida do Monte...

— Acabe com isso, senhora Dona Rosenda!— interrompeu D. Maria José ofendida pela teimosia de escavar escândalos nas cinzas do criador da Capela de S. Roque.

— Pois, sim, menina, eu vou acabar o que tinha a dizer. Como eu vinha contando, minha mãe foi educada em Odivelas com uma freira muito prognóstica, que eu ainda conheci na Rua da Bombarda a viver com o pregador da casa real, o padre José Agostinho de Macedo, muito amigo do seu paizinho. Ora minha mãe casou com um sujeito que ela imaginava cavaleiro, porque o viu a cavalo na companhia de alguns fidalgos que namoravam as freiras; e, só depois que casou, é que soube que ele era estribeiro dos condes de Povolide. Ora imagine, minha rica senhora, a embaçadela que levou a noiva quando soube com quem estava casada, tendo rejeitado as ofertas de muitos titulares que lhe tinham querido pôr casa e sege em Lisboa! Enfim, não havia remédio a dar-lhe. Resignou-se com a sua sorte, e foi viver às Picoas no palácio onde estava o impostor do homem. Minha mãe era tão querida das fidalgas que até a levavam consigo a visitas como aia e mestra dos meninos. Os senhores de casa e de fora perseguiram-na de dor de ilharga, perdoe-me a expressão, que não é muito civilizada; ao mesmo tempo que o libertino do marido andava à gandaia por touradas e pagodes, sem se importar com ela. As mulheres não são santas, não é verdade, menina? Minha mãe era uma pérola! Ai!, que anjo do céu

aquele! já não nas há daquela raça! Resistiu às tentações, passante de dois anos; mas, por fim, o coração desconsolado da infeliz esposa enfraqueceu, e... rendeu-se!...

Deteve-se D. Rosenda algum tempo recolhida na sua dor, e continuou:

— Depois daquela desgraça, nasci eu. Meu pai era um alto dignitário da Igreja, que morreu de apoplexia, na véspera mesmo de um sábado em que tencionava reconhecer-me e fazer testamento a meu favor e da minha irmã Eufêmia, legando-nos os apelidos e uma herança em harmonia com o nosso nascimento.

Aqui, D. Rosenda, a malograda herdeira, limpou os olhos onde apenas espumava a umidade serosa duma oftalmia crônica. Depois, ajuntou com suspirosas intercadências:

— Minha pobre mãezinha morreu de saudades de meu pai... sim, de meu pai... quero dizer do outro percebe a menina? O homem dela morreu primeiro duma borracheira em Queluz onde foi com os fidalgos de bambochata. Achei-me sozinha com minha irmã, tidas e havidas na baixa conta de criadas de nossas primas. Esta posição não se dava com a nobreza do meu sangue. Quis ver se me admitiam como criada ordinária do paço. A mãezinha de Vossa Excelência que tinha então muito valimento, e nós conhecíamos desde que a vimos, linda como as estrelas do céu, a passear leites na Quinta das Galveias, pediu por nós; mas não havia lugar. Resolvi casar-me com o primeiro homem endinheirado que me fizesse a corte, fosse ele o próprio diabo em pessoa. Apareceu-me neste comenos o meu defunto Alves, que constava ter cinquenta mil cruzados em sola e dinheiro. Casei-me. Ai!, foi outra logração como a que levou minha mãe que Deus haja! Ora oiça, menina. O meu esposo, desde que os chamorros o fizeram pedreiro-livre e regedor, e lhe deram o hábito de Cristo, não quis saber mais de negócio. Entregou os armazéns aos caixeiros que nos roubaram; e, à volta e meia, foi-se tudo, e aqui fiquei eu viúva, na flor da idade, com o meu Vítor no berço, e... quer saber? Ainda tive de pagar as custas duma querela por causa dumas cacetadas que meu marido dizem que dera nas eleições!

D. Rosenda, neste agoniado lance da sua crônica, escumou os olhos com o lenço, e prosseguiu, enquanto D. Maria a contemplava com enternecido semblante:

— Poucas viúvas se portariam como eu me portei... ficando pobre e bonita, sem amparo de alguém, senão da senhora Dona Mariana de Portugal, sua mãezinha, que nos valeu em grandes apertos...

— Não esteja agora a lembrar-se disso, minha senhora...— atalhou D. Maria José.— Está bom, está bom, conversemos noutra coisa...

— Tudo isto que eu disse— voltou a viúva do pedreiro-livre— veio a propósito de o meu filho escrever nesta carta que os seus avós são parentes da família real. Se eu sou filha de quem sou, e ele é meu filho como de fato é, ninguém pode duvidar que nobreza não nos falta... assim nós tivéssemos dinheiro, não acha?— E ajuntou sorrindo e festejando as faces de D. Maria com dengosas meiguices:— Sossegue, menina, sossegue que meu filho não está doido nem para lá caminha. O que ele aqui diz na carta é verdade pura, e bem certa estou que foi a paixão que o obrigou a declarar isto; porque ele foi sempre republicano e nunca se lhe importou com os avós; pelo contrário, quando eu lhe contava quem era meu pai, o rapaz metia-me a ridículo, e até uma vez lhe preguei uma bofetada por ele me dizer que acreditava que eu fosse fidalga por ser muito burra.

D. Maria deu visíveis sinais de enfastiada da longa prática, e assim tratou de cortar o discurso por onde Rosenda pendia a lhe propor francamente o enlace com o filho.

Voltando despeitada a casa, contou a albergueira o sucedido, e concluiu por estas acrimoniosas palavras aceradas com um perverso sorriso:

— Ela não quer casar com o nosso Vítor... tu verás... Enfeita-se para o primo duque de Cadaval provavelmente... Ora queira Deus que eu não venha a pôr-lhe a calva à mostra... O folheto ainda ali está na gaveta...

— Ó mulher!— acudiu Eufêmia— não me fales no folheto, que já foi a causa da morte de Dona Mariana! Tu bem sabes que tudo que ali escreveram é falso... Não metas a tua alma no Inferno! Deixa-a lá casar com quem ela quiser.

Ora este folheto... A seu tempo.

CAPÍTULO 4: O ESTÔMAGO DE VITOR HUGO

Da vara de Epicuro idôneo porco.

Horácio, Epit, Liv. I.

E o literato, como a filha do infante lhe não contradissem a linhagem realenga, nem lhe nevasse desdêns sobre o coração ardente, pediu explicações à mãe, que lhas deu, senão lisonjeiras, inofensivas do seu orgulho.

Era muito para lástimas ver aquele rapaz tão soberbo dos desaforados braços que lhe procediam da desonestidade da avó! Tolejando quimeras da sua mascavada jerarquia, cachoava-lhe o sangue como no empenho que, meses antes, desvelara em nivelar-se com a plebe, no intento de lhe trepar aos ombros sórdios para de lá ser visto. E aí, no atascadeiro da escumalha social, era ele mais nauseativo, porque toda a gente limpa se arreda do cerdo que sai dum esgoto, sacudindo-se.

Operou-se, todavia, notável mudança no gênio e costumes de Vítor Hugo, restituído à liberdade. Os mais aristocratas fautores do grupo absolutista acarearam-no ao seu grêmio, às suas assembleias clandestinas, às suas novenas secretas, e à sua maçonaria, se tal nome quadra à Ordem de S. Miguel da Ala na qual o adepto foi armado cavaleiro, chamando-se Fuas Roupinho nome de guerra.

Entretanto, a menina revelava-lhe candidamente sentimentos de afetiva gratidão, e folgava que ele se nobilitasse na convivência de pessoas distintas e amigas de seu real progenitor, as quais lhe confiavam cartas do príncipe para que a filha as visse, e por elas lhe repontasse aurora de esperança na longa noite da sua saudade filial.

Mas, na correnteza destes sucessos, Vítor, por muito que melindrosamente escrutasse o coração de D. Maria José, não se via lá. Sem embargo, o cavaleiro de S. Miguel da Ala, cobrando alentos, prudência e heroísmo do seu patrono Fuas, confiara-se aos lances do acaso, às transformações do tempo, à versatilidade femeal, e, enfim, a um imprevisto rapto de amor, não raro em peitos sensíveis das senhoras.

Outra coisa agora. Não é vulgar contarem romancistas de que vivem os poetas das suas novelas. Provavelmente, como os desenham mais em espírito que em

substância adiposa, esgalgados, esbatidos, fumarentos, na vigésima dinamização de fibrina, mais etéreos que azotados, o público incauto cuida que eles não comem, e se nutrem das brisas lusitanas, pelo mesmo sistema fisiológico das éguas portuguesas que concebiam das mesmas brisas, segundo assevera algures Frei Bernardo de Brito e eu também.

Muitos anos há que escrevo biografias de poetas e outras pessoas fantásticas, sem descurar o capitalíssimo predicado da sua maneira de se alimentarem.

Bem sei que vai nisto prosaísmo plebeu, e por isso me hão de malsinar de imortalizador de bagatelas com igual razão da que apodam Camões por entremeter na vida épica de Vasco da Gama o tacanho caso de não se ter podido vender de pronto a pimenta que o herói ia negociando nas feitorias asiáticas. Ora os críticos fingem não saber que a pimenta, o cravo e a canela explicam melhor que todo o restante, poema o patriotismo de D. Vasco; e que, na mesma razão explicativa, está para Vítor Hugo José Alves o bife do Mata, a dobrada do Penim, o pato da Praça da Alegria e o linguado da Taberna Inglesa.

Não me dispenso, portanto, de espreitar com um olho no coração, e com o outro a cozinha deste sujeito, e também o guarda-roupa, desde que ele se nos estadeia vestido com apontado primor, e nutrido nos mais seletos restaurantes da capital. Não era ele assim quando esbombardeava contra o altar e o trono. Parecia querer então inculcar que se vestia na Feira da Ladra e que ao abismo profundo do seu desprezo das frioleiras humanas atirara os figurinos do Keill e do Catarro, juntamente com a Carta Constitucional, com o código do bom-tom, e com os tratadistas higiênicos, quanto a lavagem de cara, orelhas e dentes. Haviam-lhe dito ao sórdido que Cabet e Proudhon andavam sujos; e deveras lhe doía desconfiar que o Vítor Hugo francês se lavava todos os dias. Este requinte de limpeza tinha para ele ofortum burguês impróprio do gênio.

A sua alimentação predominante era alface, espinafre, e a fava em grande cópia no tempo. Rejeitava carnes vermelhas e brancas, porque o azote era elemento infesto ao cérebro e portanto obnoxio às funções do intelecto. Em compensação, comia à tripa-forra pescadinhas marmotas em razão de abundar no peixe o fósforo que é grande parte na estrutura do cerebello.

Afora as indicações da ciência, este regime era-lhe aconselhado por intuitos de ordem assaz psicológica e social. Como o seu propósito fosse caldear e refundir

o gênero humano, recuando-o à simplicidade dos costumes patriarcais, estudava em si mesmo o retrocesso *dofillet-aux-trouffes* à bolota crua, afrontando com selvática heroicidade os apetites, as cobiças, as fomes, as tantalizações que separam Apício de Epicuro.

Esta luta do eu— abdômen com o eu— psique trazia-o magro e esgrouvinhado. Da cabeça revolta, onde toda a vitalidade se lhe congestionara, estourava-lhe a ideia com umas fulgurações indicativas de excesso de fósforo, extraído do goraz e do carapau. O seu rancor às praxes triviais da arte comum de falar da retórica merceeira— como ele dizia— manifestava-o em discursos e escritos com argumentos *ad odium* contra quem comia bons bocados. Os preceitos da gramática e os cânones da lógica— coisas crassas e sandias – asseve-rava ele que tinham sido ideadas por monges atoucinhados em alma e corpo pelo pingue refeitório da orelheira afeijoadá.

Além da injúria que Vítor Hugo José Alves irrogava à gramática, aos frades e às vitualhas saborosas, acrescia que esfuziava tempestades de frases horrídas contra as ucharias reais, inventariando as vitelas e bois que semanalmente eram espostejados nos paços, depois de haverem atravessado as ruas de Lisboa amortalhados em xaréis com as armas brigantinas. O disparate da censura faria rir à desgarrada os ouvintes, se a cara do orador não estivesse pregoando ao mesmo tempo quanto é para sagrados horrores a eloquência dispéptica da fome, e as refulgurações acendidas pela superabundância do fósforo. Segundo ele, a sanguínea lubricidade dos sujeitos gordos procede da demasia dos glóbulos rubros do sangue enriquecido pelas carnes esmoídas nos vinhos seculares.

Depois, na ladeira destas supremas sensaborias, esbarrava na lista civil. Era então o remontar-se a raptos proféticos em toada bíblica, e assomos de Ezequiel, e conclusões tanto a frisar que eu, uma vez, assim admirado quanto aterrado, lhe ouvi dizer que ele, sonhador da felicidade do povo, tinha visto uma visão de sete vacas magras escomarem sete vacas gordas, e derrubá-las. O meu terror não seria escorreito, se ele depois não acrescentasse que as vacas magras eram a república, e as vacas gordas a monarquia!

Tal era o díscolo nos seus dias de glória, de fome cívica, de quinzena coçada, e do fósforo dos safios e cações.

Como se fez por fora a transfiguração que mal pode explicar-se pelo reviramento do espírito?

A nediez da epiderme, os caracóis da cabeleira, os camafeus da abotoadura, a fantasia das gravatas que pareciam aves do Amazonas, a luneta de ouro, o bigode encalamistrado, o lemiste do fraque, a bota do Sthelpftigg, a badina de unicórnio, o galhardear das atitudes e, sobretudo, a nutrição— quem lhe deu tudo aquilo ao Élho de Rosenda?

O chamar-se Fuas Roupinho politicamente, o afivelar a espora de cavaleiro da Ala, não nos autoriza a decidir que ele, em arrancadas contra sarracenos, se apossasse cristãmente do tesouro de algum rei mauritano. Conjecturar que os partidários da realeza se fintassem para arraçoarem no presépio o futuro continuador d'A Besta Esfolada, também não é racional, atendendo à plêiade de talentos que lá reluzem com habilidade para mais.

Então que era?

CAPÍTULO 5: O CORAÇÃO DE D. ROSENDA

Agnosco ve" s vestigiaflammae.

(Cá sinto inda o calor da antiga brasa.)

Virgílio, Eneida li., IV, V. 23.

Estava um dia D. Maria José de Portugal lendo A Nação, e de súbito as lágrimas lhe turvaram os olhos. Acabava de ler a piedosa senhora uma invocação aos esmoleres amigos do príncipe desterrado, tanto mais compungente quanto o trágico articulista historiava as penúrias do filho de D. João vi, desde o dia em que D. Miguel, conforme o testemunho do visconde de Arlincourt, não tivera em Roma com que comprar o leite para o almoço.

Da concentração lacrimosa passou D. Maria, de repente, a uns transportes de alegria desacostumada, exclamando de golpe:

— Como é bom ser rica! E, feita breve pausa, acrescentou já menos expansiva:— Rica!... eu não sou rica!.... mas em comparação de meu pai, tão pobre, tão infeliz, tenho muito!

Em seguida, escreveu a D. Rosenda Picoa, anunciando-lhe “a primeira radiação de júbilo em sua vida, e a ânsia em que ficava de lhe revelar os seus anelos”.

A mãe de Vítor, lendo a carta, disse alvoroçada à irmã:

— Tenho nora!

— Tens nora?— exclamou Eufêmia.— Então diz-to? Ela quer?

— Não se explica bem; mas eu já lhe entendo o palavreado. Ouve lá mana.

E releu a carta, acentuando cada palavra com intimativa perspicaz para enfim interpretar complexamente que D. Maria José de Portugal se achara de salto possuída do amor que ela, em sua linguagem perfiquiteta, chamava “anelos.”

— Essa palavra “anelos” — observou D. Eufêmia, arregaçando o beijo de baixo, com o dedo indicador— parece-me que é isso mesmo que tu dizes, mana Rosenda... Não te lembras... ora puxa pela memória... não te lembras das cartas que te escrevia aquele furriel de Lanceiros quando ficaste viúva? Chamava-te “meu anelo”.

— Não era o furriel— corrigiu Rosenda.— Quem me chamava seu “anelo” era o Peixoto.

— O capitão da carta? Tens razão; era esse... Pois dizes bem; o que ela quer dizer é isso. Anelo é amor. Ora espera, mana... Eu também agora me estou a recordar de não sei quem que me dizia que eu era os seus anelos, ou anelitos... Não sei se era aquele tenente de marinha que nos deu de almoçar na barcaça dos banhos, se era o Januário da Rua dos Fanqueiros...

E, reparando na melancolia da irmã, disse adocicando o tom:

— Estás triste, mana! já sei o que é... Lembrei-te o Peixoto... Se eu soubesse...

— Ai!— suspirou Rosenda pondo a mão no lado esquerdo do peito.— Ainda aqui me palpita por esse ingrato! Quando o encontro, ainda não sou senhora de mim! Se amei alguém neste mundo, foi ele! Dizias-me tu, quando o pérfido se casou, que o melhor sistema era o teu: amar outro até esquecer aquela pessoa. Bem quis... mas vou-te agora confessar que nem o deputado Elias me fez esquecer o Peixoto!...

— Não é tanto assim, mana...— emendou Eufêmia.— já depois andaste muito apaixonada pelo cônego Antunes, pois não andaste?

— Gostei dele— respondeu Rosenda langorosamente requebrada.— Não desgostei... mas amar de paixão foi só uma vez... Ai!, o Peixoto!, o Peixoto, não sei que feitiços me fez...

Concentrou-se largo espaço com os olhos vidrados de lágrimas, e exclamou por fim com abrupta cólera:

— Canalhas! O Elias, quando depois foi ministro, pedi-lhe que me arranjasse uma pensão já que o meu defunto Alves perdeu tudo na política dos Cabrais e nada me fez, o patife! O cônego Antunes, quando foi despachado bispo para o Ultramar, pedi-lhe que falasse aos ministros na minha pretensão, e safou-se sem me dar cavaco! Corja de tratantes!, que tomem para cá!...

Não pareça caricatura a vaidosa precaução com que a Sr.a Picoa se resguarda ou finge acautelar-se das tentações, escarmentada por vários casos funestos. As decepções experimentadas podem ainda aproveitar-lhe, se ela esconjurar os embelecões de um major reformado que protestou induzi-la a trair certo professor de belas-artes, cuja ternura, como se viu, não tapou os lacrimais sempre gotejantes da saudosa Rosenda, quando lhe punge na lembrança a imagem do capitão da carta— aquele Peixoto que lhe desfibrinou o melhor sangue do coração.

D. Rosenda não pôde ainda atravessar despercebida a corrupção do século. Tem quarenta e sete anos remoçados pelas madeixas postiças que lhe enquadram o rosto besuntado de posturas. Pisa ainda com a firmeza e garbo de meneios que hoje em dia desonestam o decoro de quem os usa; mas que, naquele tempo, era o estilo das damas que havia já florescido em 1834, e não mostravam desesperado empenho em ser citadas como exemplares de castidade. Favorecida pela magreza que, no lapso de trinta anos, desiludira os enfeitiçados de sua elegância, desde o seu defunto Alves até ao cônego, desde o lírico amador, que lhe chamava anelo, até ao major reformado que lhe chamava o osso do seu osso, D. Rosenda estofava e boleava os músculos, mantendo a flexibilidade e donaire que muitas damas ainda viçosas perderam logo que os tecidos espessos refegaram e descaíram placidamente.

Lisboa, como todas as capitais das nações que têm civilização, gás e ostras, encerra bastas mulheres da têmpera de Rosenda, pomos menos proibidos que sorvados, criaturas observantíssimas, em demasia talvez, daquele preceito colonizador com que Moisés justifica Rosenda e as outras filoginias dadas às contemplanções genéticas.

Isto de acabar cedo para o erotismo, o esfriar do sangue, o atrofiar dos nervos, é triste condão das mulheres provincianas.

As que viveram cinco anos da mocidade curvadas sobre o berço dos filhos, estilaram no seio deles todo o seu coração, bafejaram-lho nos beijos; o namorado brilho dos olhos desluziram-lho as lágrimas de uma noite desvelada à cabeceira de criancinha enferma; sorrisos de amor ou desdém perderam a doçura ou o agro— já a ninguém enlouquecem de júbilo ou desesperação: é um sorrir para filhos e para Deus que lhos há de manter e guiar. Isto é formoso e santo; mas as mães assim envelhecem cedo; as cores do rosto esmaia-lhas o gear interno; não lhes esmalta a vida uma réstia de sol da alma, não as desperta o alvoroço de sonho apaixonado, nem a esperança lhes enxuga nas pálpebras cerradas uma lágrima de saudade. Ninguém as vê, ninguém as ama; porque, na voluntária abdicação da mulher esquecida de si, e toda absorvida nas graças das vidas que estremece, há uma glacial repulsão que não deixa aquecer em peito de homem desejo impuro. Os filhos, que a rodeiam, são uns como que baluartes sagrados. Primeiro amor e último, maternidade, insulação, muitas mágoas, raras alegrias, uma Primavera com flores abertas, e logo fenecidas; e depois, memórias sacratíssimas, e a posteridade que atribui a sua honra à bênção da alma digna do céu.

Ó Lisboa, que vantagem levaria a tua civilização à das províncias, se lá houvesse duas destas mulheres, além duma que é decerto a esposa do leitor!

CAPÍTULO 6: O SANTO CORAÇÃO DE FILHA

Tu lanças de ti três raios: Beleza, inocência, aurora.

Guilherme Braga, Heras e Vioktas.

Acudiu pressurosa Rosenda ao chamamento de D. Maria; e, para logo mostrar à

conspícua menina que lhe percebera as figuras do estilo, entrou exclamando ridentíssima.

— Com o amor não se brinca, minha querida menina. Quando o coração empurra, a cabeça vai para diante. A gente, por mais que faça, não resiste ao que tem de ser. E mau é que nos amem; que nós, frágeis por natureza, mais hoje, mais amanhã, amamos quem nos ama, não acha?

D. Maria José, fitando os esplêndidos olhos na iluminada e trejeitosa cara da Sr.a Picoa, ficou-se pasmada sem perceber nem responder. A mulher anelada do capitão da carta, atribuindo a pudor o silêncio espantadiço da menina, continuou gesticulando como criatura de ralé, que não houvesse sido polida pelo deputado Elias e pelo cônego Antunes:

— Não se acanhe, que eu bem sei o que é um coração de donzela. Já por lá passei; e, pudesse eu voltar aos dezoito, que eu escolheria onde quisesse e me fizesse conta. Eu sempre gostei dos homens sábios; mas, como não amei senão o meu Alves, fiquei sem saber o que é a satisfação de estar uma senhora constantemente a ser adorada de um poeta. O meu defunto não era tolo; mas também disto de ciências e escrever nas folhas não sabia nada. E, veja o que são as coisas, o meu Vítor Hugo saiu esperto como a menina vê e o sabe apreciar melhor que eu! Dizia-me a este respeito o deputado Elias, que foi meu hóspede – a menina bem se lembra daquele deputado baixo e gordo -, pois dizia-me ele, muito admirado do talento de Vítor, que o menino havia de vir a ser em Portugal uma coisa grande. E eu, por amor disso, não me poupei a despesas: mandei-lhe ensinar tudo quanto há... Ainda bem que ele achou uma senhora que lhe soube dar a devida estimaçãõ!... Há muitas meninas em Lisboa que namoram asnos, perdoe-me a expressão que não é muito civilizada. O que elas querem é chelpa, e marido seja lá como for. São raras as que sabem apreciar a poesia e os dotes de um rapaz fino. Graças a Deus que o meu Vítor Hugo amou quem é digna dele! Cheguei ao que tanto desejava... Vou ter uma filha que me há de dar netos muito lindos... Se não fosse ser ela quem é, eu não queria ainda ser avó...

D. Rosenda cascalhava umas casquinadas com o mais desgracioso e tolo artifício, quando D. Maria perguntou serenamente:

— Então o senhor Vítor vai casar?

— Se vai casar!— acudiu Rosenda estupefata.— Pergunta-me isso a menina?

— Sim, minha senhora... Pois não acaba de me dizer que seu filho encontrou uma menina que o sabe apreciar!?

— Ora essa!— tomou a mãe do poeta, avincando o sobrolho -, ou a senhora está a desfrutar-me, ou estou doida varrida! Pois a menina não me escreveu uma carta...

— Sim, escrevi, pedindo-lhe o favor de aqui chegar...

— Para me contar os seus anelos...

— É verdade, para lhe contar que sou feliz com a certeza de que posso ser útil a meu pai, que recebe esmolas dos portugueses... envergonhados de estar um príncipe português mendigando o pão estrangeiro...

— Ah!— atalhou Rosenda, prolongando a exclamação à medida do seu azedume mal disfarçado.— Então, pelos modos, a menina quer dar o seu dinheiro ao senhor Dom Miguel?!

— Com a melhor vontade e o mais inteiro contentamento. Nunca me senti feliz como hoje. Imagino que cada pessoa deve receber dos tesouros do céu igual porção de bens da alma, de alegrias puras. A uns sorri a fortuna em gozos de cada dia; a outros, em meio de muitos anos lutosos que passaram e de outros escuríssimos que hão de vir, abre-se-lhes o céu em súbitas torrentes de felicidade, que trazem consigo em uma hora todos os júbilos de longa vida satisfeita.

D. Rosenda abria a boca a ver se percebia, enquanto D. Maria de Portugal continuava:

— Foi Deus comigo liberal e justiceiro, dando-me esta ocasião de poder mandar a um rei sem trono, e a um príncipe português sem teto que o cubra nos paços dos reis seus avós, recursos que devem ser valiosos para o indigente que os pede; e confio que ele os receba sem pejo porque lhos manda uma filha.

— Então a menina— repisou D. Rosenda em tom repreensivo— quer dar o que tem e ficar pobre! ?... Estou passada! Que tenciona fazer depois, não me dirá?

Sim... pergunta a minha curiosidade, depois que der as suas inscrições e a sua casa, para onde vai?

— Eu ainda lhe não expliquei todo o meu pensamento...

— A senhora Dona Maria José tem o coração de uma pomba— prosseguiu a Sr.a Picoa, desdenhando a interrupção explicativa -, mas há de dar-me licença que eu lhe diga que não tem juízo para regular a sua vida... Coração toda a gente o tem; mas cabeça... isso é raro.

— Eu lhe respondo, senhora Dona Rosenda— insistiu reportadamente a filha do Sr. D. Miguel, sofrendo a rédea aos instintos soberbos que por natureza e raça lhe deviam beliscar o pundonor.— A minha tenção não é mandar a meu pai tudo quanto possuo. Ele mesmo receberia com desprazer, se o não recusasse, o benefício de uma mulher que, depois da sua imprudente liberalidade, se expusesse aos aviltamentos que mareiam a pobreza, e a não deixam mostrar-se à luz a que as senhoras opulentas costumam alumiar as suas virtudes, Repito, minha senhora, não dou ao senhor Dom Miguel tudo que possuo; mas decerto darei tudo que me sobra. Eu vivo com pouco. A minha amiga sabe que os meus alimentos e vestidos não requerem grandes despesas; mas, ainda que eu estivesse habituada às pomposas superfluidades da despensa e do guarda-roupa, corrigia as loucas demasias, logo que soubesse que meu pai pedia aos homens de quem foi rei os sobejos da minha mesa e do meu toucador.

— Mas...— interrompeu D. Rosenda com ar de quem entendera.

— Deixe-me dizer o resto, e depois ouvi-la-ei com prazer, minha senhora. Tenho esta casa e nove contos de réis em inscrições. A casa não a dou por ora, mas dá-la-ei também, se meu pai carecer do valor dela, e irei servir, se com o meu abatimento e baixeza puder obstar a que o aviltem. O produto das inscrições quero enviar-lho, exceto a quantia precisa para eu abrir nesta casa um estabelecimento de luvas.

— Luveira!— bradou D. Rosenda persignando-se e exprimindo pausadamente as palavras da cartilha.— Luveira!, a filha do senhor Dom Miguel! O céus, que escuto! Que dirá sua mãe no outro mundo se a vir a fazer luvas!

— Minha mãe, se me vê do outro mundo, há de abençoar-me— respondeu placidamente D. Maria José.— Não há trabalho desonroso, nem ociosidade

honrada, senhora Dona Rosenda!... Que dirá minha mãe no outro mundo, disse a senhora! Pois eu não sei a vida de minha infeliz mãe nos seus últimos anos! Não a conheci aparentemente rica? Não vi saírem da cocheira a carruagem e os cavalos penhorados? Esqueci eu já que minha mãe teve um hotel, e que nem aí, em tão obscura e humilde paragem, a desfortuna deixou de a perseguir? Que mais brasões tem a hospedaria que a loja de luvas?

— Faz diferença...— explicou D. Rosenda em desafronta do seu hotel na Travessa do Estêvão Galhardo -, faz muita diferença, muitíssima! A dona dum hotel está nas suas salas, no seu escritório, tem criados que servem, e dispensam de tratar cara a cara com os hóspedes, percebe? A menina bem sabe que eu nunca admiti à minha mesa, senão o deputado Elias, que depois foi ministro, e o cônego Antunes, que depois foi bispo. Eram dois cavalheiros que me tratavam com o maior respeito, e nunca me disseram a menor desatenção num tempo em que eu não deixava de ser galantinha. Ora agora, uma luveira é outra coisa. Tem de estar ao balcão à espera de quem vem. Entra um, entra outro, chalaça daqui, chalaça de acolá, faz lá ideia?! E, quando se tem a cara da menina, imagina lá os atrevimentos que lhe hão de dizer os rapazes, ainda que saibam que a menina é filha de quem é? Hoje em dia, não se respeita senão o dinheiro... Luveira!, a senhora Dona Maria José de Portugal luveira! Sabe que mais? A menina leu tanto que tresleu! Essa sua ideia faz-me lembrar o teatro onde aparecem passagens que não acontecem neste mundo. Se leu em novelas algum caso desses, mande as novelas e mais quem as fez ao Diabo, que não fica rico com o presente. Os romances são patranhas que perturbam as cabeças do sexo sem prática do mundo, como bem dizia o cônego Antunes. Enfim, minha senhora, o dinheiro é seu, pode atirá-lo à rua se quiser; mas eu, para desagruar a minha consciência de escrúpulos, declaro-lhe que faz grande asneira, e perdoe a expressão que não é muito civilizada.

E como D. Maria permanecesse largo tempo silenciosa, folheando distraidamente um livro, D. Rosenda coligiu que a mudez era perplexidade, e talvez uma saudável reconsideração, devida ao acerto de suas razões. Vaidosa pois do triunfo, ganhou fôlego e prosseguiu:

— Quer a menina fazer bem a seu pai? Dê tempo ao tempo. Arranje-se primeiro. Case com quem saiba aumentar a sua fortuna, e depois reparta do que lhe sobejar; mas de feitio que os seus filhos não fiquem a pedir, por causa

de serem netos duma pessoa real. Pois não é assim ? Se a senhora Dona Maria der o que tem e se puser a vender luvas, cuida que acha pessoa de teres que a queira para esposa, apesar de ser muito linda? Não há de faltar quem a queira; mas a felicidade, que lhe há de vir desses pretendentes, Deus ma desvie da porta pela sua divina misericórdia...

— Está bom!— cortou D. Maria José, com enfado e sobranceira.

— Não se zangue, minha senhora... O que eu lhe digo é o que sua mãezinha lhe diria...

— Não ofenda a memória de minha mãe, que foi uma desgraçada digna de respeito.

A viúva do mercador de couros sorriu então com um tão brutal esgar de boca e olhos que fez transluzir no semblante de D. Maria a raiva de ver-se afrontada por aquele trejeitar de beiços que lhe pareceram estar escarnecendo a memória de sua mãe.

— De que se ri a senhora?— perguntou desabridamente.

— De que me rio? Pois a gente não há de rir-se, quando ouve despautérios? Em que ofendi a memória de sua mãe? Essa é boa! Então dizer eu à filha do senhor Dom Miguel e da senhora Dona Mariana Rolim de Portugal que não se faça luveira, é ofender a memória de sua mãe! Ora, minha senhora, não nos entendemos! A menina é sábia, lê livros e casos românticos; e eu cá, a respeito de livros, basta-me a experiência, que não é mau livro, e o mundo, que não tem pouco que ler... Enfim, minha menina, estou às ordens de Vossa Excelência, e hei de amá-la sempre como filha, tanto me faz que seja luveira como rainha. Prometi a sua mãe, quando a fui encontrar nas agonias da morte, que enquanto eu fosse viva a menina não passaria precisões. E, se as não passou porque teve quem lhe desse uma mesada, também as não passaria, se nada tivesse de seu. Deus permita que não; mas, se alguma vez a senhora Dona Maria José chegar à pobreza, há de achar-me tão sincera amiga como fui e sou.

A menina, comovida e repesa da altivez com que interrogara a amiga de sua mãe e sua gasalhosa hospedeira em anos perigosos, abraçou-a, pediu-lhe desculpa, e ao mesmo tempo protestou, soluçando, que não deixaria de socorrer seu desvalido pai.

— Faz bem, faz bem, menina!— obtemperou Rosenda sensibilizada e, ao mesmo tempo, previdente.— Se seu pai voltasse ao trono...

— Nunca mais!— murmurou D. Maria com os braços pendidos e os dedos entrelaçados -, nunca mais!

— Porque não?!— replicou a mãe do vidente, que assoprava à pira do fogo sacro no escritório da A Nação.— Tenha esperanças, menina! Meu filho diz que o senhor seu pai há de vir, e há de ser ele mesmo, o meu Vítor, quem o há de pôr no trono!

— O senhor Vítor é poeta...—olveu D. Maria, sorrindo melancolicamente.— Cuida que as frases inspiradas pela justiça fulminam as iniquidades dos homens. Engana-o a miragem do gênio, que se julga onipotente. Os raios do talento não são como os do céu que vão direitos aos duríssimos brilhantes e os pulverizam. A sociedade sabe e a experiência mostra que os coriscos, arremessados contra os poderosos apagam-se quando o resplendor do ouro os deslumbra...

— Sempre é muito esperta!— interrompeu D. Rosenda ingenuamente admirada.— A gente esquece-se a ouvi-la, minha senhora! Quantas vezes o deputado Elias me disse que a menina havia de ser uma grande capacidade! O meu Vítor Hugo diz também que a senhora Dona Maria José, se quiser, pode idear novelas. Porque não dá a menina alguma coisa à luz? Escreva um romance de amores...

— De amores!...— obstou, sorrindo, D. Maria -, como hei de eu escrever do que não entendo?

— Não entende! ?... Boa vai ela! O amor não tem nada que entender. Quem ensinou os passarinhos a amar?, não me dirá? A natureza tanto ensina os animais como a gente. A menina, se não sabe, é porque não quer.

— Não posso, nem penso em tal. O amor só entra em corações abertos ao contentamento. Alma em trevas não atrai raios de luz tão intensos. O amor é como o sol que decerto não brilhará neste recinto, se eu conservar as janelas fechadas duma noite a outra noite.

— Ora deixe lá...— redarguiu em excelente prosa a quinhoeira do lirismo do deputado Elias.— A senhora Dona Maria José há de pagar o tributo como as

outras: se não for Sancho, será Martinho. O que a menina faz é o que eu tenho feito desde que enviuei: não quer amar; isso lá percebo eu. Bem importunada tenho eu sido por pretendentes às segundas núpcias, tantos como a praga dos gafanhotos do Egito! Resisti e hei de resistir, porque jurei eterna fidelidade até à morte ao meu defunto Alves, apesar de ele me deixar pobre, sacrificando-me à política cabralista. Lá se ele fosse esperto como o filho, ainda valia a pena deixar o negócio pela política; mas, Deus o tenha à sua vista, aquele perdeu-se por ser um toleirão! O meu Vítor Hugo saiu ao avô cá pelo meu lado, que dizem que era muito sábio, meu pai de Povolide. Todos me dizem que o rapaz ainda pode ser ministro. Eu não engulo carapetas; mas quando me lembro que o meu hóspede Elias chegou a ministro, sendo ele bom homem, mas muito tapadinho, diga-se a verdade, não me admira nada que meu filho, cedo ou tarde, venha a subir ao Governo. Se o senhor Dom Miguel viesse, a menina pedia-lhe que desse uma pasta ao meu filho, não pedia?

— As mulheres, minha senhora, quer sejam princesas, quer sejam luveiras, não devem intrometer-se nos negócios do Estado. Se meu pai tomasse a Portugal, dir-lhe-ia eu que o senhor Vítor sofreu vinte dias de cárcere por amor dele.

— E o mais que ele sofrerá ainda...— ampliou D. Rosenda. Acho-o tão encanizado no partido realista que, qualquer hora, estoura trovoada pior que a outra. Os fidalgos trazem-no nas palminhas, e eu vejo-me atrapalhada para o vestir com mais luxo, porque ele vai a todas as casas principais, e não me fala senão na senhora marquesa de Abrantes, na senhora condessa de Pombeiro, de Redondo, da Figueira, Barbacenas, Pancas, etc. E bem vê a menina que quem gira nesta roda fina não se há de ir vestir ao Nunes Algibebe por dez ou doze pintos. Deus sabe com que linhas cada qual se cose...

— Peço-lhe, minha amiga, que disponha do que é meu— disse a menina apertando-lhe a mão.

— Muito agradecida, minha senhora; por enquanto, cá me irei remindo, como puder. O que eu queria da minha menina para o meu apaixonado Vítor, sabe o que era? Isto.

E, apontando-lhe ao coração, trejeitava com os olhos mui derramados e um pender de cabeça languescida— coisas e modos que muitas vezes deviam ter escamejado vesúvios no deputado Elias e no cônego Antunes.

— Tem de mim o senhor Vítor— disse solenemente D. Maria— o mais que posso oferecer a um irmão.— E logo, nordeando a palestra noutra rumo:— Ainda me falta pedir-lhe um favor, minha amiga. Queria eu que seu filho soubesse a maneira de eu remeter a meu pai três contos de réis, que é o que posso liquidar das inscrições, tirando para mim o necessário para manter a minha lojinha de luvas.

— Ela cá toma com a mania! Então não muda de ideia?

— Não.

O tom imperioso e seco da resposta fechou o debate. D. Rosenda saiu, prometendo comunicar-lhe o que seu filho lhe informasse quanto ao modo de remeter o dinheiro.

No dia seguinte, D. Maria, recebidas as informações, entregou a D. Rosenda os seus papéis legalizados para a venda.

CAPÍTULO 7: OS TRÊS CONTOS DE RÉIS

*Por entre o lábio torpe e podres dentes,
Daquela abismo esqualido, que pode
Sair que não tresande!?*
Goethe, Fausto Segundo, com.

E naquele tempo reinava em Portugal D. Pedro v— cidadão português, que morreu honrado e sinceramente carpido.

Aquele rei era triste, porque o sol ardente do espírito, o ardor da ciência lhe crestaram o viço da juventude.

O conde da Carreira e outros pedagogos, que trajavam ainda calção e rabicho na alma, entouriram o ânimo do príncipe com iguarias indigestas, introvertendo-lhe para o viver íntimo, em florescências sem aroma, os gomos da mocidade que nunca desabrocharam perfumes de contentamento,

E porque era triste, era bom, compadecido, esquivo a vanglórias, como quem sabia que, nas nações livres e pobres, nenhuma ostentações sobredouram o

manto real senão as da reportada parcimônia e abstenção de soberanias extemporâneas.

Um regime de governação, que facultasse ao rei amplas prerrogativas, demonstraria que o primogênito da S.a D. Maria II era especulativo de mais para deliberar nesta rasa missão de governar homens. O poliglota Sr. Viale inoculara-lhe empolas acadêmicas, uns arroubos já bastantemente serôdios em glossas de mistérios dantescos, pelos quais o príncipe, absorto entre o enigma da meia-idade e o enigma pior dos mestres, revelou predileção impertinente.

Que farte sabia o previsto aluno dos pingues sábios que lhe não montaria ganância alguma o estudo da ciência de governar este manso povo, que lhe havia apedrejado o avô e roçado a injúria desbragada pela sombra da mãe impoluta. Nas angústias da Sr.— D. Maria da Glória se lhe revelou a condição acerba de quem há de ver homens e fatos através do prisma dos validos. Desde o padre Marcos até ao senhor do castelo de Gualdim Pais, encadearam-se sucessos que mostraram ao meditativo príncipe o indeclinável cálix em que sua mãe lhe legara— para saudades e exemplo— o travo de suas lágrimas.

Por isso aquele moço não provara as alegrias e regalos de sua idade e jerarquia.

Ao sair do sereno ambiente do gabinete de estudo para as borrascas da vida prática, retraía-se aos braços da quimera luzentíssima que esvoaçava às regiões sombrias d'A Divina Comédia— sensaboria imortal!— ou se librava nas névoas de Macpherson— imortal sensaboria!

O ar do paço tresandava às preias que os escaravelhos rolavam pelas alcatifas. Da camarilha das mulheres ainda vaporavam as caçoletas encontradas nas recâmaras da Bemposta. Na camarilha dos homens mal podia o príncipe sincero extremar entre respeito e adulação, e entre silêncio estúpido e sisudeza discreta. Se os mestres, prelecionando-lhe o reinado de seu tio-avô, bosquejassem o caráter dos validos que o derrancaram o rei nas suas salas, cuidaria achar redivivos, em cada cortesão, o Padre, o barbeiro viscondizado, e o Sedvem, mais seriamente vestidos com as librés de 1857.

Uma vez, D. Pedro v, obedecendo a impulsos de boníssima índole, ordenou que as lástimas dos queixosos de iniquidades pudessem chegar à quase soledade onde se amiserava um rei. Inaugurou-se a celebrada caixa onde os requerimentos eram lançados. A chave desse cofre de lágrimas, que já haviam

sido acalcanhadas no peito dos repulsos, era el-rei que a tinha. Confluíram a centenares os apelos da injustiça dos ministros para o simulacro do braço soberano; mas as reparações eram baldas, porque D. Pedro v o mais que podia dar em benefício dos queixosos era a esmola aos que lha mendigavam, e comiseração aos que se deploravam, pedindo justiça ao rei e não esmola ao abastado. O alvitre do imperante denotara alma egrégia; mas o infortúnio vingara apenas fazer-se conhecido no gabinete real. E mais nada. As virtudes do rei não podiam ser mais fecundantes que as do cidadão, primeiro na jerarquia, mas não decerto o primeiro em bens da fortuna. Era rei, consoante a pauta constitucional; e os acusados no seu tribunal fantástico eram os penachos, as togas, os arminhos, e os argentários a quem os éforos pediam de usuário empréstimo as mesadas da lista civil.

Os áuficos de quem o príncipe se rodeava, forçado pela pragmática, nunca lhe referiram com certeza as penúrias que esmaltavam as cãs de D. Miguel de Bragança. Não era respeito à legítima soberania, nem temor do real desagrado que os amordaçava. Eles sabiam que na alma do rei não negrejavam ódios ao irmão do seu avô, nem sequer à sequela legitimista que explorava nas franquias do código liberal a liberdade de injuriar o trono, vendendo a injúria impressa. Enfreava-os o receio de espertar em a liberalidade do coração dadivoso, defraudando-se destarte do quinhão que repartiam, pondo o almoxarife à porta das mercearias insofridas a pedir-lhes que não denegrassem ao refeitório do rei de Portugal as massas e os paios fiados com desconfiança.

Não obstante, D. Pedro v soube que D. Miguel, levado pela Providência aplacada aos braços da esposa, que lhe tapetava de flores tardias o breve caminho da sepultura, e o rodeava de alegres berços, povoados de ridentíssimas crianças— uma senhora, no mais vicejante dos anos e no esplendor da beleza, imaculada, neta de reis— espetáculo que dulcifica lágrimas! -, oferecia o seio para reclinatório de um velho expatriado e pobre!

No regaço daquela dama alguns portugueses, ajoelhados, não à rainha, mas ao anjo, depunham o produto das esmolas colhidas em Portugal.

O Sr. D. Pedro V apreciara a virtude dos que, sem esperança de galardão, mantinham no exílio a mediania do infante. Quis, pois, igualar-se no sentimento da caridade aos que se devotavam ao homem esbulhado de todas as grandezas,

e até privado da glória póstuma com que a história fartas vezes honra a lápide dos que resvalaram do trono ao sepulcro pela rampa do exílio.

E, depois, o magnânimo monarca, arroubado no resplendor de uma estrela que lhe levava para Deus a luz efêmera dos seus júbilos, alou-se no raio celestial, e gozou-se de lá na contemplação das mais sinceras lágrimas que ainda alguma nação chorou sobre a mortalha do seu príncipe.

E então somente em um secreto livrinho de lances, que o rei deixara escritos de sua vida íntima, se encontrou a verba mensal de trezentos mil réis votada a D. Miguel de Bragança.

Ora haveis de saber que o irmão do Sr. D. Pedro IV nunca recebeu a mesada do rei de Portugal, nem os três contos de réis de D. Maria José.

Posto isto, leitor atento e sobretudo filósofo, diga-me Vossa Excelência, se dado o exemplo da fraude em tão altas regiões, é muito de espantar que Vítor Hugo José Alves enriquecesse o seu sangue depauperado com a substância metálica dos três contos de réis que a obscura D. Maria José enviara ao pai!

É deste modo que se esclarecem as melhorias tão depressa feitas na pessoa espiritual e corpórea do filho de D. Rosenda Picoa.

O procedimento deste escritor não seria, talvez, digno da Comenda de Sant'Iago da Espada, nem também, me consta que ele a pedisse; todavia, não se me figura irrepreensível equidade alcunhar de ladrão qualquer sujeito, porque não foi agraciado. Se não têm sido muitos os exemplos deste descuido em Portugal, as exceções não devem mescabar os créditos de Vítor Hugo. Os reis não podem, sobraçando a cornucópia das mercês, espreitar todos os latíbulo onde se forjam malfeitorias. Não é da atribuição dos cabos de polícia enviarem a Sua Majestade um mapa mensal dos malandrins mais conspícuos da sua esquadra. Por via de regra, o poder executivo não leva todas as quintas-feiras à munificência régia pessoas de quem o leitor costuma acautelar o seu relógio, ou receia encontrar em ruas não patrulhadas.

Quando um ministro do Reino apresentava, há poucos anos, ao Sr. D. Luís I, que Deus guarde, o decreto que laureava com a coroa de barão de S. Dinis um proprietário de bordéis no Rio de Janeiro, seria indecoroso para o alcouceiro agraciado ajoujarem-no a um biltre ordinário. O rei sabia que também Catão

ministrava em Roma colarejas de alquilaria das quais cobrava percentagem. Qual rei denegaria um baronato a Catão censorino?

Vítor Hugo José Alves que espere. Mais tarde será regalaradoado na proporção da injustiça ou da inveja que lhe atabafou os méritos. Deixe o bem estreado cidadão germinar a semente que fiou do ubérrimo torrão da sua pátria. A árvore há de bracejar vergôntes afastadas de grinaldas que algum dia lhe hão de juntar a escarpa do capitólio.

Entretanto, a conversão dos três contos de réis em objetos atinentes à reforma física e moral do poeta, seria ato digno de moderados elogios, se o sujeito não precedesse de cálculos e considerações politicamente transcendentais a consubstanciação do metal com a sua pessoa. Dotado de vistas perfurantes nas nuvens pardas do futuro, Vítor Hugo, estribando-se nos correligionários, e mais ainda na eficácia dos seus próprios artigos e instintos amotinadores, previu que o príncipe proscrito seria cedo ou tarde reintegrado no trono. Não era base menos fundamental de seus proféticos raciocínios a depravação das doutrinas liberais, desde que a classe média corrompida gafara de sua lepra a gentalha, de quem se divorciou, pensando que o irmanar-se com fidalgos desbragados era desencanhar-se da ralé onde havia nascido.

O severo senhor Alexandre Herculano, no prólogo Da Origem e Estabelecimento da Inquisição, tinha escrito umas frases biliosas de que Vítor Alves inferiu a provável restauração do rei legítimo. O vidente historiador, no conceito do cavaleiro da Ala, não podia iludir-se, quando vaticinava a restituição do absolutismo pelos próprios esforços da burguesia, sua triunfante inimiga, a qual, já temerosa das sanhas da plebe desafrontada do cabresto religioso, se coligaria com reacionários para repor rei absoluto que lhe caucionasse os haveres, cortando com a espada dos Dragões de Chaves as cobiças dos proletários.

Prenhe destes grandes palpites sociológicos, Vítor impôs-se o dever cívico de jurar bandeiras na vanguarda do troço mais aguerrido, meter a cabeça aventureira à brecha mais bombardeada, e lampear clarões onde a noite dos espíritos fosse mais caliginosa— clarões de eloquência nos clubes, nos botequins, e até nas salas das Aspásias vetustas, que, desde 1834, anafavam as barbas de todos os Péricles— como eles vingam neste país— mais ou menos semelhantes em estética e plástica ao chorado Elias de D. Rosenda.

À mais vívida luz do entendimento se mostra que Vítor Hugo não conseguiria relacionar-se na sociedade, onde lhe cumpria fecundar com o verbo as convicções legitimistas, se não se entrajasse com o asseio e galanice que hoje em dia realçam as cláusulas do bom orador. Decerto lhe seria atravancado o acesso aos salões, se no seu guarda-roupa tivesse somente a quinzena de pano piloto com que mediocrementemente se distinguia nas ceias do Colete Encarnado; e corri a qual se escondia na penumbra de um café da Rua de S. Roque, aquecendo a grogues fiados a fantasia. Tempos calamitosos eram esses em que o deputado Elias o brindava com um paletó no fio, e um colete de mosaico desbotado, relançando à mãe um olhar que requeria gratidão, fidelidade, e talvez a renúncia completa às carícias do cônego Antunes!

Vítor Hugo tinha presenciado das galerias da Câmara Baixa que os homens, em cuja testa latejava a inspiração estuosa dos sócrates e Hortênsios, primavam na casquilhice do trajo, no adamado da penteadura lustrosa, no azeviche brunido dos bigodes. Viu que o envoltório engrandecia mais que muito as posturas esculturais e antigas da gesticulação, bem que a clâmide grega ondularia mais imponente nas omoplatas do Sr. José de Moraes do que em verdade as abas do fraque um tanto canhestras para as atitudes largas e arrojadas. Reparou em particular o embelezado Vítor Hugo José Alves no aprumo estatuário do Sr. Carlos Bento; e, conquanto o fino gosto dos Fídias inéditos estivesse cobiçando uma toga caída com romana majestade sobre aquela confirmação de miologia clássica, o bem posto da pessoa entre as costuras da vestimenta não prejudicava de todo os raptos de eloquência que lhe fosforesciam no aspeito grávido de ideias. Ia nestes efeitos, desconhecidos a Longino, o segredo da arte de vestir bem.

Não lhe fez menor impressão o Sr. Arrobas, que sorria de esconso para o colete listrado do já hoje defuntíssimo Sr. João Elias; nem pôde esquivar-se a imaginar que o Sr. Martens Ferrão, sem o primor das suas casacas, e o compassado pêndulo do braço direito à competência com o pêndulo compassado do braço esquerdo, apenas vingaria com os seus discursos retirar das farmácias o láudano, e constituir a câmara em permanente Jardim das Oliveiras, onde os discípulos de Jesus “dormiam de tristeza”, como S. João refere. Dormir de tristeza!— é o mais curial e justificado sono que pode narcotizar uma assembleia de legisladores, quando a providência das nações não encarrega alguns deputados bem penteados e vestidos de manterem o auditório em

alegres insônias, salvante o senhor duque de Loulé para quem o próprio senhor padre Antônio Aires do Porto seria uma amendoada.

Destas contemplações saiu o filho de D. Rosenda Picoa bastante inquieto sobre a proveniência dos recursos precisos a quem por força, privado deles, havia de abdicar dos destinos apontados fatidicamente pelo gênio.

Se ele enviasse ao Sr. D. Miguel de Bragança os três contos de réis, e assim se exonerasse de ser o motor da restauração, a míngua de fato digno dum restaurador, não seria isto danificar o país, a troco de ser honrado com um homem? Que montaria mais ao proscrito— o ouro da filha, ou a restituição da coroa? E, se alguns punhados de ouro, em mãos alheias, lhe estavam logrando juro de pátria e coroa, não era obra para três vezes bendita aquela santa ladroagem que habilitava o revolucionário a acercar-se, depois, do sólio do rei restituído, com a ufania de outros bandoleiros que ele via assentados à orla do sólio usurpado?

Três contos de réis, nas algibeiras de Vítor Hugo, estavam germinando casos e transformações de magnitude incalculável, ao passo que, enviados a Heubach, seriam ingloriamente consumidos em comestíveis e outras ridiculezas de todo ponto inúteis à reivindicação da lei fundamental de Lamego.

Ao propósito da legislação pátria, derogada pelo direito da força, muniu-se Vítor Hugo de copiosa livraria; mas tanta era a confiança que pusera na espontaneidade original dos seus silogismos, que lia quase nada, contentando-se com o substrato extraído dos escritos do padre José Agostinho de Macedo e Frei Fortunato de S. Boaventura. Um livro que ele preferia ao Punhal dos Corcundas era *Les Talismans de la Beauté*, obra até certo ponto estranha às estudiosas vigílias dum conspirador; mas conducente aos seus intuitos de coadjuvar a beldade dos atos do espírito com a compostura esmerada do corpo.

A limpeza da sua pessoa, longos anos suja, não se fez rápida nem superficialmente. O talento, que o enfuriava hidrófobo contra os banhos do doutor Nilo, impunha-lhe agora a necessidade de, todas as manhãs, se retoçar voluptuariamente num banho aromatizado com *Lail d'amande douce*, friccionando-se com sabões de Thridace e da *la reine des abeilles*, ou *Crème froid mousseuse*. Depois, no amanho dos espessos e oleentos cabelos, que em outro tempo fariam recuar um javali assanhado, enfileirava os cosméticos

numerados desde o *Beaume des violettes d'Italie et crèmes duchesses* até à *Eau redivive* de Nangasaki e à *Diomantine lustrak*. Nesta operação capilar, em frente dum espelho de Veneza ladeado de colunas com arandelas de bronze, formadas por Leda com o cisne e Europa com o boi, ia Vítor Hugo ensaiando as pregas da fronte, e os vincos do sobrolho, significativos de cérebro causticado pela cantárida do gênio: ensaio prévio que ele imaginava contribuir assaz para os triunfos oratórios do Sr. Sã Vargas.

Envolto em *robe-dè-chambre* azul-ferrete de brocatel, cingido à cinta por cordões de seda e borlas escarlates, Vítor encaracolava as favoritas do bigode, encerando-o e lustrando-o com pommade bongroisse; depois ungia a epiderme com creme Pompadour, e operava o quarto lavatório da untuosa cara com água saturada de *rosée des abeilles*. Finalmente, seguia-se o polimento das unhas escovadas e alfanadas com poudre oriental. Todo o requinte neste ponto lhe parecia baldo, figurando-se-lhe que as suas mãos não acusavam na delgadeza e transparência a aristocracia dos Marialvas ou Vimiosos.

Feito isto, ali se quedava largo espaço narcisando-se diante do vidro com o langor mulheril de um Batido ou Juvêncio. Requebrava o colo em dengosas flexuras de cisne preto, e entreabria sorrisos de donzel, deixando apenas descerrar os lábios. Risos francos e abertos não os confiava sequer do espelho. Eram-lho dor, desaire e violência enormes não poder rir.

E porque não ria este homem tão alvoroçado de alegrias íntimas? Seria para simular profundidade de juízo, e cuidados de conspirador que lhe traziam os miolos amartelados? Não, senhores. É que tinha os dentes lurados de cavernas cariadas e chumbadas, e as gengivas tábidas dum glúten verdoengo. Era uma podridão de caveira, um arcaboço de mandíbulas a vaporar febres perniciosas.

Tirante os dentes, o alinhio complexo do poeta, visto a vulto, recendia a olorosa elegância que lhe perfumava o ambiente, mitigando-lhe o hálito paludoso, e temperando sadiamente o ar a favor dos circunvizinhos.

Não assevero que Vítor Hugo ensaiasse com alguma felicidade, nos salões da aristocracia herdada, a influência anacreôntica dos seus dotes físicos; antes pendo a suspeitar que lá se sentisse mais a corrupção dos seus dentes que a da sua alma.

As finas belezas das raças históricas olhavam-no de soslaio, e trocavam entre si trejeitos indicativos de espanto e mofa. O inculcado talento do poeta não obteria sequer, na sociedade frívola das damas ilustres, aquela atenção convencional e contrafeita que a sociedade burguesa dispensa aos literatos, sob condição de que o poeta escreva o soneto em dia de anos, ou a necrologia nos óbitos da família.

Rosnava-se, porém, que uma marquesa, já bem esfolinhada de teias de aranha de preconceito em 1820, não o fizera esperar, como Ninon a um certo abade, o aniversário natalício dos seus anos ultracanáonicos, para o convencer de que a lira do bardo hodiêmo podia, sem profanar o culto antigo, desferir endeichas acomodadas à majestade de uma catedral gótica. Outrossim constava que o filho do Alves dos couros, morto em odor de caceteiro cabralista, cultivara aqueles amores como quem escarda, no estilo do século XVI, arcaísmos para os lardear, com presunção de entendido, nas modernas fórmulas literárias.

Queriam dizer, ou dizia ele que a marquesa, relíquia das antigas usanças de palácio, coletora de anedotas atinentes ao viver íntimo da fidalguia, e refinadamente polida de maneiras exclusivas da sua casta, pagava generosa as fumigações do nardo, dando ao seu poeta uma demão de verniz de bom-tom, que ele decerto não dispensaria para escodear as crustas da educação, na convivência do capitão da carta e nas ceias de fígado frito na tasca da Rua das Pretas com os *clowns* do Price.

Como quer que fosse, nestes amores transitórios e meramente aceites como apêndice de policiamento, Vítor Hugo José Alves guardava intemerata e sem nódoa a poesia do seu peito. D. Maria não se lhe despintava da ideia apaixonada.

A conversão do dinheiro em benefício da causa de D. Miguel era incentivo a maior para que ele, mais ao diante, na liquidação de suas contas com D. Maria José de Portugal, descontasse a verba empalmada, encendrando-lhe em ternuras o mais fino ouro do seu amor.

Entretanto, o causídico da legitimidade ganhava entre os seus confrades o nível dos mais esperançosos talentos da restauração. Ensejo de falar melodramaticamente não perdia um. Ajeitava a ocasião de exhibir troços de discursos que compunha no seu escritório, declamando-os à tia Eufêmia, que se

mostrava acessível às descargas elétricas da metáfora, resultado da sua diuturna familiaridade com um autor dramático, que a denominava a sua Laforet, e a beijava com delírio, se ela lhe cantava, com as mãos no peito bambo, as xácaras dos seus dramas. Com os olhos suados de saudoso líquido, D. Eufêmia, atenta às orações do sobrinho, cuidava estar ouvindo o dramaturgo, que se fora deste mundo com os ouvidos ainda atoados das ovações do Salitre, e o coração alanceado de invejas roazes aos Dois Renegados do Sr. Mendes Leal.

CAPÍTULO 8: RAUL

No rosto do anjo que desdém tão nobre!

Dante, Inf., c. IX.

Relataram-se os casos anteriores ao realizado desígnio de fazer-se luveira D. Maria José.

Já, ao começo desta história, José Parada, o meu introdutor à presença da filha de D. Miguel, nos referiu, mais ou menos hiperbolicamente, a concorrência de preitos à volta da galante dama. Não foi, certo, encarecido louvaminheiro quando nos relatou as esquivações da luveira às propostas de casamento, já com velhos endinheirados, já com rapazes de gênio, e até com um rico e elegante moço que podia aspirar ao mais seletto consórcio na melhor sociedade da corte. Tal era aquele Raul, filho único do conde de Baldaque, milionário que entrara em Lisboa com o seu sócio e amigo Manuel Pinto da Fonseca, o homem de ouro que as mulheres de carne cognominaram o conde de Monte Cristo.

D. Maria José não estremara o filho do conde entre os frequentadores da sua loja, senão pela timidez tartamuda, e rara infelicidade no acovardar as frases, tão avessas da galhardia dos meneios e tom de peralvilho que lhe dava a luneta, e de uma certa dexteridade a que devia nos salões o renome de bom conversador.

Nas suas práticas com a luveira da Rua Nova da Palma mediavam intercadências de silêncio que tanto podia significar amor que absorve a palavra na contemplação, como cansaço de duas almas em espasmos de tédio recíproco.

Raul, porém, amava naquele extremo em que a mulher impõe respeitosa adoração, independente do prestígio do nascimento. Pode ser que ele, desconhecendo a origem real da luveira, se houvesse em presença dela com menos resguardos, sem todavia lhe querer menos; mas, em leal verdade, o dizer-se que a gentil menina era filha de um rei, e o porte soberano com que ela, sem arte e genialmente, justificava sua fidalga condição, eram realços à já de si peregrina beleza, os quais, a meu ver, insinuaram ao ânimo entusiasta do moço brasileiro a idolatria genuflexa que se confunde com a superstição.

Raul de Baldaque, saltando do *dog-cart* à porta de D. Maria de Portugal, e atirando as guias ao jóquei, ia encontrar a luveira pregando botões em luvas. A gentil senhora correspondia-lhe graciosamente ao cumprimento, passava-lhe uma cadeira, que ele recebia com adernanes de extremada cortesia; e, cumprido o dever de urbanidade como se o exercitasse nas salas opulentas de sua mãe, continuava o seu negócio, tratando os fregueses com semblante prazenteiro e um sorrir de paciência que ninguém, entendido em dores recalçadas no fundo da alma, poderia ver sem pena.

Raul, subtilizado pela paixão que adelgaça os temperamentos mais espessos, adivinhou um dia que o sorriso da luveira em resposta aos desabrimentos de certa mulher que lhe rejeitava umas luvas esgarçadas ao vestir, era a expressão irônica do infortúnio que se irritava, ou acaso a serena alegria da voluntária mártir.

Desatou-se-lhe então da alma ao concentrado moço um dizer que o engrandeceu no conceito de D. Maria:

— Quantos sorrisos desses terá tido o senhor Dom Miguel de Bragança!...

A senhora fitou-o com os olhos já nebulosos de lágrimas, e respondeu:

— Não há comparação, senhor Baldaque. O senhor Dom Miguel não pode sorrir, O que pode haver igual entre o príncipe e a luveira é o chorar... Mas que diferença no travor das lágrimas! Eu choro por ele, e ele... chora por si mesmo. Eu vejo a tortura, e compadeço-me: ele é o torturado. E essa mesma piedade que lá chega em escassos benefícios deve ser-lhe fel coado às feridas do pundonor... Há infelizes que se estorcem em sedes abrasadoras; os amigos querem apagar-lhas, e dão-lhes veneno. Não sei se para esses, que tudo perderam, a mais relevante caridade seria deixá-los morrer...

Não seria fácil a Raul atar as ideias descosidas e interceptadas por silêncios; mas o que ele percebeu animou-o a proferir uma expansiva bondade que soou asperamente nos ouvidos da luveira:

— Se eu não fosse rico, as suas palavras, minha senhora, seriam também para mim uma tortura...

— Não me compreendeu— murmurou ela, abaixando o rosto sobre o engenho das luvas.

— Creio que entendi— replicou Baldaque— mas, se a magoei, perdoe-me...

— Que entendeu ?— disse ela, sem levantar os olhos.— Que eu lhe pedia uma esmola para o senhor Dom Miguel?

— Não, minha senhora, eu entendi que...— balbuciou o moço grandemente embaraçado.

— Então que foi que entendeu?

— Que Vossa Excelência lamentava que seu pai não tivesse morrido, antes de aceitar os donativos dos seus partidários.

— Se assim é, que importa que Vossa Excelência seja rico?

— Tenho medo de lhe responder— disse Raul, erguendo-se de golpe, e sacudindo com a mão os longos cabelos que lhe afogueavam as faces.

— Medo!... que poderá dizer-me que o intimide?

— Tem razão, minha senhora. Eu preciso ser franco... preciso ser mais feliz do que sou... quero abrir-lhe a minha alma... quero, enfim...

Susteve-se algum espaço; e maior seria a detença se D. Maria José o não desfitasse daquela penetrativa interrogação que parecia recomendar-lhe suma prudência nas palavras que ia proferir.

E prosseguiu, tirando brios propriamente da necessidade que tinha de se justificar:

— Se eu ainda lhe não disse que a adoro, é porque, na sua presença, todas as minhas resoluções fraquejam. Sou ainda novo; mas conheço o mundo. As almas

infelizes envelhecem cedo. Eu não amei nunca; mas sei as palavras com que se pintam as grandes paixões. Depois de aqui vir repetidas vezes, disposto a dizer-lhe que a amo, e não o fiz, deliberei escrever-lhe. A mesma timidez me acanhava em lhe entregar a carta. Cheguei a ter pejo de mim próprio; porque vi o desassombro com que certos homens, sem lhe faltarem ao respeito, ousavam dizer-lhe palavras que me feriam o coração e o amor-próprio, ao mesmo tempo. Restava-me, ao menos, em meio de minhas amarguras uma consolação: e era que, dado que Vossa Excelência me não visse a alma através do silêncio, me não julgaria um frívolo namorador, sempre a ponto em dizer palavras banais. E ainda outra consolação mais me lisonjeava: era ver que Vossa Excelência, se me desprezava, ou me não via, não prestava maior atenção às pessoas que a cortejavam, sabendo eu que o propósito de algumas era tão honesto quanto eu quisera que minhas irmãs, se as eu tivesse, o merecessem.

— Eu nunca dei ocasião a que me fizessem propostas de natureza nenhuma— interrompeu a luveira.— Digo-lhe isto, senhor Baldaque, para o despersuadir de que tenho a vaidade de haver rejeitado propostas que o mundo chama partidos vantajosos.

— Sei isso...— acudiu Raul, algum tanto abatido da coragem com que ia discorrendo, por inferir da interrupção assomado orgulho.— Sei isso... e, porque o sabia, contive-me, aconselhado pelo desengano dos outros. Mas, apesar de tudo, talvez me iludisse a vaidade de me supor mais digno do que eles, porque eu sentia por Vossa Excelência a veneração, que não impediu que os outros se declarassem. É isto a única distinção que me deve singularizar; pois, sendo natural que todos amem uma senhora bela no semblante, no coração e no espírito, nem sempre sucede que a paixão se deixe abafar pelo acatamento. Agora, porém, minha senhora, já não haverá nada que me impeça de lhe revelar em poucas palavras todas as minhas meditações de seis meses; mas, se Vossa Excelência me está ouvindo constrangida... se me confunde com os homens que a importunaram com frases mais ou menos semelhantes às minhas, então diga-me que me escuta por mera delicadeza...

— Por mera delicadeza o estou ouvindo— disse serenamente D. Maria José.

— Pois bem...— tartamudeou o moço empalidecendo -, calar-me-ei... Mas...—olveu ele, passados instantes em que o rubor sucedeu à palidez.— Mas... Vossa Excelência perguntou-me há pouco: que importava que eu fosse rico? E eu

disse-lhe que tinha medo de responder. A senhora Dona Maria José animou-me a explicar-me; e, antes que eu chegasse à justificação, emudece-me, declarando que me está ouvindo, porque é delicada! Se fosse tão boa de coração quanto é melindrosa, não mo dizia tão secamente... antes havia de permitir que eu me desculpasse dumas palavras inocentes que lhe deram de mim conceito injusto e mau.

— Mau conceito, não, senhor— emendou D. Maria -, pareceu-me apenas uma impertinente frase que só violentada podia entrar na nossa conversação. Eu dizia-lhe que o senhor Dom Miguel é infeliz; e Vossa Excelência respondeu-me que era rico. Figurou-se-me que me considerou medianeira nas esmolas que se pedem para ele...

— Errou, minha senhora— retorquiu Raul, fortalecido pela pureza nobilíssima das suas tenções.

— Então, seja generoso em me desculpar, e creia que por interesse e não por civilidade desejo ouvi-lo.

Baldaque, após uma longa pausa, em que denotou no rosto penosa inquietação do ânimo, disse verdadeiramente conturbado:

— Já não posso...

— Não pode!?!— sobreveio a luveira com ares de incrédula.— Então não pode?, porquê? Isso faz-me desconfiar que...

— Desconfiar?...

— Sim, desconfiar que Vossa Excelência, em sua hesitação, me dá a perceber a dificuldade de combinar o respeito, que me tem, com a explicação que me ia dar da sua riqueza. Se assim é, agradeço-lhe mais o silêncio que a explicação... Deixemos no escuro o seu segredo e esqueçamos o que houve de mais nas suas revelações. Entretanto, senhor Baldaque, não lhe direi que vou ser com Vossa Excelência mais sincera do que fui com outras pessoas de quem me não agravo nem me orgulho. Com essas pessoas a minha evasiva foi o silêncio, sem desdém nem menospreço. Com Vossa Excelência não será assim. Serei verdadeira, porque vou responder ao que me disse, e talvez até ao que formou tenção de me dizer. No dia em que abri esta loja de luvas, estabeleci com a sociedade as

únicas relações compatíveis com este modo de vida. Não escolhi esta posição, calculando outra melhor. Não pensei puerilmente em prender admirações de espíritos extraordinários que folgavam de matizar os atos vulgares da vida com o ouro da poesia. Esta loja, com uma pobre mulher que tira daqui o seu parco sustento, não é romance, é ocupação ajustada às minhas faculdades e aos meus recursos. Eu poderia optar por encargo mais senhoril e lucrativo; poderia ensinar fios colégios as línguas que estudei, e algumas prendas que vou deixando esquecer como inúteis; poderia; mas o contato com a sociedade assustava-me; a convivência de mestra com as discípulas privar-me-ia dos confortos da alma que esperava achar e achei neste viver obscuro: é a soledade, o estar sozinha o maior número das minhas horas, o desprendimento de cuidados que me forçariam a sair de mim mesma, se eu quisesse dar boa conta do meu préstimo salariado à educação de meninas. Sei que me desempenharia mal por não poder, com este espírito que tenho egoísta de sua tristeza, prestar atenção aos sagrados deveres de quem educa.

— Mas Vossa Excelência...— interrompeu Baldaque.— Perdão!... receio ser indiscreto, fazendo-lhe uma pergunta...

— Queira dizer.

— Se ousar perguntar, é porque muita gente diz que Vossa Excelência herdou...

— Esta casa e nove contos de réis em inscrições.

— Nove contos de réis em inscrições...— voltou receoso o filho do milionário— não bastam para quem tiver aspirações menos modestas que Vossa Excelência; mas... o rendimento deles, creio eu, dispensariam a senhora Dona Maria José de dirigir este negócio tão pouco lucrativo; e, se me concede dizer mais, bem pudera Vossa Excelência, afastando-se inteiramente da sociedade, gozar as suas horas todas de solidão, poupando-se às lágrimas que há pouco vi explicarem o seu sorriso... Peço outra vez perdão, se me excedi nestas observações à sua vida íntima.

— As observações são justas— respondeu tranquilamente D. Maria -, mas eu não tenho hoje de meu senão esta casa e o valor dos objetos desta loja. A indagação de Vossa Excelência deve satisfazer-se com saber isto, e nada mais. Se mais alguém o sabe, não há razão para que eu esconda a minha pobreza duma pessoa já convencida de que eu desejo ser pobre.

— Ó minha senhora!... nem mais palavra hei de proferir a tal respeito...

— A minha pobreza é voluntária, refletida e aprazível— continuou a filha de D. Miguel.— Quem tiver pena de mim, usurpa a sua comiseração a quem a merece e necessita... Há pouco me disse Vossa Excelência que eu não dei valor às generosas propostas de cavalheiros abastados que me pretendiam com honrosos intentos. Não dei valor à opulência que me ofereciam; mas ao sentimento que os moveu a favorecer-me sou muito grata. Eu desejava que para cada mulher mal-afortunada sorrisse a ventura dos casamentos ricos. Deve ser muito cobiçada semelhante felicidade, porque tenho visto o espanto, e talvez o despeito, no rosto das pessoas cuja riqueza eu me dispensei de apreciar. E a mim, ao mesmo tempo, parecia-me indiscrição e mediania de polidez vir aqui alguém obrigar-me a ser indelicada para evitar exposições de afetos, que só tão me faziam pensar na inconveniência de ser luveira.

Dona Maria sorriu, passou a mão alvíssima pela frente, deteve nela a cabeça como quem revoca ideias fugitivas, e prosseguiu:

— Senhor Baldaque, cheguei ao fim do que deve saber de mim própria. Escolhi esta posição. Se sáisse dela, atraída por bens de fortuna, a minha alma teria pejo de sua baixa índole. Há sacrifícios que têm glorificações íntimas e inefáveis. São dores que os pacientes não querem consoladas; são as rosetas dos cílios que as criaturas delirantes de amor divino apertam mais, quando é maior a angústia. Há penitências morais muito parecidas com as voluntárias macerações das santas. Nem a penitente aceitaria os supremos regalos deste mundo a troco das suas disciplinas, nem eu trocaria a minha independência, nesta solitária e obscura distância de teatros e bailes, pelo brilho que meus olhos cansados de chorar não suportariam.

— Compreendi, minha senhora...— disse Raul, revelando a mágoa no tremor da voz.— A palavra coração nem uma só vez apareceu entre as frases glaciais com que me repele. Há poesia sublime e santa no mistério que lhe norteia a existência; mas, nas suas estrelas, no céu das suas visões, estrela de amor não brilha nenhuma... Como havia de Vossa Excelência compreender-me, se eu, articulando em soluços as minhas confissões, seria como o infeliz que exora uma divindade de mármore, e não a alma apaixonada que pretende comunicar o seu ardor a outra alma?... As minhas confidências não poderiam ser ouvidas no alto ponto dum sentimento incompreensível em que Vossa Excelência me

esconde as suas fantasias. Eu sabia que tinha posto os olhos da face e os da alma na mulher virtuosa; mas também cuidava que as excelências do espírito não matam de esterilidade as flores do coração. Na sua idade, senhora Dona Maria José, há almas devastadas, que, desde o baixo positivismo do descreer, vingaram, por efeito da fé ou da graça divina, desferir nas asas da piedade altos voos até pousarem no seio de Deus; essas, porém, sei eu que lá mesmo do céu devem chorar sobre as ilusões perdidas da terra. Sei que há almas assim caídas e resgatadas; mas sobre as cinzas de minha mãe irei jurar que na pureza do rosto, na serenidade do olhar, na virtuosa altivez de suas palavras, minha senhora, lhe transluz a vida inteira, sem nódoa, sem laivo escuro que aí deixasse o anjo maldito do desengano. Nenhuma esperança lhe foi mentida, nenhum desejo lhe foi malogrado. Vossa Excelência não desejou nem esperou as felicidades que espera e deseja a mulher na flor dos anos. Se alguma hora sentiu estremecimentos de amor, sofreu-os com a violência da sua justa vaidade...

— Vaidade!— interrompeu D. Maria.— Vaidade!

— A palavra não é esta— insistiu Raul com firmeza -; há outra mais bem cabida, mais senhoril; mas também menos desculpável em nossos dias de luz, de expansão e de guerra vitoriosa aos preconceitos...

— Diga a palavra... Não se constranja...

— Orgulho do seu nascimento— obedeceu ele receoso.

— Louvo-lhe a coragem, senhor Baldaque. Se disfarçasse a ideia, não conseguiria enganar-me. Agradeço-lhe a franqueza. Tenho orgulho, é verdade, tenho muito orgulho de ser filha do príncipe pobre, do príncipe desterrado; e, cortejada à beira do trono de meu pai, talvez o não tivesse. Tenho orgulho de me ver abatida, e tenho pesar de não haver compartilhado das amarguras do grande infeliz. Quando ele sofreu extremas necessidades nos primeiros anos do seu desterro, ainda eu via nas salas e guarda-roupa de minha mãe valiosas relíquias de uma opulência que não havia sido dele, nem do Estado, nem da Casa do Infantado, nem das extorsões feitas a uma nação arruinada. Se essa opulência subsistisse àquela hora em que fiquei órfã, eu venderia até o leito de minha mãe para o socorrer, e ajoelhariam à Divina Providência, exorando-lhe que me deixasse ganhar o pão de cada dia, e permitisse que a miséria se abraçasse com a dignidade, e as lágrimas, se era preciso chorá-las, me não saíssem

impuras do coração. O meu orgulho já vê, senhor Raul, que principiou assim: principiou como começa a humildade de muita gente desafortunada. Filhas de reis haverá muitas que se julgariam aviltadas pelo trabalho; e eu socorri-me do trabalho humilde para sustentar o meu orgulho de filha dum rei. A mulher que se dá a fidalga distinção de igualar-se à plebe, reservando para si a superioridade de agradecer com um sorriso as ofensas inevitáveis nas posições humildes, não se lembra que é neta de reis para ter orgulho. Mas esta palavra é áspera, é negativa da virtude, soa rispidamente aos ouvidos da moral cristã. Também aos meus. Se a consciência me não dissesse que ela exprime inocentemente o conceito que de mim formo, pediria a Vossa Excelência que antes lhe chamasse enérgica hombridade, vigor de caráter, condição excêntrica e singular, se quiser, mas defeito do coração seria injustiça atribuir-mo. Orgulho de pobreza, sim; mas sem as irritações do orgulho plebeu; sem a cupidez infernada na alma. Tenho uma ambição, mortificante mas inofensiva, uma ânsia, que, se é pecaminosa, as lágrimas, que ela me faz chorar, decerto me têm lavado a alma das suas impurezas. Esta ambição é um desvario de enfermo que se estorce no ardor da febre; mas é pior ainda... Que as minhas agonias não devem revelar-se, são profundas, abafadas, escondo-as de todos; porque estou sozinha neste mundo; e tão desgraçada que não acharia alívio algum em confidenciá-las... Expliquei-lhe o meu orgulho— concluiu D. Maria José, sorrindo e bebendo as lágrimas ao mesmo tempo.

E, volvidos alguns segundos, como Raul, embevecido na contemplação daquela mulher, em que duas formosuras pareciam deslumbrar-se, não proferisse um monossílabo, disse ela, amaciando a aspereza da pergunta, com a brandura do tom:

— Chamou-me orgulhosa do meu nascimento, senhor Baldaque. Eu confessei que sou; e, olhe, tenho uma qualidade mais repreensível ainda... quer que lha diga?...

— Outra virtude?

— Outro defeito... Sou soberba.

— Soberba!...

— Sim, disto que vê: daquelas luvas, daquelas camisas, destas farraparias que me rendem as preciosas galas que eu preciso para sustentar a minha soberba.

E terminou por um frouxo de riso indescritível, talvez um gemido convulso, um regolfo de lágrimas que se retraiu ao coração.

Neste lance, entrava uma criadinha com duas latas, de feição de marmitas, nas quais ia o jantar da luveira, comprado em uma taverna das Portas de Santo Antão.

Raul, com olhos turvos e voz tremente, apertou a mão de D. Maria José de Portugal, murmurando estas palavras de modo que a criada as não ouvisse:

— Eu não a mereço... mas hei de amá-la como um escravo, que eu tive, me quer e ama ainda hoje. E assim como o amor do escravo me fez bem à alma, pode ser que o meu amor seja na vida de Vossa Excelência um sentimento suave.

E saiu. José Parada, e os convivas de Raul de Baldaque e eu não duvi-damos assacar ao amador da luveira os estimáveis defeitos que dão quilate superior a quem faz praça deles com a invulnerável petulância da riqueza. Julguei-o mal à primeira vez que o vi galhardear-se com trejeitos e garridices incompetentes de rapaz sisudo. Além de que, na altania do seu olhar, no sobreceño arrogante com que mediu as minhas modestas dimensões, enfim naquele hirto aprumo da sua catadura, eu, iludido pela experiência de dezenas de exemplares de tolos que me trazem desconfiado, conjecturei que Raul não tinha dotes que pudessem enlçar o afeto da filha de D. Miguel, a não ser a sua pessoa tafulamente vestida, o urco do seu fáeton, e o alardo de uns presuntivos mil e tantos contos.

Este rapaz escolhera o pior expediente para se fazer aceitar na estima dos seus conhecidos em Lisboa. Deu-lhes jantares cuja magnificência inculcava propósito de ostentação; e, não contente da vanglória de ser rico, desvanecia-se em exceder nas graças de espírito os seus contubemais. A reputação de néscio criaram-lhe estes. Havia na calúnia o ignóbil intuito de se arranjam com a consciência que os arguia de parasitas; e o acordo, que eles faziam com a sua dignidade beliscada, era imaginarem-se “desfrutadores” do parvena.

Pode ser que o filho do conde de Baldaque, alguma vez ou todas as vezes que presidiu às suas ceias irritantes e escandecentes no Mata, quer inflamado pelo ardor natural de sua compleição, quer exagitado pela perfídia dos licores, se demiasse em bazófias de galã relatando com indiscreta jactância proezas femeais, mais ou menos fantasmagóricas. Os seus comensais, mordidos no

orgulho nacional, de mate forçoso deviam trocar-se aquele jeito de olhar de soslaio com que o despeito convencionalmente se dá a máscara de desfrute. Não sei até que ponto o sensato idólatra da luveira havia direito à fatuidade de afortunado em jerarquias somenos da filha de um Bragança, mas tanto ou quanto aparentadas com a sua real amada. Como quer que fosse, os seus amigos apregoavam-no petisco infinitamente brasileiro; e as suas amigas, com aquele fino fardo de que são prendadas as damas menos cândidas, por tal arte o haviam conceituado que todas as aventuras contadas, em estilo de roué, vinham a ser o mais desgraçadamente exatas que é possível; desgraçadamente, digo, porque eu desejo que no seio das famílias, que respeito, não sejam somente conhecidas as três virtudes teologais.

Se as entranhas daquele rapaz de vinte e seis anos estavam canceradas; se as suas vítimas lhe resvalavam do seio de gelo à sepultura levadas em lágrimas torrenciais, não sei, nem o diria quando o soubesse; que este livro não é obituário. Contra quem me levanto, é contra mim próprio, porque, à primeira intuição, o aquilatei no vulgar dos rapazes ricos, libertinos e cansados.

Não fundamento esta retratação e protesto unicamente na sensibilidade, polidez, e atilado acento de suas palavras à luveira, por tanta maneira louváveis que, sendo apaixonadas, não desatremam da prudência, e podem ser dadas como exemplar de colóquios do paço dos nossos reis e senhores.

O meu protesto cimeta em bases que não podem dar de si. É o estilo. Quem fala daquele feitio a linguagem portuguesa— quem ama com todas as partes da oração em concordância irrepreensível, poderá, por inveja ou injustiça grave, não ser mencionado nos Lugares Seletos; mas tolo é que não pode ser.

Ora agora, se amar luveiras regiamente fantásticas, com tamanho siso e tão desusada reverência, é hoje em dia argumento contra a sanidade intelectual de um homem que representa mais de dois milhões, isso é outra questão que há de ventilar-se oportunamente.

CAPÍTULO 9: DAMIÃO RAVASCO

A pele é feia; mas o sangue que gira dentro é estimável.

Euripides, O Ciclope, ato IV.

A gravidade fria e desanimadora de D. Maria José de Portugal não vingou despersuadir o filho do conde. As visitas continuaram com a mesma quotidiana assiduidade, bem que menos demoradas. Raul de Baldaque, ao reverso do que era natural, em vez de ganhar alento e desembaraço, depois que tão resolutamente se manifestara, tornou àquela timidez de colegial, vencida no ímpeto da paixão.

Às vezes, o abatido moço saía confuso e como corrido de sua tibieza, pedindo aos próprios brios que o salvassem de tão ridícula, senão indecorosa, pusilanimidade. Desconfiado, porém, da ineficácia do seu pundonor em assunto de per si rebelde a razões de orgulho, formava a só consigo venerandos juramentos de sacrificar a quimera da luveira à realidade do seu alegre viver de rapaz. Nestes protestos fazia ele entrar a sactatíssima memória da sua mãe; imagem que raramente lhe passava diante dos olhos do espírito sem lhe deixar no coração bons sentimentos e um suavíssimo ideal da felicidade humana, estreme de dissabores, tédios e remorsos.

Mas a querida imagem, invocada a solenizar o juramento, não lhe antepunha mulher que ofuscasse a filha do infante. A deparar-lha, dar-se-ia o único milagre possível nestas conjunturas, milagre aliás frequente, quando as mulheres queridas não têm consigo a predestinação da luveira, e o íman desdobradamente portentoso da formosura, do talento e do espírito, sem fazer menção do mais feiticeiro filtro que há aí nisto de magia amorosa, que vem a ser a esquivança da que é adorada, um não querer de exempta, uma delicada repelência que a um tempo vos alanceia coração e amor-próprio.

As conversações de Raul e D. Maria versavam, às vezes, sobre ocorrências políticas de onde derivou a guerra civil funesta ao rei absoluto. D. Maria José, sem ousar arguir as imprudências do pai, lamentava que os seus conselheiros não fossem mais esclarecidos do que ele, cuja educação apoucada o obcecara em meio das alvorojantas ideias do seu século. Discorrendo varonilmente acerca da história das lutas entre a democracia e o privilégio, concatenou os sucessos que precederam a revolução de 1820, e justificou as results de que seu pai devia ser a vítima, em castigo de prestar-se a representante passivo dos ambiciosos estúpidos que lhe aconselharam a transgressão do juramento feito.

Baldaque saboreava-se não do tom prelecionador da dama, que não o tinha; mas da feminil suavidade com que ela simplificava, em breves e claros termos, passagens da história pátria, na maior parte ignoradas do brasileiro.

O leitor, que esvoaça em regiões diáfanas onde se não condensam vapores crassos de história, dispensaria que a inspiradora das suas líricas lhe referisse cronologicamente os anais de D. João VI no estilo flatulento de mestra régia bem saturada da filosofia do historiógrafo Sr. Moreira de Sã, ou qualquer Niebulir da sua estofa. Quero até persuadir-me que o leitor anêmico, e avesso a iguarias condimentosas, rejeitaria mesmamente a senhora de espíritos assaz métricos que lhe lecionasse os fastos lusitanos em estâncias do senhor conselheiro Viale, poeta voluptuoso como gôndola veneziana, vista da Ponte dos Suspiros, a balouçar-se cheia de... repolhos.

Dou-lhe razão.

O amor seria divindade indigna das lágrimas que se lhe choram nas aras, se algum peito súcubo dele pudesse aceitar lições de história como flechas do seu carcás.

A ignorância, mais ou menos absoluta, é uma das cláusulas que nos impõe à nossa servidão o filho da deusa viciosa, cuja ilustração não poderia medir-se com a da senhora Dona Canuto, Vênus Urânia, se é forçoso mitificá-la— ou outra capacidade menos provada.

No adro dos templos do frecheiro não demandemos filósofos eructando azias hegelianas, nem jurisperitos polvilhando a âmbula dos perfumes com o vinagrinho que lhes espírita o cérebro ressentido da cegueira da justiça. O que lá se nos depara, em redor dos pagodes do deus cego, é gentio a rir e a chorar, que ora se prostra suplicante, ora se espoja em desbragada alegria..

Amor espasmódico, amor macabro, amor epilético. Há destas três castas de amor na zona luminosa da mulher peregrina.

O espasmódico é o contemplativo; o macabro é o que salta e se estorce nas vascas voluptuosas do deleite; o epilético é o que escabuja debaixo da garra da perfídia. Há uma quarta espécie de amor, do qual ninguém faz livros porque é a mais analfabeta: é o amor de mercearia, o amor sebáceo e rúbido como o buril antigo o imortalizou nas cascatas, e no coração de nossas avós. Encontra-se esta

reliquia dos tempos honestos no terceiro andar das famílias cujos chefes labutam nas suas tendas. Está sentado na travesseirinha do leito nupcial brincando com os folhos e borlas azuis da almofada. Resfolga, por bochechas de cravelina, frouxos de riso à esposa, quando ela, depois da ceia, desaperta os nastros da celoura conjugal, enquanto ele encarapuça o marido no barrete de dormir. Não temos que entender com algum desses amores nesta crônica, excetuando o primeiro, o espasmódico. Nem Stendhal criou adjetivo tanto ao ponto. Deixemo-nos de cristalizações. Espasmos, macabrismos e epilepsias — é o que há. Mais nada.

Raul de Baldaque estava, pois, escutando as narrativas da luveira em arroubos que sobreexcedem os de um aluno de boa-fé absorto a escutar o Sr. João Félix Pereira, quando arenga acerca de Heródoto.

Em uma dessas tardes de inocentíssimo prazer, entrou na loja de D. Maria José um mulato ofegante, com os olhos vidrados de lágrimas, e exclamou em sufocativas intermitentes, dirigindo-se a Raul:

— Menino, venha depressa a casa... venha depressa... que o senhor conde...

— Que é, Damião?!— interrompeu Raul -, que tem meu pai ?...

— Caiu por morto, quando ia a entrar na carruagem... levei-o nos braços para casa... chamou-se o médico; mas já não respirava...

O moço, apertando a mão de D. Maria José, que balbuciava algumas palavras compassivas, saiu aceleradamente.

Quando entrou no quarto de seu pai, as pessoas que rodeavam o leito, não responderam à interrogação de Raul. O médico apertou-lhe convulsamente a mão e saiu. Os restantes eram criados, cujos aspeitos exprimiam mais espanto do que dor.

O filho ajoelhou à beira do leito e beijou a mão do cadáver; depois, encostando a face ao ombro do pai, soluçou palavras ininteligíveis. Do outro lado do leito ajoelhou alguém com os punhos cerrados na frente e as lágrimas a borbulharem-lhe dos olhos espavoridos no rosto do morto: era o mulato Damião.

Digamos deste homem que se nos revela simpaticamente em frente dum filho que chora, e ao lado do velho que lhe expira nos braços.

Damião Ravasco era o seu nome. Gentil corporatura de mestiço. Feições levemente denunciativas da origem indiana de sua mãe. Olhos fulgurantes. Epiderme esmaiada, aquele esfumado de marfim antigo, que nas raças europeias distingue as belezas finas, o palor romântico, a vantagem do espírito sobre a riqueza do sangue.

Damião Ravasco orçava pelos trinta e dois anos. Já sua mãe havia nascido em casa de Antônio Ferreira Baldaque, pai do defunto conde. Ninguém lhe atribuía filiação deste ou daquele. As escravas eram muitas e fecundas todas. Entretanto, nos traços fisionômicos de Damião realçavam parecenças com o pai de Raul; e, no particular afeto com que o capitalista o estremara desde a primeira infância, havia o quer que fosse indicativo de virtude não vulgar nos progenitores dos filhos das escravas.

Antônio Ferreira Baldaque deu azo a suspeitarem-no pai do mulato quando o mandou à escola, trajando-o com decência incompetente a um servo. Agravaram-se, porém, as desconfianças, quando, pronto em primeiras letras, o rapaz seguiu estudos superiores.

Poucos anos antes, havia casado o negociante com a mãe de Raul, a qual, ciosa da consideração que o esposo liberalizava ao filho da escrava, disparou em impertinências que poderiam resultar a felicidade do mulato, se ele pendesse a engrandecer-se por letras.

Quis o prudente esposo restabelecer a paz doméstica, enviando Damião a seguir em Portugal a carreira da jurisprudência ou da medicina na Universidade de Coimbra. O rapaz ouviu as ordens do padrinho, e respondeu humilde, mas com firmeza, que não queria ser doutor, nem tinha queda para estudos.

Esta confissão não era vaidade mal rebuçada em modéstia. Em Damião Ravasco, ao passo que a esforçada musculatura se alargava com proporções agigantadas, parecia que as potências da alma lhe eram deprimidas pelo peso da matéria. Os discípulos não ousavam motejar-lhe a rudeza, desde que ele, em polêmicas gramaticais, abusando dos preceitos mais vulgares da camaradagem literária, respondia com socos ou marradas aos argumentos dos adversários: indignidade que ainda não vimos praticada em outra parte, senão no Parlamento português.

Os professores haviam já prevenido o protetor do mulato, quanto à incapacidade rebelde do estudante; apesar disso, Baldaque desejou ilustrá-lo, até ao momento em que Damião por claros termos se recusou.

Interrogado sobre o modo de vida que melhor quadrava ao seu gênio, o rapaz, que então contava dezoito anos, respondeu que o seu gosto era ser boleeiro; e acrescentou que tarde ou cedo o havia de ser, porque ninguém fugia à sua estrela.

Ou porque respeitasse a estrela de cada sujeito, ou receasse denunciar o que era, ou dar mais fortes suspeitas do que não era, o negociante oferecera alguns contos de réis a Damião Ravasco a fim de que se estabelecesse, consoante sua vontade e vocação.

O mulato rejeitara o dinheiro dizendo, entre soluços, que não queria deixar o padrinho; e, abraçado ao pequeno Raul, rogava-lhe, debulhado em lágrimas, pedisse ao pai e à mãe que o não mandassem embora.

A esposa do submisso negociante não condescendera. Os rasteiros instintos de Damião, preferindo a cocheira à universidade e a sela às cartas de bacharel, acerbaram o desamor da dama que afiava cortantes chacotas contra a defunta escrava, assacando-lhe que ela ardeiramente capacitara da tal paternidade o seu senhor, usurpando direitos de progeneritura a algum obscuro lacaio. Antônio Baldaque, posto que não se desse como pai do mulato, claramente, devorava em silêncio o insulto, deixando-se envilecer e maniatar pelas centenas de contos que a esposa aumentara aos seus haveres.

Não era ele todavia insensível ao espinho oculto que lhe pungia na vaidade de pai, quando diligenciava demover o afilhado da vil profissão de boleeiro, incitando-o a sair para Portugal, onde lhe segurava recursos para negociar, se não quisesse outra carreira.

Damião Ravasco, sofrendo esforçadamente a sua mania, cuidou que poderia conformar-se, e já parecia vencido das indiretas instâncias do padrinho. Mas, um dia, como visse anuncia— da a venda de carruagem e parelha do ministro francês, concorreu ao leilão, licitou por não poder conter-se, e arrematou o trem, obedecendo à espora do instinto que o não deixou refletir na desobediência.

Dado tal passo, Damião foi despedir-se do padrinho, que o recebeu de mau rosto, improperando-lhe a baixeza das inclinações. O moço, porém, possuído dos fidalgos espíritos de muitos portugueses coevos, netos de Gamas, Albuquerque, Castros e outros, respondeu que a sua inclinação, não o desonrando a ele, não podia desonrar ninguém.

A pessoa de quem Damião Ravasco se despediu com muitas lágrimas era o menino Raul. A criança pagava amorosamente os afagos do mulato, defendendo-o como podia, quando a mãe o tratava com desafeto, e fugindo dela para os carinhos do filho da preta, quando a retrincada senhora o apelidava afrontosamente o negro.

Começou o mulato sua vida de alquilador prosperamente, comprando carruagens, e boleando-as ele mesmo. A paixão da almofada e do pingalim não lhe consentia aristocratizar-se na sua esfera de proprietário de nove parelhas normandas e seis asseados trens. Era artista em extremo grau. Entrajava com menos alinhamento que os seus criados. Todo o seu deliciar-se em luzimento e galhardia de composturas eram os arreios dos cavalos e o brilhante verniz das equipagens.

A propensão do mulato não era das que menos se prestam a irritar as sanhas das índoles brigosas. A parçaria com homens de cavaliçaria, de natural bulhentos, muitas vezes o pôs no gume do perigo, e outras tantas lhe deu admiráveis triunfos de pugilato, quando não era a navalha que empurrava os adversários para o hospital. A polícia, inquieta e nem sempre respeitada pelo valentão, quis prendê-lo em cumprimento duma pronúncia por crime de tentativa de morte nas pessoas de dois negros que haviam maltratado na chácara Raul de Baldaque, em ocasião que este se comprazia frechando-os com alfinetes desempolgados do arco, sob pretexto de ensaiar-se para Guilherme Tell.

Homiziou-se Damião em Vassouras, recomendado pelo padrinho, a quem cumpria patrocinar o generoso defensor do filho legítimo.

Este caso amoleceu a dura condição da mãe do menino, cujo prazer de assetear negros lhe seria descontado em torcegões de orelhas, se o filho da escrava não sangrasse a ferro as iras dos ofendidos. Quebrou-se, pois, a antipatia da dama,

até à condescendência de permitir que o marido saísse a público em abono do afilhado, legalizando as navalhadas como justa defesa.

Damião Ravasco regressou absolvido, mas não emendado, ao Rio de Janeiro. A impunidade alargara-lhe o fôlego das proezas. Cuidar-se-ia que a sua paixão dos quadrúpedes ia desandando noutra menos estranha à superintendência do código criminal. Quando evitasse o ensejo de provar a mão na cara dos que se lhe arrostavam, ver-se-ia à sua beira Raul, a quem ele obedecia docilmente; mas, como essas ocasiões eram menos que os lances em que o provocavam, ou ele se considerava provocado, raro era o dia em que Ravasco não tivesse de explicar à polícia a razão por que certos queixosos haviam perdido alguns dentes, ou, com os olhos tapados por contusões, recorriam à justiça pouco menos cega que eles.

Neste meio tempo, faleceu a esposa do capitalista.

O viúvo apressou a liquidação dos seus grandes bens de fortuna, com o propósito de repatriar-se, e saborear em sossego o restante da vida.

Não queria ele trazer para Portugal o mulato, receando desgostos e sobressaltos, em tempo e terra onde lhe sorriam esperanças de remansosa tranquilidade. Tanto puderam, no entanto, com ele instâncias do filho que não houvesse recusar-lhe a companhia do amigo.

O conde de Baldaque, em Lisboa, ostentava opulência ajustada ao título. Damião mordomizava a cocheira, com voto deliberativo na escolha das parelhas e carruagens. A paixão recrudescera-lhe a termos de não querer outra posição em casa do padrinho. Pelo que toca ao sestro das valentias, corrigira-se tanto quanto o conde podia ambicionar. Como não tinha inimigos em Lisboa, o mulato, absorvido no deleite de palmear e almofaçar as ancas dos seus cavalos, apenas uma ou outra vez esbofeteava os criados galegos da cavalaria para exercitar a pujança dos tendões *in anima vili*.

Raul de Baldaque, nas estouvices de rapaz, se precisava de um amigo que lhe antepusesse a sua vida aos lances arriscados, aventurava-se aos maiores perigos com Damião ao lado. Confidências amorosas, particularidades que ele escondia dos seus comensais, diálogos íntimos com damas de primeira plana, tudo revelava a Damião Ravasco. O mulato ria das aventuras do amo, e aconselhava-

o a ser rasgado e audacioso com as fidalgas quando ele se prezava de o ser com as moças dos vizinhos.

Não lhe era portanto misterioso o amor de Raul à Luveira. E o seu modo de pensar a respeito desses amores, que tão mudado lhe traziam o pensativo menino, o saberemos logo.

Dada em resumo a biografia do mulato, personagem de máxima importância nesta história, temos explicado aquelas lágrimas que o filho da escrava chorava, beijando a mão fria do homem a quem nunca ousara chamar pai, posto que, no silêncio da alma, uma voz misteriosa lhe dissesse que Raul era seu irmão.

CAPÍTULO 10: FRUTA DO BRASIL

*Muffo, s. m. pancada com a mão fechada. Soco.
Roquete, Dic. da LMgw Pori.*

Aqui desaparece o romântico nome de Raul. Vamos ter a vulgaridade dum conde. Queixem-se do ministro que dera o título em duas vidas ao primeiro. Todavia, entre Luveira e conde o relevo dos amores deve dar margem a contrastes mais palpitantes de atualidade, como já se não diz. Amores de Luveira...

Não é isto exatamente. A Luveira não o amava. Era para ele em rigor o que lhe disse que era.

Distinguia-o do acume de onde o via em baixo, bem que no seu levantado orgulho houvesse uns brios de majestoso abatimento. Era irreconciliável o divórcio de sua fidalga pobreza com opulências provenientes de homem que intentasse ofuscá-la com esta cousa sobremaneira desprezível chamada dois milhões, ou— mais execrável ainda— três milhões!

O conde honrou a memória de seu pai, encerrando-se por espaço de quinze dias.

Como a saudade filial lhe estivesse pedindo consolações que ninguém sabia dar-lhe, o moço desafogava em cartas enviadas a D. Maria José, nas quais se carpia

como se devesse achar alívio na condolência da mulher destinada a duplicar-lhe os perdidos afetos de pai em carícias de esposa.

D. Maria José de Portugal respondia compassivamente às cartas, adoçando-lhe a dor com a certeza de que lha conhecia, porque também ela havia perdido sua mãe, e gemera na dupla orfandade de mulher e mulher pobre. As suas respostas, se alguma vez pareciam dulcificadas por sensibilidade de amiga, nunca tocavam o sentimentalismo amoroso. E, tanto era o desartifício com que naturalmente se expressava, que ninguém veria nas cartas dela o esforço da mulher que se disfarça, ou procura colorir com termos delicados a parcimônia de mais afetivos sentimentos.

O conde não escondia o seu despeito de Damião Ravasco. Lia-lhe as cartas que escrevia e as respostas recebidas por intermédio dele. E o mulato, pouco dado a interpretações de frases que se afiguravam recônditas à vaidade do conde, saía-se às vezes com umas reflexões alheias do bom senso que irritavam sobremodo a delicadeza do amo.

Por exemplo, uma vez, andando o conde a passear no seu quarto, e a dizer em vozes interrompidas por suspiros que a luveira o havia de matar ou endoudecer, Damião, tomando-lhe o passo, falou do seguinte teor:

— Ora, meu amigo, vamos a isto. Estou farto de palavreado. Obras, obras é que se quer. Seja homem e atenda lá ao que lhe vou dizer. Se o menino quer morrer ou perder o siso, não quero eu. A mulher há de ser sua, tanto me importa a mim que seja filha do rei como do Diabo! Luveira é ela, isso vou eu jurá-lo, porque ainda ontem lhe comprei umas luvas de camurça. Mas, se fosse filha de rei e morasse no palácio real, antes de Vossa Excelência morrer ou endoudecer, havia eu de fazer mais restolho que dez milhões de diabos para que ela fosse sua. Se eu pudesse, muito que bem; se não pudesse, quem havia de morrer primeiro que o senhor conde era eu.

— Que fazias tu, Damião?— perguntou entre grave e risonho o conde.

— Que fazia?— sim...

— Vamos aqui falar sério. Sente-se o senhor conde, e, se eu disser alguma parvoíce, não se enfade, que perde o tempo. Um homem é um homem, parta deste princípio, como dizia o frade que me queria ensinar lógica. Um homem

não é uma mulher. As mulheres vencem com choradeiras, os homens vencem com obras: percebe o que eu quero dizer na minha? Um homem sem desembaraço... é mulher. Lá que a gente morre, quando não se desengana a puxar por si, não tem dúvida nenhuma. Há muito tempo que eu andaria às malvas, se me deixasse estar quieto a conversar com a prudência. A prudência é boa nas terras onde não há marotos...

— Mas a que vem tudo isso, Damião? Bem se vê que o frade não conseguiu ensinar-te lógica!... Então que queres tu que eu faça?

Damião Ravasco soltou uns froixos de riso seco, esfregou as mãos, deu duas palmadas nas pernas e respondeu:

— Se o menino me dissesse: “Damião, eu quero aquela mulher, custe o que custar”, a mulher seria sua, ou eu me dava em corpo e alma ao maioral do Inferno! Diga-me cá,— senhor conde: como foi que se arranjou no Rio aquele negócio da francesa que estava com o chanceler? O menino contou-me que ela não o queria, e o maltratara diante de outros...

— Cala-te, que me estás irritando!— atalhou o conde.— Não admito comparações entre a francesa e Dona Maria!

— Mas o menino dizia da francesa a mesma alicantina que diz desta— observou o mulato, maliciando o sorriso com a velhacaria dum prático do coração humano.— Eu fui dar com Vossa Excelência, na chácara de Petrópolis, triste, pensativo, a falar só, a dar uns ais que parecia rebentar de paixão da alma. Perguntei-lhe que tinha. Disse-me que amava a francesa do chanceler, e que dava um tiro na cabeça, se a não pudesse tirar ao francês. Foi assim, ou não foi?

— Não me atormentes!— insistiu o conde, corrido talvez da confrontação que o mulato equiparava entre as duas situações análogas.

— Mas...— tomou Ravasco. -já te disse que me não aflijas... Queres dizer-me que fazes à filha dum príncipe o que fizeste à francesa?...

— Sim... eu... acho que...

— Achas que Dona Maria pode ser levada numa sege à traição, e calar-se depois mediante alguns centos de fibras corno a outra?...

Damião sacudiu os ombros à feição de quem cinicamente presume que a distância divisória entre duas mulheres não é tamanha como os poetas a medem. O conde, todavia, assanhado pelo trejeito do mulato, ergueu-se de ímpeto, coriscou-lhe um lance de olhos humilhante, e saiu, murmurando:

— Instintos de cocheiro... afinal!

O insulto confrangeu a alma forte do filho da negra; mas nem leve assomo de cólera se denunciou na mudança daquele aspecto. O amor de Damião ao filho do seu padrinho era tolerante e impassível até à covardia. Beijá-lo-ia, depois da injúria, como as mães beijam os filhinhos que as esbofeteiam.

Não obstante, logo que o espanto e a dor cederam à reação da dignidade, o mulato procurou o conde, e disse-lhe dissimulando a comoção:

— O cocheiro vem despedir-se. Vou recolher-me à cavaliça de Vossa Excelência, e sairei de lá para outra, quando souber que o senhor conde encontrou feitor que me substitua.

O conde deteve-se momentos a contemplar a serenidade do mulato, que o fitava com os olhos turvos de lágrimas a desmentirem a dureza do semblante.

Qualquer que fosse o agastamento do amator da lueira, a ofensa feita à filha dos Braganças podia menos no amor do moço que a inveterada gratidão aos extremos do mulato. Demais disso, a opinião pública do Rio de Janeiro, quanto à filiação do filho da escrava, não era estranha ao conde; e, mais que tudo, seu defunto pai, louvando o sisudo proceder do afilhado, em Lisboa, havia dito ao filho que a sua maior pena era não ter podido elevar Damião à decente independência que projetara.

Portanto, ainda que de si mesmo quisesse esconder as próprias suspeitas, o conde não podia esquivar-se à conjectura de que o mulato era seu irmão; e tal desconfiança, penetrante como um sobressalto de súbita evidência, lhe alvorotou o ânimo no instante em que as lágrimas de Damião, rebeldes à vontade, pareciam a um tempo queixar-se do ingrato e pedir perdão para o desvario dum doudo entusiasta que, em serviço das paixões frequentes de seu amo, não distinguia entre a concubina dum chanceler e a filha de um rei.

Estas e outras louváveis reflexões ponderavam no espírito do conde, quando, aproximando-se de Ravasco, lhe abriu os braços, estreitou-o ao peito, e disse:

— Não finjas que me deixas, Damião, porque tu não deves nem podes deixar-me...

E o mulato, rindo e chorando, tartamudeava palavras convulsas, enquanto o conde prosseguia:

— Não se deixa um rapaz de quem se é amigo, desde o berço, e a quem se deu proteção quando ele a precisava menos que hoje. Olha que estou só no mundo, Damião. Não tenho ninguém que me estime, senão tu. Dos afetos que me rodearam na infância e mocidade, vives tu só. Se me faltares, acuso-te de mau e ingrato, e hei de convencer-me que não há para ti amizade duradoura senão... a dos trens— conclui jovialmente o conde, já quando o mulato o levantara nos braços como quem afaga no colo uma criança para desamuá-la com meiguices.

Daí a pouco estava outra vez o conde confidenciando a Ravasco o seu fatal amor à mulher que lhe não dava mais estimaçãõ às qualidades pessoais do que à riqueza e ao título. O mulato transiu-se de assombrado quando o milionário lhe afirmou que aluveira pobre o rejeitaria, se lhe ele oferecesse a mão de esposa.

— O menino já lho disse?!— interrogou Damião.

— Não. Disse-mo ela para me poupar ao dissabor da pergunta.

— Senhor conde— volveu o cético -, olhe que há mulheres finórias!... Olho vivo, menino!

— Damião!— acudiu desabrido o conde em desforço de D. Maria.— Sinto que o teu espírito não saiba respeitar devidamente a mulher que eu escolheria para minha esposa!

— Respeito, sim, senhor. Isto é um modo de falar. Mas não creio que haja senhora rica ou pobre que rejeite o senhor conde, que é moço, é bem parecido, sabe o que diz, e tem mais do que pensa. A mulher que o não quiser, tem outro homem, ou é douda. Eu, no seu lugar, tratava de averiguar se essa criatura é o que parece, e regula bem da cabeça.

— Damião!.... és incorrigível!— bradou o conde.

— Palavra de honra, que não sei falar com o menino! Sabe Vossa Excelência que mais, senhor conde? Há por aí dúzias de amigos que o entendam e o enganem; eu cá por mim, sou desta laia. Digo-as cousas toscamente como sei. Se a senhora fidalga é boa, não perde nada com a minha opinião; se não é boa, pior para ela. O que eu quero é que Vossa Excelência não sofra, nem seja enganado. Das duas uma, como dizia o meu mestre de lógica: se ela o ama, case com ela; se o não ama, de que lhe serve padecer? Eu cá não queria mulher que me quisesse por compaixão.

Apesar da nímia tolerância com que o escutava, o conde pretextou qualquer motivo para cortar a conversação.

Nesse mesmo dia, Damião Ravasco foi à loja da luveira, com o disfarce de quem passava, e perguntou a D. Maria José se queria alguma cousa para o senhor conde.

— Ele está bom?— perguntou ela.

— Não, minha senhora.

— Não! Que tem? Está doente?

— Da alma.

— Saudades do pai?

— Tudo se ajunta. Saudades... e paixão...

— Paixão? Sim, paixão pelo pai...

— Paixão por Vossa Excelência.

D. Maria corou. Não era bem o pejo de tal revelação feita por pessoa de esfera ínfima. Era febre de mais fidalga enfermidade: era o decoro de princesa, fibra estremecida por nevrálgia de orgulho, mas fibra que não é comum de todas as senhoras fibrinosas. É um filamento adelgaçado pelo esmeril do tempo através das raças; cousa que vem das castelãs do ciclo feudal; que estremeceu nas mulheres dos barões da Meia Idade; que não tem vibração nenhuma nas baronesas desta idade recentíssima. E vai depois o mulato, como eu vinha

contando, foi embargado no seu plano de requerer a mão da luveira para o conde.

É que dois sujeitos, vestidos ao bizarro, e bem talhados de suas pessoas, entraram à loja, e, com ademanos farsolas, pediram colarinhos de bretanha.

Expôs no balcão a luveira as bocetas dos colarinhos. Os fregueses, a par e passo que os iam examinando mui devagar, galanteavam a silenciosa senhora com uns dizeres desta casta:

— Mal empregados olhos em almofadas de costura! Quem os tem tão matadores melhor uso lhes daria, se se dignasse olhar para outros que a amam...

Eram negros corda noite Uns olhos negros que eu vi...

O sujeito, que assim falava, dava ares de deputado do Norte, papa-fina, calaceiro de damas sertanejas, galo de aldeia vezado a cacarejar finezas; mas bem-criado e de fama na sua comarca, e, talvez mais adiante, como pessoa perigosa para senhoras frágeis ao dom da palavra.

O outro, que vislumbrava esperteza e garbo de lisboeta, sorrindo desdenhoso à linguagem do amigo um tanto rançosa das galanices do Clarimundo, falou desta arte:

— Esta menina, aqui onde a vês, tem, segundo consta, sangue real nas veias. Se eu fosse príncipe, fazia-lhe os meus cumprimentos, e pedia-lhe um ósculo.

— E eu dois— ajuntou o deputado dos Arcos ou de Melgaço (de Melgaço é que era, se bem me lembro)-, mas, prescindindo dos ósculos— continuou mais requebrado-, limito as minhas ambições a pedir-lhe que me tome medida do pescoço a fim de saber-se quais colarinhos hei de comprar. Vou sentir o aveludado das suas alabastrinas mãos, mãos de princesa...

D. Maria José, durante as pungentes facécias dos malfadados, não erguera do balcão os olhos carregados de lágrimas. Malfadados lhes chamei; porque Damião Ravasco, enquanto eles falavam, trincava e cuspiu a pedaços um charuto, ao mesmo tempo que, fervendo em ira, e agitando maquinalmente os braços, parecia dar-lhes calor para uma pega mortal.

E os dois faceiras decerto não atentaram nos olhos assanhados do mulato, nem dariam significação funesta àqueles trejeitos, se os vissem.

O deputado, entretanto, como a luveira não respondesse ao pedido, aliás honesto, de lhe medir o pescoço, insistiu abemolando a rogativa com um sorriso de irônica meiguice:

— Então o meu anjo não se humaniza até à humanidade de me tomar a medida do pescoço?

— Meço-lho eu— disse Ravasco, abarbando-se com o sujeito.

E, proferido o serviçal oferecimento, recurvou-lhe os dedos da mão direita na garganta, sacudiu-o de encontro à ombreira da porta, e daí, tangido pelo impulso de uma valente pescoçada, com um sonoro pontapé tombou-o à rua. Consumado o feito, voltou-se para o outro, que se quedava imóvel, fulminado, empedernido talvez por sua justa indignação, e disse-lhe:

— Você também há de ter o beijo que pediu. E o mesmo foi convidá-lo com três tapa-olhos à mão-tente, cascados de tal guisa que, ao terceiro, o sujeito mordida o macadame dos fortes colhidos de sobressalto, resvalando os dois degraus que o separavam do seu infausto amigo.

Cobriu-se de profunda amargura o aspeito de Damião Ravasco, ao ver que os dois fregueses de colarinhos, depois de se escovarem reciprocamente com os lenços, e de trocarem entre si palavras misteriosas, calcorream-se embora com aparências de sãos e escoreitos.

Na sua fome de músculo e sede de sangue, o mulato, dando rédea à fúria, idealizara o deleite de esfaquear e mastigar aqueles homens, porque pensava que eles, repostos na posição vertical, o atacariam façanhosamente.

Neste entanto, D. Maria não dava sinais de susto, nem daquele nervoso palpitar que vai tão senhorilmente às compleições feminis, quando um homem esmurraça dois na sua presença. Longe disso. A desafronta dilatara-lhe o coração que o pejo retraíra. Reluzia-lhe o prazer nos olhos. O ódio aos insultadores da sua honesta pobreza acendera-lhe no peito, por momentos, a ruim, mas natural paixão da vingança. O sangue de princesa, orgulhosa de raça, refluíra ao coração da luveira, humilde por estudo. Sentia-se bem. Não podia

nem queria fingir-se descontente do arrojo do mulato. Com a fronte alta e a comoção do prazer dos deuses olímpicos na voz, disse a Damião:

— Praticou um ato de generoso valor! Se houver de sofrer por minha causa, não se arrependa de defender a mulher que só tem tido a sua dignidade e paciência a resguardá-la de piores insultos...

Avizinhou-se então o estrupido de uma carruagem. Damião conhecia o trotar cadenciado dos seus normandos.

— É o patrão...— disse ele, correndo à rua.

E abriu a portinhola da carruagem.

— Estavas cá?— perguntou o conde.— Que faz aqui este povo?

Referia-se ao ajuntamento do rapazio e mulherigo que escutavam das primeiras testemunhas do conflito o caso dos dois homens afocinhados na rua.

— Que faz aqui esta gente?— instou o conde ao mulato, que se ocupava distraidamente em alargar umas fivelas dos arreios.

— Fui eu que sacudi o pó a dois pirangas que...

— Tornas ao fadário antigo?... Que te fizeram?— volveu o conde mal assombrado.

— A mim? Nada...

— Então a quem?

— Estavam a rinchar pachuchadas e chalaças à senhora ali da loja como quem derriça por uma mulherinha de pouco mais ou menos. Figurou-se-me que o senhor conde, se cá estivesse, faria o mesmo que eu fiz... Os cavalos estão endiabrados com a mosca! Olha a rédea falsa, rapaz! Vai aí até ao Rossio, e desanda. Toca!... Não me deixes escarvar o gado que se escabreia... Olha o cavalo da mão... não no vês a arrifar?

— Espera!— disse o conde ao sota.— Eu volto a pé...

Damião, salta para a almofada. Mete os cavalos à cocheira, e espera-me em casa.

O mulato obedeceu constrangido. Vaticinava-lhe o coração que ausentar-se era perder lanço de desemperrar as articulações dos pulsos.

D. Maria de Portugal referiu o sucesso, colorindo-o nos pormenores impróprios da sua narrativa; mas entremostrando, nas hesitações delicadas, que os ofensores haviam merecido o castigo recebido.

Nesta conjuntura, abeirou-se da porta um dos curiosos, que mantinham na rua o auditório à espera da explicação da desordem, e disse para dentro que os dois janotas socados pelo mulato vinham do lado da Praça da Figueira com três municipais.

— Senhor conde!— disse D. Maria assustada -, rogo-lhe que se retire...

— Não me peça Vossa Excelência sacrifícios em que a minha dignidade seja violentada. Retirar-me! De que perigos? O procurado pelos soldados decerto não sou eu! Prouvera a Deus que o fosse... Neste momento invejo Damião; e prezo-o mais do que é costume prezar as pessoas que se invejam.

Dito isto, o conde assomou ao limiar da porta, a tempo que os soldados e os dois respeitadores da intervenção judicial defrontavam com a loja.

O conde conheceu o amigo do deputado. Era um dos seus comensais nas ceias amostardadas por dançarinas, mulheres que dissolviam o coração em champanhe, e o espumavam nos lábios em beijos acres de tanino. Os quais beijos, na alma deste contubernal do liberalíssimo Raul, haviam deixado contusões menos duradoiras que os três bofetões do selvagem americano nas maçãs pisadas da sua cara.

Acercou-se o paralta da porta da loja e perguntou:

— Ó conde, aí dentro está um preto?

— Não.

— O celerado fugiu!— disse o deputado.

— Não fugiu— emendou o conde.— De quem havia de fugir ele? De Vossas Excelências? Dos soldados decerto não; porque seria injuriar dois cavalheiros

dessa laia supor que Vossas Excelências, castigados ao mesmo tempo por um só homem, iam invocar a proteção de três municipais!

— Que ar é esse teu?— perguntou o lisboeta, estranhando o tom insolentemente cerimonioso do conde.— Que tens tu com o assassino que nos assaltou aí na loja dessa notabilidade protegida por sicários de tal casta?

— Vejo que a proteção da força armada— replicou rindo o conde— lhe permite à língua a atividade que lhe falta nos braços!... O homem que lhe bateu, não fugiu.

— Então onde está?

— Quer esclarecimentos para instaurar querela contra ele? Eu lhos dou. Chama-se Damião Ravasco, e vive na casa de Raul Baldaque, às janelas Verdes. Procure-o lá.

— Ah!, então o preto é da sua família brasileira?— atalhou o lisboeta casquinando.

— Eu não sabia que a sua nobilíssima raça era bicolor! E nós a cuidarmos que o assassino era um boleeiro!— prosseguiu o esmurraçado, trejeitando jogralmente para o legislador melancólico.

— Ó camaradas!— disse o conde aos municipais -, a nação portuguesa pagalhes para guardarem as costas a covardes desta ralé?

O que parecia mais autorizado entre os soldados, voltando-se aos dois queixosos, disse que ele e seus camaradas não tinham que fazer ali, visto que o homem que os espancara já lá não estava.

E como, depois, se retirassem, os queixosos seguiram o exército.

E logo a gentalha, o júri permanente das ruas, usando aquela sarcástica filosofia que lhe dá a independência dos farrapos, apupou os janotas, socados por um mulato de jaleca.

— Lá vão a mastigar fruta do Brasil— dizia um caiador preto, floreando o pincel com ademanos de vaidoso patriotismo.

CAPÍTULO 11: SOLEMNIA VERBA

*Mons de Vêgoisme, de Vesprit, et de l'impudence, e
tu seras bientôt dans les grandeurs.*

Balzac

Ele rugiu de indignação, e meteu na algibeira um revólver de seis tiros, quando soube que D. Maria José de Portugal tinha sido ultrajada.

Ele quem? Vítor Hugo José Alves— pois quem havia de ser? D. Maria, naquela tarde da sova subministrada por Damião Ravasco, notava indecisa se deveria fechar o estabelecimento e obstar a novo insulto, se afrontar animosamente as contingências da sua posição.

Nesta penosa alternativa, em que de um lado preponderava a inflexível necessidade e do outro lado o medo da zombaria, a encontrou Vítor Hugo.

O ingresso precipitado que ele fez na loja esbofando, alvoroçou a dama.

— Acabo de saber— disse ele, com intercadências de asfixia— que dois biltres ousaram agravá-la, minha senhora! Eu antevi sempre que Vossa Excelência, baixando à plana onde se acha, seria alvo de tais vilipêndios. O sentimento de excelsa virtude, que lhe aconselhou tal passo, não podia ser entendido neste javarheiro de Lisboa. Há dedicações santas que se não permitem às mulheres formosas. É proibido aos anjos avoejarem por este inferno sem crestarem as asas. Eu avisei-a, senhora Dona Maria José. Contava com isto. Sei o que é esta sociedade. Esperava que a sua inocente alma provasse o fel do intransitivo cálix que está sempre emborcado aos lábios puros... Mas... não venho argui-la... Venho saber os nomes dos bigorrilhas que a ofenderam!

— Não conheço as pessoas que me ofenderam, senhor Vítor— respondeu D. Maria José, abafando o despeito que lhe causara o tom pretensioso da censura.

— Mas aqui— volveu a cavaleiro da Ala, arejando-se com o chapéu e chibatando a perna direita com a badina de cauchu aqui estava alguém que sabia os nomes dos dois birbantes!...

— Estava, sim. O conde de Baldaque sabe quem são: eu não sei.

— Nesse caso, vou procurar... Sua Excelência... o senhor conde de Baldaque.

Vítor Hugo pausou em cada sílaba uma acentuação irônica, deixando ver nos dentes caninos o azedume e a podridão.

— Procurá-lo!...— acudiu D. Maria, mais receosa da tolice que da braveza— Procurá-lo!...

— Sim.... minha senhora.

— Para quê?

— Para que me diga o nome dos dois sujeitos que enxovalharam Vossa Excelência, se é que o senhor conde não reserva para si a honra de a desagruar.

— O favor do desagruo já o recebi de um criado do conde; entretanto, agradeço ao senhor Vítor a resolução com que veio aqui.

— Mas eu, minha senhora!— replicou o filho de Rosenda, enroscando a badina, e fazendo ressaltar a ponta de uma para outra mão -, eu lamento profundamente que Vossa Excelência fosse desagruada por um criado de quem quer que seja. As senhoras nascidas em degraus inferiores da escala social recusariam tão ordinário paladim; salvo se o conde de Baldaque pode armar cavaleiros os seus criados.

D. Maria José encarou soberanamente no poeta, e disse:

— Afinal, que ares são esses que se está dando, senhor Vítor? Depois das zombarias dos homens que não conheço, vem Vossa Senhoria com os seus motejos? Estou em lhe dizer que os insultos dos estranhos não me ferem tanto como as ironias das pessoas que me conhecem.

— Eu não a motejo, senhora Dona Maria— acudiu Vítor Hugo, compondo a cara de visagens melodramáticas.— Queixo-me, deploro-me, apelo do seu orgulho para o seu coração. Uns peitos recalcados dão lágrimas; outros dão sangue; e os mais infelizes são os que não podem desafogar chorando, nem sucumbem ao gume da ingratidão que os sangra e retalha... Os mais dignos de lástima são os que a si mesmos se despedaçam com os grifos do escárnio. Mas eu queixo-me, senhora, sem acusar.

Acusar a filha dum príncipe não ousa o verme, o plebeu, a fronte onde a mão de Deus pode ser que esculpisse a palavra GÊNIO... (Em parêntesis: Vítor Hugo, quando pronunciou a palavra “gênio”, não fez algum sinal indicativo que me autorizasse a escrevê-la em letras maiúsculas, a não ser o tom, a pancada com que ele a proferiu, batendo na testa.)

— GÊNIO— repetiu ele -, só gênio; coroa de conde, não: as coroas não as dá Deus; compram-se cá. Vinte negros, vendidos depois de azorragados, dão uma coroa de conde, senhora Dona Maria José de Portugal. O sangue de vinte negros num prato da balança; e no outro prato a coroa de conde. Aqui tem corno hoje na monarquia de seu pai se forjam os grandes do reino, os senhores do novo feudo, os castelãos dos armazéns de molhados, os ricos-homens que conquistaram pendão e caldeira nas arrancadas de África, nas costas da Guiné, pelos sertões dentro, à montaria das reses negras, que se acurralam nos porões dos açougues, e se enfeiram nos átrios dos palácios destes condes, destes Baldaques, destes...

D. Maria, que o estivera escutando com os olhos baixos, relançou-lhe um olhar de frecha, e disse:

— Está-me incomodando, senhor Vítor! Lembro-lhe o dever de não insultar uma pessoa ausente, que me tem tratado com a maior delicadeza, e de quem Vossa Senhoria não tem razão de se queixar.

— Estou-a incomodando!— replicou ele com espanto.— Onde foi Vossa Senhoria escavar palavra tão aviltante, tão depressora! ?... Diga-me antes que a injúrio. “Incomodar!” Isso diz-se a um mendigo importuno, a um miserável que nos enoja, a uma lama que nos salpica o verniz das botas! “Incomodar! “

Vossa Excelência perdeu a magnanimidade com que tratava os humildes, antes de viver com os condes? A mim, senhora, devera incomodar-me o cárcere, onde estive por amor de Vossa Excelência, e não me incomodou! Deviam incomodar-me as vaias, as zombarias dos correligionários que deixei por amor de Vossa Excelência, e não me incomodaram! Devia incomodar-me o aprumo realengo das suas vozes sentenciosas quando me fala, e não me incomodam; porque as ingratições de Vossa Excelência não me incomodam, dilaceram; não são fastidiosas como a impertinência; são percucientes como a ponta ervada dum punhal!...

— Tanta palavra, meu Deus!— exclamou D. Maria José, rebuçando a ironia no trejeito da admiração.— Todo esse excesso de sentimentalismo seria bom de perceber, se algum ato da minha vida me obrigasse a dar conta dos outros ao senhor Vítor Hugo... Mas eu creio que não... A amizade não explica o zelo de Vossa Senhoria, nem me força a respeitar a censura que me faz. Se me avalia injustamente, sinto; mas não sei que lhe faça...

— Quer dizer— sobreveio o poeta— que ama o conde de Baldaque?

— Não, senhor; quero dizer que amo a minha liberdade.

— E nega que ama o filho do negreiro?

— Quem é o negreiro? -O negreiro era o pai do roué, cujo escravo despistou Vossa Excelência. Vai bem à filha do senhor Dom Miguel de Bragança deixar-se requestar de um homem a quem seu augusto pai daria como escudo um tagante sobre as costas negras dum etíope a ressumbrarem sangue? Senhora Dona Maria José de Portugal, não responda: medite, e depois dir-me-á se eu devo noticiar aos fidalgos portugueses, com quem me dou, que Vossa Excelência fez deste balcão uma espécie de altar baixo, ao rés da rua, bem baixo, para que algum ignóbil transeunte pudesse levantar até aqui o braço humilde e depor o voto. Só assim, minha senhora, o arlequim, trajado de conde, ousaria defrontar-se com Vossa Excelência. Enfim, começo a ler no seu rosto o fastio que avilta. Eu retiro-me... Saiba, porém, que a amo senhora Dona Maria José... Note bem... que a amo. E os homens da minha têmpera, quando são indignamente menoscabados, morrem, ou fazem guerra mortal a quem os despreza! Note bem isto! Palavras solenes!...

E saiu. Vítor Hugo José Alves era assim! Amava e bramava daquele feitio; mas era homem— corno já poucos havia, e não há hoje nenhuns— capaz de desfechar valentes retóricas à face de uma senhora. Não lhe afeminavam os olhos as lágrimas da pieguice. Em vez de suspiros cícosos como auras entre moitas de rosmaninho e trevo, trovejava urros, quando o odre da paixão lhe rebentava dentro. Fizeram-no assim a natureza e o teatro, o sangue do dom abade de Cister misturado ao sangue do Alves da sola, caceteiro defunto; e, além destes sangues, a arte, os dramas do senhor Mendes Leal, cheios de judeus cícosos, e outros facínoras metafóricos.

Na noite desse dia funesto, o amator aviltado pediu a D. Rosenda que lhe mostrasse um folheto publicado em 1840 contra a mãe de D. Maria José de Portugal.

D. Rosenda, receosa de alguma imprudência intempestiva, quis saber que destino o filho tencionava dar ao folheto.

— Nenhum— disse ele, coando um riso feroz por entre as luras croozólicas de três dentes incisivos.

— Vê lá, Vítor!... Não faças mal à rapariga...— instou a mãe.— Se ela doidejar, deixá-la... Olha que este folheto mente que tem diabo... Lá que ela é filha de Dom Miguel isso é tão certo como tu seres meu filho... O que tu tens sei eu... É ferro... soubeste que ela namora um conde... Isso já eu desconfiava... E então que se lhe há de fazer?...

— Que pergunta!— replicou sacudindo a juba o equívoco neto do ferrador de Povolide.— Que se lhe há de fazer!... Ignóbil pergunta! ó mãe, mãe, que é dos instintos nobres da sua origem? Como pode consentir que seu filho seja acalcanhado por um vilão, que se diz conde? Conde! Nós, os legitimistas, não reconhecemos títulos outorgados pelo governo usurpador. Baldaque é o negreiro, é o chatim, é o plebeu refece. Maria José de Portugal, a luveira, é filha de um rei. Nós, os que defendemos o prestígio dos nomes históricos, não consentimos que um bandalho, vestido de conde no guarda-roupa desta tramóia que se chama o sistema liberal, se atreva a mercadejar com o produto das negras uma senhora que teve o pai no trono...

— Pois se sabes que ela teve o pai no trono— replicou a mãe sensata— que queres fazer ao folheto?

— O que quero? Ver se posso convencer-me de que esta mulher não é filha do senhor Dom Miguel, casando ela com o plebeu, arraiado dos xairéis de conde, percebe?

— Mas, ó rapaz, se esse conde tem dois ou três milhões...

— Aí vem a senhora com as baixezas do costume!... É o que eu lhe tenho dito muitas vezes... Está contaminada...

— O quê?— interrompeu D. Rosenda funestando a cara com uma ruim visagem.— Estou contaminada?!

— Sim, senhora!, está contaminada da peste do dinheiro; está gafa da podridão dos costumes. Creio sinceramente que nasceu nobre; mas a convivência com um homem de negócio abastardou-lhe o sangue...

— Olha que esse homem era teu pai, Vitor! Vê lá como falas do autor dos teus dias; que eu não admito atrevimentos, ouviste? já uma vez te pus as mãos na cara, por dizeres que bem se via que eu era fidalga por ser burra; agora, dizes que estou contaminada dos costumes, porque acho que a Luveira não andaria mal, se se fizesse condessa... Ora queira Deus que as tuas faltas de respeito me não obriguem a quebrar-te a cara, percebes?

Vítor Hugo, voltando o dorso às ameaças maternas, ia retirar-se, quando ela, retendo-o pelas abas do fraque, exclamou:

— Já pra aqui, malcriado! Você volta as costas a sua mãe! Olhe que o espatifo, ouviu?

Nisto, acudiu aos brados da mulher de rija têmpera a irmã Eufêmia, cuja brandura de alma se operara debaixo das emolientes meiguices e trechos literários do finado dramaturgo e doutros homens sensíveis dados às letras. As duas irmãs altercaram largo tempo acerca da matéria sujeita. Rosenda opinava que o filho era um brejeiro. Eufêmia, desculpava-o, porque todos os poetas eram assim esquentados da ideia: tese que ela poderia provar com o senhor conselheiro Viale, se o conhecesse tão de perto e à lareira como devem ser apalpadados os poetas grandes.

Assistiu Vítor Hugo, impando de tédio, à discussão das manas. Aquele espírito, dilatado ao calórico das salas da corte, não cabia na área burguesa onde outrora Efigenias e Antunes couberam com as suas almas fadadas para a pasta e para a mitra. O rival do conde pejava-se de ter estado no seio de Rosenda por espaço de nove luas. Dizia-lhe a filosofia que o talento é emancipação quando a tutela é bruta, e que as mães de natural bronco, bem que sejam respeitáveis como máquinas produtoras, devem ser desviadas do caminho do gênio, se lho atravessam com baboseirãs e outras coisas chatas. Encabrestado por estas ideias, Vítor, ainda então bastante adinheirado daqueles três contos das inscrições da Luveira, saiu da casa da mãe, e foi morar no Hotel Bragança.

CAPÍTULO 12: EXPLOSÃO DE AMOR

Deus, ecce Deus!
Virgílio, Elid,, L. VI, V. 46.

Um dia, corridos poucos meses depois dos sucessos relatados, entrou na loja da luveira um ancião com três senhoras pobremente vestidas de luto e quatro meninos pálidos, magros, com os olhos grandes e socavados da fome.

Descobriram-se o velho e as crianças. D. Maria José levantou-se e respondeu à cortesia profunda das três mulheres, que a cortejaram como a desgraça corteja o valimento.

O homem, que parecia engolir as lágrimas para poder falar, disse com o chapéu em uma das mãos e a outra no peito:

— Está na presença de Vossa Excelência um brigadeiro que em Évora Monte entregou a espada aos vencedores. Em vez de entregá-la, se eu não tivesse mulher e quatro filhas, ter-me-ia inclinado para a ponta da espada, e cairia vingado da sorte, já que as balas do inimigo me pouparam para tão longa e desmerecida infelicidade. Estas três mulheres são minhas filhas. A mãe morreu esgotada de forças, porque teve fome quando criava a última menina, que não está aqui, porque também morreu há seis meses. Era já viúva: foi descansar na sepultura, e deixou-me quatro netos que são estas crianças. Somos oito pessoas de família, As minhas filhas trabalham quanto podem e em tudo que sabem. Mas pouco sabem, porque a si devem tudo. As duas mais velhas ainda estiveram dois anos em colégio; porém, aprendiam línguas, como cumpria que aprendessem as filhas dum oficial general, com apelidos tradicionais e serviços à pátria mais valiosos que os apelidos. Tirei-as do colégio, logo que principiei a vender as jóias de minha mulher. As duas meninas, voltando a casa, falaram em francês à mãe, que tinha sido educada no estrangeiro; e eu disse então às inocentes mal entendidas na desgraça de seu pai: “Filhas, aprendei a pedir esmola em português.” Elas estremeceram e choraram, como se adivinhassem a fome e a nudez.

D. Maria José, com as pálpebras trementes e as lágrimas a borbulharem, atalhou o brigadeiro:

— Deve ser muito penoso a Vossa Senhoria contar-me a sua desgraça, e a mim ouvi-la. Se me julga nas circunstâncias de socorrer as suas mais urgentes precisões, e se quer servir-se do meu pouco, espere Vossa Senhoria que eu vou buscar algum dinheiro...

— Não, minha senhora— tomou o velho.— É certo que venho pedir a Vossa Excelência uma esmola, mas esmola muito avultada: nada menos que o pão, a educação e o futuro destes meus netinhos...

— Oh! Se eu pudesse...— atalhou D. Maria.— Vossa Senhoria provavelmente está enganado com os meus recursos...

— Eu não me valho dos recursos da fortuna; mas sim da alma de Vossa Excelência. Receio estar roubando-lhe tempo, minha senhora, e portanto serei sucinto quanto possa, até para me não parecer com todos os desgraçados que são geralmente difusos. Há um mancebo poderoso em Lisboa, do qual muitas famílias realistas, de seis meses a esta parte, recebem mesadas abundantes. Este caritativo senhor não é legitimista; não sei o que é politicamente: sei que é bom; é dos que professam a divina legitimidade de Jesus Cristo. Chama-se ele o senhor conde de Baldaque...

D. Maria José corou: eram o nome, a surpresa e o júbilo, tudo simultaneamente.

O ancião prosseguiu:

— Eu também sou dos favorecidos pela benfazeja mão do senhor conde, que me não conhece, nem recebe à sua presença as pessoas que o buscam para lhe agradecerem a esmola: recebe apenas as que vão pedir-lha. Eu já o procurei. Anunciei-me como portador das lágrimas reconhecidas de meus filhos e netos.

O benigno mancebo mandou-me dizer que voltasse eu a pedir à minha família que lhe mandasse sorrisos em vez de lágrimas. Delicado coração! Como é possível haver no peito de um rapaz afortunado, que nunca sofreu, esta ciência da desgraça, este respeito ao pejo com que um velho, outrora feliz e afagado de ricas esperanças, se dobra a beijar a mão que lhe reparte o pão de cada dia pela sua família! Diga-me Vossa Excelência, minha senhora, como tão cedo se formou na alma do senhor conde de Baldaque a virtude que é costume retemperar-se na frágua das dores!... Teria ele, em anos tão verdes, experimentado desenganos, perdas de nobres afetos, dissabores grandes que

antecipam a velhice moral e influem a precoce piedade dos anciãos como eu, e das famílias angustiadas como esta minha?

— Não posso responder-lhe...— disse a luveira -, conheço o senhor conde há pouco mais de um ano... Não sei de alguma dor grande na sua vida, senão da morte do pai...

— Um cavalheiro que o conhecia não me disse mais do que Vossa Excelência— continuou o velho.— A este cavalheiro, que prava muito com os meus correligionários e se chama Vítor Hugo José Alves, perguntei se as relações que tem com o senhor conde o autorizariam a pedir-lhe um favor para o desvalido brigadeiro Tavares. Respondeu-me o senhor Vítor Hugo que não; mas ajuntou que me diria pessoa idônea, e logo me nomeou a senhora Dona Maria José de Portugal. Hesitei se devia aceitar a informação seriamente, porque havia no tom das palavras e no gesto dele certo azedume ou ironia que me fez desconfiar. Contei isto a minhas filhas, e elas, principalmente as duas mais velhas, quando eu proferi o nome de Vossa Excelência, disseram logo que tinham conhecido uma filha do senhor Dom Miguel no colégio onde algumas vezes foram visitar as suas antigas mestras; e uma delas, se bem se lembra, ainda deu lições de francês a Vossa Excelência...

— É aquela!— exclamou com alvoroço D. Maria José, saindo fora do balcão para abraçá-la.— É a senhora Dona Ernestina Tavares... Eu entrevia no seu rosto uma pessoa conhecida...

— É esta velha que aqui vê de cabelos todos brancos aos trinta e cinco anos...— disse Ernestina.

E D. Maria, com mais familiar sorriso, tomou:

— Eu tenho uma saleta, onde posso receber senhoras minhas amigas e de mais a mais pobres...— E, subiu a escada, correu um reposteiro de chita, e esperou que as oito pessoas entrassem.

Depois, mandou para a loja a criada, e pediu ao brigadeiro Tavares que lhe desse a satisfação de ser útil à sua família.

— Eu não sei que futuro hei de dar a estes quatro meninos... Neste ato, parou um cabriolé defronte da casa. A luveira chegou à vidraça, e disse serenamente ao brigadeiro:

— É o senhor conde de Baldaque... Eu digo-lhe que suba, e Vossa Senhoria tem excelente ocasião de dispensar o meu patrocínio, pedindo diretamente o que pretende.

Levantaram-se todos com alvoroço e certa inquietação como de medo. Mil e duzentos contos representados por um homem é coisa capaz de assustar um ministério, quanto mais uma família pobre!

O conde ficou maravilhado quando Maria José, descendo até ao último degrau da escada, lhe pediu que subisse à salinha.

Era o primeiro convite que recebia. Entrou, e deu logo de rosto com o velho inclinado, quase ajoelhado que lhe tomara a mão, e a levava aos lábios.

— Eu não conheço...— tartamudeou o conde no maior enleio.

— Sou um brigadeiro do exército do senhor Dom Miguel, sou Cristóvão de Pina Tavares, a quem Vossa Excelência há seis meses dá o pão desta numerosa família que aqui está.

— Mas...— balbucionou o conde, voltando-se para D. Maria José.— Vossa Excelência não me disse que conhecia esta família...

— Não conhecia— respondeu a luveira -; mas reconheci agora esta senhora que algum tempo me lecionou em francês, no mesmo colégio onde ela foi educada. Alguém disse ao senhor Tavares que Vossa Excelência me honrava com a sua amizade; e este senhor, carecendo dum empenho para o senhor conde, procurou-me, e agora mesmo começava a expor a sua pretensão. Estava dizendo o senhor brigadeiro que não sabia que destino havia de dar àqueles quatro meninos, seus netos... Queira continuar, senhor Tavares...

O ancião, tomado de sobressalto, acanhou-se na presença do milionário. O pejo e a dignidade empeciam-lhe a eloquência da palavra, realçando-lhe a do silêncio. O conde olhou na face das crianças uma por uma, chamou-as para si, e disse brandamente:

— É necessário fazermos homens estes pequerruchos... Então que querem ser? Provavelmente generais. Quase todas as crianças querem ser generais...

— Seduzidos talvez pela fortuna militar do avô... interrompeu Tavares; e continuou, animado pela comunicativa lhanza do milionário.— O que eu muito desejo obter de valimento de Vossa Excelência, mediante a proteção desta senhora que bondosamente nos recebeu, é que os meus quatro netos sejam recebidos em algum asilo de infância desvalida. Eu já requeri ao atual Governo, documentando o requerimento com os meus serviços de soldado, desde mil oitocentos e um até ao ano em que eu devia ter desertado da bandeira jurada, para estar hoje na alta posição onde subiram os meus camaradas desertores. Escravo da obediência e da disciplina, segui os meus generais e acabei a minha carreira onde a honra me fez parar. Ora, se a extrema da honra foi ao mesmo tempo para mim o começo da penúria, isso é questão que não vem ao ponto, nem que viesse eu importunaria Vossa Excelência com queixumes e lástimas. Requeri, pois, pedindo a admissão de meus netos no Colégio Militar. A absurdez do pedido era pelos modos tamanha que o meu requerimento nem sequer mereceu a consideração de ser indeferido. Fechadas as portas da justiça, bati às da caridade. É Vossa Excelência, senhor conde, o bom anjo que saiu a escutar os meus rogos...

— Muito bem...— obstou o conde, amargurado pelas lágrimas do velho.— Tenho entendido que Vossa Senhoria deseja que os seus netos sejam recebidos em algum estabelecimento de educação... Amanhã, à hora da tarde que lhe convier, queira enviar-mos a minha casa...

O conde afagou as faces dos meninos, que lhe beijaram as mãos, sorrindo para ele com a graça do infantil amor que vem do coração das criancinhas aos lábios que ainda não sabem agradecer. Depois, ergueu-se; apertou francamente a mão do venerando veterano; cumprimentou-lhe as filhas, que o contemplavam com os olhos anuviados de lágrimas; e despediu-se de D. Maria José, que o fitava com estranho e amorável olhar.

Ao entardecer do dia seguinte, Cristóvão Tavares entrou na loja da luveira impando de cansaço e exultação. Contou que o senhor conde o mandara entrar com os meninos para a sala, onde ele estava com um sujeito, a quem dissera: “Aqui estão os seus alunos.”

— Era o diretor dum colégio de primeira ordem— ajuntou o velho. -O senhor conde enviou os meus netos a um colégio, minha senhora, com ordem de os proverem de roupas abundantes, de todo o enxoval prescrito aos meninos ricos. Depois, os pequenos e mais eu e o mestre entrámos na caleche do senhor conde, e fomos a minha casa despedi-los das tias, que choravam de contentamento. O generoso moço disse-me à saída que fosse todos os meses ao escritório dum cambista à Rua dos Retroseiros, e que hoje mesmo lhe apresentasse um bilhete que me deu. Eu estava por tal maneira aturdido e embriagado de felicidade, que nem sei se lhe agradei... Os desgraçados, minha senhora, quando de repente se acham a respirar uma atmosfera que não é a sua, sufocam, ouram, e não se acham em si mesmos, no seu habitual viver de escura cerração!... Fui à Rua dos Retroseiros, apresentei o bilhete, e recebi cem mil réis! Ei-los aqui, senhora Dona Maria! Cem mil réis para cada mês! E quatro netos no colégio a expensas daquele anjo que a Providência Divina mandou travar a roda da minha desfortuna! Veja isto, minha querida senhora! Se eu me não afizer a esta luz que me alumia o fim da existência, receio enlouquecer de alegria! Mas tanta felicidade é a Vossa Excelência que a devo...

— A mim, senhor Tavares ?! Pois que fiz eu?

— Que fez, meu Deus? Recebeu-me na sua casa; olhou compassivamente para as minhas filhas, disse palavras amorosas aos meus netos, e quis que o senhor conde nos visse através do seu coração... E, eu creio que este milagre o fez a piedade abraçada ao amor... Quem nos deu o pão abundantíssimo, o vestir, a casa com ar e sol, o acordar alegre sem o fantasma da fome diante, o futuro das crianças... quem foi senão a... futura condessa de Baldaque?

Ao proferir as últimas palavras, o velho pegara convulsante da mão de D. Maria José e colara nela os lábios trêmulos.

A filha de D. Miguel sentira nesse lance mui deliciosa comoção, um alvorecer de luz em cheio na alma, a revelação súbita dum amor, o primeiro, com as santas alegrias da pureza, e a confiança profunda nas virtudes do homem amado. A revelação, em tom profético, feita por aquele velho de barbas brancas orvalhadas de lágrimas, soou-lhe na alma com religiosa suavidade.

O instante foi solene. A poesia pode engrinaldar o quadro com as suas flores, e a moral regozijar-se, como é justo, de um caso de amor nascido em condições tão honestas.

Eu, de mim, menos atreito que o leitor à idealização de coisas naturalmente explicáveis, penso que ela já o amava tão deveras e de dentro da consciência, que, se o conde, descoroçoado por desdéns, se vingasse esquecendo-a, teria levado pela mão da saudade a filha do príncipe à sepultura; mas às fragilidades das amorosas mais celebradas, não.

Isto é o que me parece; mas não afirmo que assim houvesse de acontecer. Sei histórias de amores tão bem começadas como esta e acabadas nas enfermarias das loucas. Os personagens masculinos de algumas andam aí ao fiaino ainda com a sua velhice tingida e sadia. Creio que o castigo deles é andarem pintados; mas o Diabo conhece-os, apesar do fluido. Eles lá irão cair-te nas presas, ó horrendo Minos!

CAPÍTULO 13: **DESASTRE DO GATUNO**

Vem agora aqui o casar.

D. Francisco M. de Melo,
Carta de Guia de Casados.

Aquele rapaz abrasado de cara, a refulgurar uns olhos vertiginosos à feição dos ébrios, cercado de gente, que o escuta, à mesa redonda do Hotel Bragança, é Vítor Hugo José Alves.

O energúmeno vocifera contra certa mulher que o traiu. Conta que lhe imolou as convicções políticas, a juventude e a liberdade. Diz que por amor dela apostatara do socialismo, renegara das crenças republicanas, furtara ao edifício do futuro as achegas do seu talento, e pusera o seu nome ilustre debaixo das maldições da posteridade.

Alguns convivas riem de esguelha, enquanto outros lhe vão solicitamente reparando o destroço que ele faz no cúmél, acinte pedido para afogar a hidra que lhe rói as fêveras da alma.

Disse ele mais que essa pérfida havia casado no dia anterior com o filho de um negreiro que morrera conde, transmitindo ao herdeiro, com a herança ignominiosa de três milhões, o título, o pergaminho onde o ministro fizera assinar ao rei a abdicação da sua moralidade. Acrescentou que o segundo conde de Baldaque se deixara embair do ardil de uma luveira, que se dava ares de princesa bastarda, tendo sido sua mãe uma famosa aventureira que não poderia com exatidão apontar o pai aos filhos que tivera. Disse mais... Não disse mais nada, porque neste comenos estalava-lhe em cada face uma bofetada das que entupem os jorros da mais caudal eloquência.

O que dera aquelas provas muito equívocas da sua admiração à objurgatória do poeta era um velho barbaçudo, de espessos bigodes brancos, alto, gravemente vestido, majestoso aspecto de soldado da Guerra Peninsular. Era o ex-brigadeiro Cristóvão de Pina Tavares.

Vítor Hugo, estupefato da injúria e talvez atordoado do choque, encarou fremente, mas silencioso, o veterano que ele perfeitamente conhecia.

— Vilão!— rugia o velho com os olhos brilhantes da chama dos vinte anos.— Torpíssimo gaiato que insultas a senhora que roubaste! Bandido, que comes no Hotel Bragança os três contos de réis de...

Tavares susteve-se, reprimido pela mão da caridade. O homem, que havia bebido o fel da injustiça, receou ultrapassar o direito do castigo. Conteve-se, vendo o quebranto do miserável, e o fundo abismo a que podia tombá-lo com o pé.

Outro militar, general das fileiras da liberdade, antigo camarada de Cristóvão Tavares, e seu convidante naquele jantar, tirou-lhe com força pelo braço, e levou-o.

Os galhofeiros ouvintes de Vítor saíram de espaço, sem sequer averiguarem da injustiça do insulto. Ele, porém, restaurado da pancada moral, recolheu-se ao seu quarto, atirou-se contra o estofado duma voltaire, fincou os dedos na testa, e resmoneou cabeceando entre as sacudidelas da cólera e dos gases da indigestão:

— Ó minha vingança!... ó minha vingança!... Terribilíssimo, formidando e medonho pela cara que fez então!

Quando, passados minutos, o criado lhe entrou ao quarto com os castiçais, Vítor Hugo, remeteu contra ele bramindo:

— Que queres? E cambaleava como se as luzes lhe inflamassem o álcool.— Que queres?— tomou ele de murros apontados à cara inocente do galego.

— Trago as luzes, senhor Vítor Hugo...— tartamudeou o moço assombrado.

— Vai-te!... Deixa-me!... Negro, negro, quero tudo negro, como a vingança!

O criado saiu, e disse à criada, que espreitava o poeta:

— Safa-te, que ele está borracho!... Saferno-nos também nós: deixemo-lo gizar a traça da vingança; não assistamos àquela alquimia diabólica; que o cúmel e o conhaque se lhe destilem em peçonha escorrida da fornalha do cérebro ao coração.

Mas quem disse a Cristóvão Tavares que o seu correligionário consumia em gulodices francesas, no famigerado hotel, as inscrições da condessa de Baldaque?

Não foi ela. Acontecera, como é natural, contar a luveira ao conde o destino que dera aos seus apoucados haveres. Esta confiança— bem se lembra o leitor— denegada noutra ocasião, fê-la espontaneamente depois que, sem rodeios riem contrafeito pudor, disse ao conde que o amava. Semelhante irrevelação realçou-lhe a virtude no conceito do noivo. Nada mais formoso, mais para se adorar que a pobreza tão de vontade, o despojar-se a magnânima senhora em benefício dum pai que lhe não enviara sequer palavra de agradecimento! Esta mágoa tocara-lhe o coração; mas sem queixar-se.

Entretanto, o conde, quando soube quem tinha sido o mediano da remessa do dinheiro, suspeitou da fraude, sem todavia insinuar ao ânimo de D. Maria as suas desconfianças.

Neste tempo, o brigadeiro Tavares era muito da casa do conde, e estimado como amigo com todas as excelências de leal caráter, ao passo que D. Maria José solicitara a familiaridade das filhas a quem comunicava as delícias do seu amor.

Contou o conde a Tavares o lance admirável da remessa do dinheiro: mas, duvidando que o príncipe proscrito o recebesse, encarregou o velho de averiguar dos maiores do Partido Legitimista, se alguém, autorizado por D. Maria José de Portugal, remetera tal quantia ao Sr. D. Miguel de Bragança. O indagador levava instruções para não citar o nome do medianeiro, talvez com o propósito de lhe não ferir o pundonor, se ele houvesse honradamente cumprido o encargo.

A comissão de socorros respondeu que nenhuma quantia lhe fora entregue de ordem de tal dama; posto que muitas vezes, nas reuniões onde concorria Vítor Hugo José Alves, se houvesse mencionado tal senhora como filha del-rei o Sr. D. Miguel— filiação aliás duvidosa para eles, membros da comissão de socorros.

No dia imediato, Cristóvão Tavares entregava três contos de réis aos encarregados de remeter para Heubach os donativos, e pedia que se fizesse chegar ao conhecimento de D. Maria José de Portugal qualquer palavra que o Sr. D. Miguel escrevesse a tal respeito.

Antes de volvidas três semanas, a comissão de socorros enviava, por via do ex-brigadeiro, à luveira da Rua Nova da Palma, uma carta do príncipe proscrito ao vice-rei, perguntando-lhe se a senhora que tão generosa o visitava no seu desterro era filha de Mariana Franchiosi Rolim de Portugal.

O conde, disfarçando a parte que tinha no júbilo da sua amiga, assistiu ao mavioso espetáculo da ternura com que ela beijava a carta do pai.

Dizia então D. Maria, para aliviar escrúpulos de ter sido injusta:

— Olhe, Raul, eu nunca lhe disse isto; mas digo-lho agora como quem se alivia de um pecado, confessando-o. Cheguei a desconfiar que Vítor Hugo não mandasse o dinheiro. Nunca ousei perguntar-lhe por nada, receando que ele me adivinhasse a suspeita... Pobre rapaz!...

E o conde sorria, sem lhe entremostrear uns longes da verdade.

Tavares, por sua parte, obedecia às ordens do conde, guardando, com superior esforço e dolorosa violência, o segredo do roubo. Quando, ainda assim, encontrava o ladrão entre os homens de bem do partido absolutista, o velho descorava, torcia-se, gaguejava monólogos, resfolegava fumaradas de cólera, e

fugia com o segredo, que lhe pesava, como se levasse sobre a alma um enorme remorso— remorso de não avisar os seus correligionários.

Uma vez pediu com as mão erguidas ao conde que o deixasse expulsar dentre os realistas aquele hediondo larápio. E o conde respondeu: _ Isso é de justiça; mas deixe-me casar e sair de Portugal; depois, quando minha mulher estiver longe, fará o que entender. Não lhe roubemos à feliz menina o prazer de ter sido dela o dinheiro que Dom Miguel recebeu. Se o senhor Tavares denuncia o furto, o escândalo andar­á tão falado por essa Lisboa que Dona Maria será das primeiras pessoas que o saibam.

Neste bom propósito, esperava o velho, quando concorreu àquele jantar, a convite do antigo camarada, que solenizava nesse dia, com duas garrafas de Porto, a sua reforma em marechal-de-campo. A garrafa correspondente ao ex-brigadeiro, a gratidão e a honra cooperaram naquele ímpeto das duas bofetadas. Mas, graças ao sentimento de comiseração que o reteve, os circunstantes não perceberam senão que Vítor Hugo insultava uma senhora a quem havia roubado três contos de réis.

No dia seguinte, contava-se o caso no Chiado. Uns diziam que Vítor havia sido amante da luveira casada agora com o conde, e lhe gatunara a herança que ela tivera dum agiota. Esta era a opinião dos sujeitos contusos por Damião Ravasco. Outros, rejeitando a tradição mais corrente, asseveravam que a roubada tinha sido urna marquesa velha, e que o oficial realista, que bofeteara o literato, era amante da marquesa desde 1801 ou 1789, acrescentava o meu amigo José Parada para quem todos os infortúnios eram cornucópias de chalaça.

O conde, recolhido à doce intimidade do noivado por muitos dias, ignorou o sucesso; e, quando saiu, não houve indiscreto que lho referisse.

No entanto, Vítor Hugo dava que cismar aos seus partidários, não comparecendo nas reuniões onde inocentemente conspiravam os letrados da causa; nem sequer nos saraus sonolentos, onde a ideia velha passava as noites cabeceando acalentada nos braços do senhor padre Beirão e de outros.

Naturalmente se explica o desvio do cavaleiro da Ala pelo justo receio de ser interrogado acerca dos três contos de réis, sabido já o roubo pelo ex-brigadeiro, que tinha acesso às casas principais, e reputação de homem honesto.

E mais depressa ainda se esclarece a conversão deste desgarrado bode ao seu rebanho antigo— à seita dos carbonários, reorganizada em 1848, com elementos combustíveis de tanta força que todos se vaporaram, deixando as fezes aí por essas secretárias do Terreiro do Paço, incrustadas nas pastas dos ministros que foram, que são, e hão de ser. Diziam os seus confederados na loja: que Vítor Hugo, restituído à bandeira que desertara por amor duma ingrata Dalila, nunca fora tão Sansão na força do verbo, tão Hugo na energia das figuras, tão republicano na medula dos seus ossos. O seu auditório destampava em gargalhadas quando o Fuas Roupinho da esquadra naufragada, zombando do seu próprio apelido de guerra, chacoteava da Ordem de S. Miguel, que ele denominava a cavalaria desferrada do arcanjo.

É justo que não se esqueça, na correnteza destes casos, a família desta pessoa.

D. Rosenda Picoa, assim que viu anunciado o casamento de D. Maria José de Portugal, deliberou visitá-la e manter boas relações com a sua hóspeda, visto que a fortuna caprichosa a colocara na posse pouco vulgar de uma coroa de condessa com três milhões.

Anunciou-se ao guarda-portão do palácio. Tangeu-se uma campainha. Desceu um escudeiro que recebeu o nome da visita. E, com demora de alguns minutos, voltou o escudeiro dizendo que a senhora condessa não recebia.

— Então porquê?!— perguntou D. Rosenda abespinhada.

— Porque não quer... É boa a pergunta! — respondeu o escudeiro com altivez.

— Não quer?!— redarguiu a mãe de Vítor.

— Então a senhora luveira já não conhece as amigas velhas?... Não?... Ela me conhecerá!...

E saiu enfurecida em busca do filho, deliberada a conciliar-se com ele para colaborarem na vingança.

Em abono do benigno coração da condessa, cumpre saber-se que ela receberia com alegre sombra a visita de D. Rosenda, se o conde, ao ouvir proferir o nome da mãe de Vítor Hugo, não pedisse brandamente à esposa que se abstivesse de receber tal senhora.

Perguntou ela que razão havia para não a receber. O conde respondeu:

— Deve ser muito forte a causa que faz contrariar-te pela primeira vez, minha filha, Tu a saberás. Por enquanto, basta que eu te diga que esta mulher é mãe de um homem que os meus lacaios recusariam aceitar nas suas assembleias de taberna. Sabes de mais que eu não defendo minha casa aos pobres; as tuas amigas e os meus amigos são todos pobres. Se essa senhora está necessitada, socorre-a; mas não a recebas, porque é mãe de um homem que está hoje escarnecendo os amigos de teu pai.

A condessa ficou sabendo que Vítor Hugo renegara da sua quarta ou quinta religião política, e mais nada. Observava ela, porém:

— O que a mim me admira, Raul, é ter ele entregado os três contos de réis! É uma honra que não se entende bem a deste homem!.,.

CAPÍTULO 14: A VINGANÇA

Sunt quaedam quae boneste non possum dicere.
(Há aí coisas que eu não posso honestamente referir.)

Tenho à vista o folheto que Rosenda Picoa entregou ao filho, feito o pacto de vingança.

Em 1840, dezoito anos antes dos sucessos até aqui referidos, publicou-se em Lisboa, na Tipografia Portuense, estabelecida na Rua da Palmeira, número trinta e seis, um opúsculo de vinte e três páginas em oitavo, intitulado: “A vilã fidalga. Ou aventuras e transformações da filha dum moleiro conhecida em Lisboa pela alcunha de D. Maria Joaquina Franchiosi Rolim Portugal, moradora atualmente na Travessa Nova de S. Domingos, número quatro, segundo andar”, etc.

O signatário do opúsculo, Luís Caetano da Rocha, principia por uma “Breve Exposição” na qual relata que Mariana Joaquina o arguira de falsificador de um título de dívida, em que a assinatura da querelante era imitada. O Ministério Público também querelara. Luís Caetano, depois de oitenta dias de cadeia, foi ao tribunal para assistir à ratificação da pronúncia.

O advogado da acusação era Abel Maria Jordão, que morreu visconde de Paiva Manso; o da defesa era Antônio José Dique da Fonseca, Arcaram os dois atletas forenses com toda a pujança da sua notória habilidade. Diziam os espectadores que o melhor causídico de D. Mariana era a sua formosura, bem que ela orçasse então pelos trinta e nove anos. O certo é que a parcialidade do juiz e delegado eram por tanta maneira insidiosas que o patrono do réu foi chamado à ordem, quando contava aos jurados a vida escandalosa da autora. Quer, porém, o júri se deixasse vencer do suborno ou convencer da justiça, é certo que não ratificou a pronúncia e afirmou que era dolosa a querela.

Vem depois o réu absolto à imprensa com os documentos que o seu advogado não logrou ler no tribunal.

Examinemo-los sucintamente, bem longe de os aceitarmos com a importância que o foliculário lhes dava quando escrevia: “Talvez que ainda uma pena hábil se sirva destes documentos para compor uma novela... a qual mostrará que no mundo muitas vezes o plebeu se atavia com as galas da nobreza, o vício se encobre com a capa da virtude, e nem tudo é o que parecei.”

O primeiro documento é um atestado onde se diz que Mariana Joaquina, filha de Eusébio Joaquim e de outra Mariana Joaquina, fugira de Azeitão em 1814 com João Lopes Giraldes.

Do, segundo documento convém trasladar o seguinte, que é já copiado da nota do tabelião, de Lisboa, Tomás Isidoro da Silva Freire (Livro 214, folhas 403):

Saibam quantos este instrumento de declaração viram, que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos e trinta e um, aos vinte e nove dias do mês de Novembro, nesta cidade de Lisboa, na Rua da Madalena, nº 70, e casas de morada de D. Maria Joaquina Franciosi Rolim, aonde eu tabelião vim, estando aí presente Eusébio Joaquim da Silva, morador em Vila Fresca de Azeitão, e por ele foi dito na minha presença e das testemunhas ao diante nomeadas: que, no ano de mil oitocentos e quatro, lhe foi entregue e a sua mulher, Mariana Joaquina da Conceição, uma menina para crig, a qual viveu em sua companhia, e da dita sua mulher, na Vila de Azeitão, reputada como sua filha até à idade de treze anos para catorze em que se casou, e que agora pela presente escritura declara que a referida menina é a dita D. Marina Joaquina Franciosi Rolim, e que não é sua filha, nem com ela tem

parentesco algum, e que esta declaração promete, e se obriga haver em todo o tempo porfirme e valiosa. Estando também presente a dita D. Mariana Joaquina Franciosi Rolim por ela foi dito aceita esta declaração na forma dela.

O terceiro documento é um auto lavrado em 1838, na Vila de Azeitão, onde apareceu um José Antônio Atalaia, com procuração de pessoa que o documento omite, citando Eusébio Joaquim da Silva para jurar em sua alma se D. Mariana Joaquina de Portugal, residente em Lisboa, é sua filha, e se ali possui uma quinta. Eusébio declara ser verdade o alegado na petição.

Segue um documento denominado “Querela.” É o traslado da querela que deu em 1824 contra Mariana Elísia, mulher solteira, um Manuel Rodrigues, padeiro na Travessa do Secretário da Guerra, queixando-se de ter sido roubado em objetos de ouro e diamantes no valor de oitocentos e quarenta e oito mil réis.

Vem depois um atestado do solicitador de causas Antônio Gamarra, passado em 1838, certificando que Mariana Joaquina da Conceição Elísia, concubinária do padeiro em 1821, era a mesma que, dezessete anos depois, se chamava D. Mariana Joaquina Franchiosi Rolim Portugal, e vivia na Rua da Emenda, onde tinha carruagem própria.

Acresce outra atestação do prior de S. Nicolau, Francisco do Rosário e Melo, datada em 1839. Jura ele *in verbo sacerdotis* que, no ano de 1827, aparecera no cartório da Igreja de S. Nicolau uma mulher de capote dizendo que pretendia se lhe batizasse um menino filho de pais incógnitos, e que trazia procuração do desembargador Ferraz para ser padrinho; mas no ato de lançar o competente assento no livro, ela observara que, sendo verdadeiramente padrinho quem tocava no menino, melhor seria não designar ele prior como padrinho o dito desembargador, mas sim o portador da procuração. Atesta mais o padre que, volvido algum tempo, apareceu no mesmo cartório uma senhora ostentando grande personagem pela tafularia dos vestidos e carruagem de que apeara, e disse chamar-se D. Mariana Joaquina Portugal; mas declara o prior que logo reconheceu ser a mesma que solicitara o batismo já referido. E declarou a dama que tinha havido um filho do desembargador Ferraz, o qual menino ali fora batizado como filho de pais incógnitos. Acontecendo, porém, ter proximamente falecido o desembargador, ela pretendia que no assento batismal de seu filho se declarasse o nome do pai. O padre recusou-se, sem que a competente autoridade o autorizasse. Dias depois, voltou a mesma senhora com uma ordem

do vigário-geral, o desembargador José Gonçalves Pereira, mandando proceder o prior às diligências necessárias para averiguar se o menino Francisco era filho do desembargador Ferraz. Em observância de tal mandado foi o prior a casa de D. Mariana de Portugal, e ouviu o depoimento de três mulheres; todavia, no dizer do padre, as testemunhas eram tão discordes nas circunstâncias que nenhum crédito lhe mereceram. E acrescenta que tendo ele despedido um preto seu criado, o preto entrou no serviço de D. Mariana Portugal; e, voltando para casa dele prior, declarou que na casa, donde saíra, havia um menino comprado para herdar dum homem rico e falecido.

Temos agora outra atestação, que vai integralmente copiada:

José Joaquim do Cabo Pinto, comendador da Ordem de S. Bento de Avis, tenente-coronel de cavalaria, governador do Forte da Cruz Quebrada. Atesto que D. Marina Joaquina Franchiosi Portugal, hoje intitulada Rolim, talvez por se ter naturalizado francesa, tem sido heroína sem igual, como é notório nesta cidade, querendo-se intitular fidalga, sendo filha de um moleiro de Azeitão, por nome Eusébio, a quem fugiu com um oficial de Marinha, vindo assistir para o pé da Fundição; dizem que depois casou com um sombreireiro, que a deixou e fugiu; tomou uma casa na Rua dos Douradores, a que deu o nome de hospedaria, aonde iam os figurões com as suas amásias, e por isso adquiriu grandes conhecimentos, dos quais soube tirar partido, sendo seus apaixonados Luís da Mota Feio, o Barrão, coronel de milícias, Antônio Sicard, tenente de cavalaria que morreu na Torre de 5 julho, e um Rego, e afinal o desembargador Ferraz que lhe pôs carruagem, e ela largou então a hospedaria, e veio morar para o Carmo; mas, indo todos os dias à Travessa de Pombal a casa do tal Ferraz, que morreu quase de repente, apoderou-se de um baú em que ele tinha os seus papéis; e, por temer que lhos procurassem em casa, foi morar ao pé do Paço de Bem-Formoso, e meteu-se depois a protetora de pretendentes, alcançando muitas coisas pois era protegida do ministro da Fazenda, D. Diogo Lousá, passou a ser espia de D. Miguel, a quem ia falar um dia sim outro não, quase sempre, e por isso contraiu grande amizade com o Padre, E, como receasse a chegada do Sr. D. Pedro a Lisboa, se naturalizou francesa, pois sei a quem ela mostrou a carta de naturalização; isto era para jogar com um pau de dois bicos. Finalmente é heroína do século, como é notório. E, como me consta haver uma causa que a dita propôs ao Sr. F... na qual diz que uma menina que tem em casa é filha do F., declaro pela presente que ainda que ela fosse sua

mãe própria, era impossível saber-se... (1) Mas é constante por ela o dizer às suas amigas que a menina era sua afilhada, e a tinha tomado por a mãe ser pobre; mas agora no seu proceder se conheceu o fim para que a tomou... etc. Lisboa, 5 de julho de 1838.

Agora são duas senhoras que vêm quebrar a dureza do quadro com as mimosas feminilidades dos seus dizeres. A Sr.a D. Maria Leonor da Cunha Saldanha, solteira, diz em 1838 que conhecera D. Mariana de Portugal em 1831 e 1832, a cuja casa ia; e vendo então uma menina de peito lhe perguntara de quem era. Primeiro, D. Mariana respondera que era filha duma mulher que a declarante via por lá; e, passados meses, dissera que aquela menina era sua filha e do Sr. D. Miguel, intitulado rei naquele tempo.

A Sr.a D. Joana Cândida da Silva Monteiro, viúva, diz que conhecera entre 1817 e 1818 D. Mariana Elisia, criada de Ma' Elidem-se frases que ressumbram de mais à caserna onde o comendador de Avis escrevia o seu despejado depoimento.

Madame Chapsal. Sabe que ela depois teve amizade com um padeiro, e depois com Luís da Mota Feio, e depois com o desembargador Ferraz; e que uma menina que tem em casa, e conta hoje de seis para sete anos, por nome Maria José lhe disse ela que era sua afilhada. Declara mais D. Joana que conhecia a pessoa contra quem depõe por ter sido ela depoente sua costureira, depois que, na ausência de Madame Chapsal, a sua antiga criada, já noutra posição, ficara senhora da casa.

Eis muito compendiada a substância do opúsculo que D. Rosenda entregou ao filho.

Vítor Hugo, empeçonhou a segunda edição do libelo com prefácio e notas, para fazer bem sensível que a filha de Mariana era a logrativa luveira da Rua Nova da Palma, feita por obra e graça dos seus olhos feiticeiros condessa de Baldaque.

O folheto, impresso clandestinamente, espalhou-se pela posta interna. O conde e a esposa receberam exemplares em duplicado. Foi ela quem os recebeu e descintou, à hora em que seu marido não estava em casa. Leu as primeiras páginas, e já pouco percebeu do afrontoso atestado do tenente-coronel de cavalaria.

O sangue, regurgitando-lhe do coração ansiado, estuou-lhe no cérebro. Escurentou-se-lhe a vista, não por lágrimas, mas pela treva da congestão que lhe deu receios da morte. A atribulada senhora ainda chamou a brados a sua amiga Ernestina Tavares, lançou-se-lhe nos braços já esvaída, e balbuciou ainda:

— Que Raul não veja... Aludia ao folheto que ali estava caído no pavimento; mas Ernestina, sem atentar no folheto nem ponderar as ininteligíveis palavras, rompeu em altos clamores, mandando todos os criados procurar o conde.

Já ele subia acelerado as escadas, perguntando a Damião Ravasco se o correio da posta interna havia trazido alguns papéis.

— Trouxe dois folhetos— disse o mulato -, um para Vossa Excelência e outro para a senhora condessa.

— Que desgraça!— murmurou o conde. É que ele, entrando em casa do seu banqueiro, vira sobre a escrivaninha um folheto ainda cintado, e lera nas margens onde não chegava o papel sobrescritado as palavras “Mariana” e “Portugal”. Pediu licença para abrir o folheto, leu salteando algumas linhas de cada página, e saiu precipitadamente no intento de impedir que a condessa visse os insultos a sua mãe.

Entrou ao quarto onde Ernestina escutava a agitada respiração da condessa.

— Ela leu o folheto?— perguntou o conde.

— Não sei que folheto Vossa Excelência diz... Eu ouvi-a gritar, corri logo, e achei-a neste estado. Ainda me disse não sei que palavras que mal percebi...

A este tempo, Damião Ravasco, esquecido do respeito usado com a antecâmara de seu amo, tinha também entrado, e erguido do chão o impresso. O conde, que transportara nos braços a esposa para o quarto interior, não reparou no mulato que ficara lendo o folheto. Quando, passados dez minutos, voltou para mandar procurar um médico, achou Damião a ler.

— Quem te chamou aqui?— perguntou com azedume.

— Vim eu, senhor conde— respondeu serenamente o mulato,— Estava aqui a ver quem é que fez isto... Há de dar-me licença de levar este folheto... Quem o escreveu, dou-lhe a minha palavra de honra, juro-lhe pela alma de seu pai, que

não torna a escrever outro. Diga-me, pela memória de sua mãe, e pela vida da senhora condessa lhe peço que me diga quem escreveu isto?

— Não sei, Damião...— respondeu o conde reconhecido ao zelo e veemência dos rogos do mulato.— Nós o saberemos... Vai chamar médico... Não te demores.

O médico não tardou; mas Damião Ravasco só entrou noite alta. Dizia-se que um mulato, com o fogo do Inferno nos olhos, andara perguntando de tipografia em tipografia se um folheto, que mostrava, tinha lá sido impresso. Parava à beira dos grupos e imaginava que poderia descobrir rasto por onde fariscasse o autor do folheto. Estacara no Chiado em frente do deputado da sova memoranda, a ver se poderia, com mais ou menos justiça, escorchá-lo contra um frade de pedra. Oferecera dinheiro grande a uns agentes da polícia que lhe descobrissem a vítima. E nestas diligências que lhe queimaram o sangue e centuplicaram os demônios do mau gênio, andou Ravasco todo dia e grande parte da noite.

Quando chegou a casa foi muito às surdas até à porta dos aposentos do conde. Escutou e ouviu passear na antecâmara. Bateu de mansinho. O conde saiu à saleta.

— Como está a senhora?— perguntou Damião.

— Está com febre.

— Não descobri nada— voltou o mulato.

— Não descobriste o quê? Que procuravas tu?

— P autor do papel.

— Proíbo-te que faças tais indagações. Eu o saberei; mas, se o souber, proíbo-te que me vingues. Se o infame não poder ser castigado por um homem de bem, sê-lo-á por um lacaio; mas não por ti, que és... meu irmão...

Damião dobrou os joelhos, e cobriu de lágrimas as mãos do conde.

CAPÍTULO 15: A PROLE DE D, AFONSO VI

Para vós verdes como coisa nenhuma é encoberta.

Bernardim Ribeiro, Menina e Moça, cap. XII

Aquele folheto, impresso em 1810, explica três anos de angústias dilacerantes que levaram Mariana de Rolim Portugal ao extremo desafogo do suicídio, ao ver-se desvalida das pessoas que se pejavam de conviver com a mulher infamada, e de mais a mais empobrecida.

Mas quem era Mariana Joaquina Franchiosi Rolim de Portugal?

Que havemos de inferior dos atestados reimpressos por conta de Vítor Hugo?

É a filha aventureira do moleiro de Azeitão? Fugiu dali com um oficial da Armada?

É a criada da francesa Chapsal? É a infiel contubernal do padeiro Manuel Rodrigues? É a suposta parturiente do menino Francisco, e a indigitada amante de D. Miguel?

Donde lhe vêm aqueles apelidos? Quem a levou a Joaquim Eusébio para que a criasse?

Vamos derivar a resposta de tão justa curiosidade desde 1661.

Onde isto vai! A história pátria, que o leitor conhece impressa, não lhe refere que D. Afonso vi, à volta dos dezoito anos, viu em Lisboa, nas circunvizinhanças de Queluz, uma rapariga muito formosa, pelo braço de um mancebo de boa figura. Encarregou o valido Henrique Henriques de indagar quem fosse a galante menina. Descobriu que era Catarina Arrais, natural de Coimbra, donde fugira com seu primo, Manuel Arrais, estudante, a fim de se casarem em Lisboa, logo que obtivessem dispensa de parentesco e remoção de outros impedimentos canônicos atinentes às fragilidades da sua cega paixão.

Sabido isto, e a residência dos prófugos amantes, estava sabido tudo. Manuel Arrais foi preso e conduzido a Coimbra. Catarina, na noite desse dia, foi assaltada no seu esconderijo por um tal Agostinho Nunes e por Henrique Henriques de Miranda, que a levaram ao rei.

Dois anos depois, Catarina Arrais era freira em Santa Ana, e Manuel Arrais era falecido de dor.

Antes, porém, de ser dada como esposa a Jesus Cristo, houvera Catarina uma filha de Afonso vi, a qual se chamou D. Luísa de Portugal.

Esta D. Luísa, quando perfez seis anos, foi transferida a casa do famoso estadista conde de Castelo Melhor, onde recebia tratamento de alteza.

Aqui se deteve com honras de infanta até ao a-no de 1667, em que o pai já estava preso à ordem do príncipe seu irmão. Mas, um dia, o corregedor da corte entrou à força no palácio do marquês, apoderou-se de D. Luísa de Portugal, e levou-a para o Mosteiro de Santa Ana.

Sóror Catarina recebeu sua filha, pensionada pelo infante, com a declaração de que Sua Alteza não a reconhecia como sobrinha; mas a protegia como desgraçada vítima da libertinagem do seu augusto irmão.

Vejamos agora o que se fez para destruir as conjecturas de ser filha de D, Afonso VI aquela menina. A história impressa não o diz. Há manuscritos que nos elucidam; e um, que possuo com a maior estimação e de nenhum modo suspeito, vai referir-nos a vilíssima traça que teceram os partidários da rainha e do infante para desfazerem a embaraçosa hipótese da fecundidade do filho de D. João IV.

O manuscrito intitula-se: Vida de El-Rei D. Afonso IV, Escrita no Ano de 1684 (1).

Dava que pensar e recear a crença pública de existir a filha do rei. O processo do divórcio, fundamentado em razões de torpíssima desonestidade, tropeçava naquela menina. O procurador da rainha, duque do Cadaval, refere o expediente que lhe desatravancou o passo. Sobeja malvadez onde a imaginação coxeia no enredo, O homem escreveu isto para a posteridade, e talvez vaidoso de engenhar o capítulo duma novela ao sabor do tempo. Conta ele: “Oferecia-se ao duque uma grande dúvida do bom sucesso da causa (o divórcio); porque dizia que era impossível, tendo el-rei uma filha em casa do conde de Castelo Melhor, chamada D. Luísa e com tratamento de alteza. Achando-se este negócio com esta grande dúvida, Deus, que é a mesma verdade, foi servido de buscar os meios de se descobrir e averiguar com toda a certeza.

Recolheu-se um dia ao jantar para casa; achou na mão de um criado seu um escrito que ali tinha deixado um moço. Dizia ele:

Se V Ex.a quer saber um negócio muito importante para a causa da rainha com que V Ex.a corre, ache-se à noite no seu coche, só, às Escadas do Loreto, de sorte que espere naquele lugar o sino da meia-noite.

Segue outra declaração: “A cópia a que acima se alude, e da qual esta foi tirada, pertence a D. Miguel Antônio de Melo; e hoje possui-a o conselheiro Antônio Joaquim Gomes de Oliveira, oficial maior da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros. Lisboa, 29 de Maio de 1815. Jacinto da Silva Mengo.”

E não se assinava o escritor. Logo foi o duque à Esperança e, mostrando o escrito a rainha, lhe disse ela que de maneira nenhuma queria que fosse, por aquilo podia ser de grande perigo. Respondeu o duque que havia de ir, e que deixasse Sua Majestade à conta dele a segurança.

Reedificava-se a Igreja do Loreto do incêndio que havia padecido. Tinha no adro um grande telheiro a cujo abrigo trabalhavam os oficiais da obra. Mandou o duque meter nele o capitão de cavalos Manuel Travassos e o de couraças Manuel Caldeira, ambos de grande valor. Acompanhavam aos capitães quatro criados do duque, todos valorosos e bem armados, com ordem de que, se vissem mais de uma pessoa, saíssem do lugar onde estavam. Foi o duque àquele lugar assinalado esperar a meia-noite. Eis que chega ao estribo do coche uma mulher embuçada; e, perguntando ao duque se a conhecia, o duque lhe respondeu que não; e ela lhe tornou que era D. Ana Saraiva, que havia muitos anos o duque a vira e lhe falara muitas vezes; e disse-lhe o duque que entrasse no coche, e que fossem até à Cotovia, que era parte mais solitária.

Disse-lhe D. Ana Saraiva que lhe queria mostrar como uma menina, que estava em casa do conde de Castelo Melhor não era filha de el-rei, posto que tratada por tal. Perguntando-lhe o duque como o sabia lhe contou toda a história, e disse que, morando Agostinho Nunes nas casas do armeiro-mor, a convidou para ir ver botar uma nau ao mar; e que ali vira uma moça bem parecida, descorada e com o cabelo cortado; e que, perguntando-lhe algumas cousas a fim de saber quem era, e que vida era a sua, lhe respondeu que as más cores do seu rosto eram efeito da sua dor, e os cabelos lhe haviam sido cortados pela mão de el-rei. Foi D. Ana, que era destra, inquirindo a moça, até que esta lhe

manifestou sua desgraça, e disse que se chamava Catarina Arrais; e, galanteando-a Manuel Arrais, seu primo, em Coimbra, viera para Lisboa com ânimo de casar com ele; e que, morando em umas casas com o dito seu primo, a foram furtar uma noite no Mosteiro onde se recolhera D. Maria de Sabóia.

Agostinho Nunes e Henrique Henriques, e a levaram ao paço, e pernitoou na câmara de el-rei: que seu primo morrera de mágoa em Coimbra, e ela fora para casa de Agostinho Nunes, onde se achava, e fora obrigada a dizer, quando desse à luz, que a criança era filha de el-rei; e sobre isso lhe fizeram grandes tiranias até chegar el-rei a cortar-lhe os cabelos. Disse mais D. Ana Saraiva que D. Catarina Arrais estava freira em Santa Ana, e que ela lhe falara, e estava resolvida a vingar-se, declarando a verdade. Chamou o duque a Agostinho Nunes e em presença de Duarte Ribeiro foi inquirido e disse a verdade. Resolveu-se o duque a ordenar a Aurélio de Miranda, tabelião de notas, fosse ao Campo de Santa Ana, perto da igreja, e ali esperasse recado dele duque; o qual deixando Agostinho Nunes no seu coche, mandou dizer à prelada que quisesse falar-lhe; e, vindo a prelada, lhe disse que tinha que falar com Catarina Arrais, e Sua Mercê lha mandasse à grade. Assim o fez. Apareceu; dizendo o duque que não vinha tirar-lhe a sua tença, antes conservar-lha; que ele sabia a verdade do que tinha passado; que convinha muito que o depusesse em juízo, e que ele pediria licença à rainha para tal deposição. Veio Aurélio de Miranda. Disse D. Catarina o que havia sucedido, e assinou. Averiguada esta matéria, foi D. Luísa tirada pelo corregedor da corte de casa do conde de Castelo Melhor, e o infante lhe deu uma tença. Tirado este impedimento, se processou a causa de divórcio até final conclusão, etc.”

Até aqui a fantasia do historiador, atando alguns lanços verosímeis, com outros de todo o ponto irracionais. Que precisão tinha D. Ana Tavares de revelar o mistério, a desonra, nas Escadas do Loreto? De quem se temia ela, se tinha por si a rainha, o infante, o duque, Agostinho Nunes e todos quantos haviam sido alcaïotes do rei preso? Quem teve a sandia credulidade de aceitar que D. Catarina, à primeira vez que via D. Ana, lhe contasse as miudezas vilipendiosas de sua vida? E o caso de el-rei lhe cortar de mão própria as tranças, porque ela se recusava de o aceitar como pai da criança que havia de nascer? Claro é que os personagens daquele tenebroso drama de cruozas e devassidões eram melhores algozes que romancistas.

Todavia é certo que Sórora Catarina recebeu sua filha, e, segundo a vontade de quem lha pensionara, quis que ela fosse religiosa. Estava, porém, um amor infantil começado em casa do grande ministro de Afonso vi com D. Pedro de Melo e Alencastre, fidalgo de primeira plana, aparentado com os Castelo Melhor. O moço, conquanto nobilíssimo, olhava timidamente para a filha do rei; mas, depois que a prepotência rebaixara a jerarquia de D. Luísa, complanou-se o terreno em que ele mais afoitamente podia requestá-la.

Estreitaram-se as relações amorosas— tanto quanto os degenerados mosteiros do tempo as facilitavam— mantidas, ainda assim, no mais alto ponto da honestidade. D. Pedro de Melo e Alencastre casou com D. Luísa de Portugal, e viveram em uma quinta do Ribatejo, em um quase desterro imposto pelo contrariado infante.

Houveram vários filhos todos varões, e um destes, D. Prior de Guimarães, de amores com uma dama da corte e de estirpe muito seleta, reconheceu sua filha D. Margarida de Portugal, que casou com Marco Franchiosi, filho de um conde milanês, que militara em Portugal, no fim do reinado de D. Pedro li. Seguiu-se, neta de D. Luísa, D. Maria Isabel Franchiosi de Melo e Portugal e Alencastre, dama da corte da rainha D. Mariana de Áustria, acolhida pela soberana por dó da extrema pobreza em que a deixara o pai, homem de vida estragada.

Neste tempo, apareceu em Lisboa um provinciano riquíssimo, de Pinhel, chamado Salvador da Costa Fagundes, a quem D. João V fez capitão de cavalos, deu hábito de Cristo, foro de fidalgo, e nomeou sargento-mor da sua terra (2).

Este Salvador Fagundes, movido pela formosura e prosápia da açafata da rainha, casou com D. Maria Isabel, segunda neta de D. Luísa de Portugal.

Tiveram quatro filhos: um que sucedeu na casa, dois que professaram em Santa Cruz de Coimbra, e uma senhora que se chamou D. Maria Escolástica Pulquéria Fagundes de Alencastre Portugal.

Esta menina, que vivia na corte em casa de parentes, amou um oficial francês chamado Hilário Lescoeur Rolem (Rolin?) com o qual fugiu para Azeitão e mais uma filhinha nascida em Lisboa. Por Azeitão viveram ano e meio clandestinamente em uma quinta que o francês ali comprara. Descoberto e perseguido pela justiça, o oficial foi assassinado em ato de resistência, e D.

Maria reconduzida aos seus parentes, depois de ter deixado entregue a Joaquim Eusébio, moleiro em Azeitão, a filha, que se chamou Mariana joaquina.

D. Maria, em 1808, forçada pelo irmão, casou para o Alto Minho com o representante de uma casa antiquíssima, cujos apelidos omito em respeito a seus netos.

E como em 1816 ficasse viúva, foi a Lisboa e encarregou-o de grandes ofertas; e, quando se recolheu a Espanha, lhe mandou por todas as partes oferecer todo o dinheiro que quisesse e na forma que lhe parecesse; e por último, julgando o general que aquilo seria bazófia, disse em uma parte que queria cinquenta mil cruzados; e, como logo lhos dessem, os não aceitou, e ficou muito agradecido por ver que era verdade, e escreveu a el-rei de Portugal dando-lhe parte de tudo, e pedindo-lhe que premiasse aquele homem que tantos obséquios lhe fizera. João Pinto Ribeiro de Castro Vela me disse que o dito Fagundes ajuntara muito cabedal, quando fora assentista e pagador nos tempos da guerra: e que, suspeitando que o governador o queria culpar pelo muito que furtara, lhe foi falar; e como o governador o não quisesse receber, o Fagundes fingira um flato ou acidente, deixando uma bengala que trazia, na qual, pegando um criado do governador, e achando-a muito pesada, a levava ao amo, que, admirado do peso, a entrou a examinar e a achou cheia de moedas de seis mil e quatrocentos réis, com as quais se acomodou, etc.”

Viessem cá hoje Fagundes com tais bengalas, que levavam com elas... depois de vazias.

Um seu afilhado, oficial de Marinha, de procurar Mariana em Azeitão, e convencê-la a segui-lo para Lisboa, se tivesse a fortuna de a encontrar.

O oficial encontrou a filha de sua madrinha rnoirejando no casebre do moleiro. Fácil lhe foi movê-la a acompanhá-lo.

Orçava então pelos treze anos D. Mariana Elisa. Era linda quanto Deus podia fazê-la. A mãe nobilitou-lhe o nascimento com as suas lágrimas, e entregou-a aos desvelos de uma francesa ilustrada que se chamava Madame Chapsal.

A mãe demorou-se com a filha alguns meses, fez-lhe doação da quinta de Azeitão reivindicada de ilegítimos possuidores, estabeleceu-lhe abundantes recursos, e voltou para a província, onde tinha filhos na primeira infância.

Não sei se esta senhora voltou a Lisboa desde aquele ano até ao de 1819 em que faleceu, depois de haver rogado a um provedor Ferraz, então seu hóspede em Ponte de Lima, que entregasse a Mariana o seu cofre de jóias, não podendo legalizar-lhe outra herança.

Este Ferraz, quando entregou as jóias, rendeu-se por tal feito à beleza da órfã, que não houve mais desenliçar-se daquela fascinação. Por desventura, o provedor era rivalizado por um gentil cadete de cavalaria, de nome Antônio Sicard, Travou-se entre os dois êmulos batalha de ódios abafados, que mais tarde levaram Sicard, já alferes de cavalaria, por denúncia aleivosa de Ferraz, à Torre de S. Julião, onde morreu.

Presume-se, todavia, que D. Mariana decidira o pleito a favor do cadete, por maneira tão decisiva e inapelável que se estadeava em público, braço dado com o esbelto moço.

Também conjuram bastantes tradições a confirmar que o desembargador Ferraz, homem teimoso e rico, lograra tal qual domínio no coração de D. Mariana, à custa de liberalidades, entre as quais realçavam o palacete e a carruagem.

Que D. Mariana de Portugal quis mais tarde legitimar um filho para suceder na herança do magistrado é de todo o ponto inquestionável, segundo jura o prior de S. Nicolau; mas essa criança não desdoira os créditos da quinta neta de Afonso VI. Era um filho artificial.

A opinião pública desdoira as mães dos filhos naturais; dos artificiais, não. Ultraja-se a natureza e respeita-se a arte.

Vivia D. Mariana de Portugal fora de portas, quando D. Miguei a viu. Sua sexta avó D. Catarina Arrais soprara a mesma labareda no peito de Afonso VI. Mas o real amante, graças à brandura de costumes deste século, não a tosquiu, antes lhe beijou as tranças, e se deixou encadear por elas. Também não consta que Mariana se doesse do pejo da maternidade, à imitação da freira de Santa Ana, consoante o duque de Cadaval a caluniou. Muito pelo invés: ela adorava o príncipe, e sentia-o na alma e no sangue quando a criança lhe palpitava no seio.

Atesta o coronel José Joaquim do Cabo Pinto, no opúsculo reeditado por Vítor Hugo José Alves, que D. Mariana visitava D. Miguel de dois em dois dias. Isto

não me parece exato. Pendo a crer que ela o visitasse todos os dias. Quanto à espionagem, que lhe assaca o desbragado comendador de Avis em estilo de tarimba, isso é calúnia a descambar em parvoíce. As espias absolutistas não tratavam com o rei diretamente: começavam no Miguei alcaide, e tocavam o ápice do valimento, se levavam a denúncia até ao intendente-geral da Polícia.

D. Mariana de Portugal empobreceu durante a sua intimidade com o rei. Para sustentar carruagem, libré e uma aparente abundância, vendeu as jóias da mãe, depois que exauriu o pecúlio que amealhara nos cofres do desembargador. Ânimo isento e estreme de vil ganância ostentou-o nobremente quando o coração predominou e abafou os baixos sentimentos que a pertinácia do desembargador lhe implantara na alma plebeiramente educada. Um amor grande com os luzimentos verberados da coroa real, devia ser segundo batismo para o coração da neta de reis.

Acabada a guerra e desterrado o infante, D. Mariana estava pobre e tinha uma filha.

O desembargador Ferraz volveu a procurá-la como amigo, como protetor, e como velho inveterado de paixão, agora exacerbada pelos realces que o amor de D. Miguel haviam ressurti— do da beleza de D. Mariana.

Se é preciso confessar que a desvalida senhora aceitou a proteção do magistrado por amor à filha e desamor à penúria, diga-se o delito bem alto, e haja de lhe perdoar em silêncio a notória sensibilidade do leitor.

Voltou a neta de D. Catarina Arrais a equipar sege e lacaios; mas, em 1838, o desembargador, aquele Merlin cupidíneo, levou consigo para o inferno dos desembargadores a lanterna milagrosa que fazia prodígios de ouro à volta de Mariana.

Recorreu a mãe de Maria José ao expediente da hospedaria. Nesse trato, ia provendo à educação da filha, e custeando certas pompas um tanto desbotadas, mas incongruentes ainda assim com o seu estado. Contraindo dívidas, precipitou a queda na rampa da usura; e é bem de presumir que o agiota, de quem a filha herdou, a desbalizasse a termos de lhe não poder a consciência com o roubo. Exemplo único.

O insulto publicado em 1810 empeçonhou a vida da infausta vergôntea de Bragança. Os três anos que ainda arrastou à volta da filha, como quem se estorce e despedaça entre o amor de mãe e a necessidade de morrer, foram expiação acerba, purificação que nos toma respeitável a memória desta senhora de tão ilustre sangue.

Em 1842 devia ter D. Mariana de Portugal quarenta anos proximamente, e vivia aí por perto da Praça dos Romulares, com o seu hotel bastante luxuoso ainda, para dignamente hospedar o príncipe Lichnowsky.

Este príncipe viu-a, admirou-lhe as graças, conquanto já desluzidas, e então soube que uma linda menina, que ali se via, era filha do príncipe proscrito. Nas suas Recordações do Ano de 1812, escreveu ele: “Fui recebido na rua de... em urna hospedaria... A dona da casa, uma *si-devant* bela mulher com ainda clássicos vestígios de depostos encantos, esteve antiga' Não percebo o pudor de quem traduziu, omitindo o nome da proprietária do hotel.

Novamente na posse de temas relações com D. Miguel. Há mesmo alguém assaz atrevido para chegar a assegurar que existem provas vivas daquela predileção real.”

Poucos meses mais disputou a vida atormentada, a desgraça que, de dia para dia, lhe esvaziava os guarda-fatos e os baús. Não é mister rendilhar frases lúgubres, que deixem transparecer as dilacerações que a levaram ao suicídio.

Duas palavras bastam: vergonha e pobreza. Vergonha dos opróbrios daquele folheto, e ninguém que a defendesse. Pobreza, que explicava o desamparo dos protetores, e a impunidade da injúria.

Morreu, descansou.

CAPÍTULO 16: RESSURREIÇÃO DE UMA ALMA

Nec sine premio virtudes.

(Não há virtude despremiada.)

Boetius, da Consolação da Filosofia, Liv. IV.

A medicina, informada da origem da enfermidade moral da condessa,

aconselhou viagens como distração. O caráter intermitente dos acessos de lágrimas, e a incongruência das palavras, delirantes sem febre, eram sintomáticas de perturbação de juízo. Todo seu empenho apontava em provar ao marido que as afrontas atiradas à sepultura de sua mãe eram caluniosas. O conde esforçava-se por convencê-la de estar disso bem persuadido; ela, porém, sobrevinha na mesma prova, se despertava após um breve espaço de repouso.

Assim que a desfigurada condessa ganhou forças e se docilizou às carinhosas súplicas do marido, aprestou-se tudo rapidamente para a viagem.

Da casa e direção dos negócios do conde ficou encarregado Damião Ravasco. O mulato exultou quando o dispensaram de os acompanhar, sem todavia manifestar o intento que o prendia a Lisboa. Toda a sua esperança era descobrir o publicador do folheto, bem que de si para consigo devia ser um dos dois que ele esmurraçara, sem embargo de lhe dizer Cristóvão Tavares que suspeitava muito dum tal Vítor Hugo. Queria muito o mulato que lho mostrassem a fim de o não procurar longo tempo, se um dia o Diabo o atraísse. E, com efeito, chegou a vê-lo à porta do Marrare do Chiado, Contemplou-o com disfarce, e disse entre si: “Deve ser este! “ Entretanto, as cartas vindas de diferentes paragens da Europa não davam esperanças do restabelecimento da condessa. A monomania da justificação da mãe resistia às diversões, aos rogos, às carícias, e à terapêutica dos banhos frios da Alemanha.

No Outono de 1860, chegaram a Baden, esperançados nas águas minerais. Ao mesmo tempo, chegava D. Miguel de Bragança com sua esposa e alguns filhos.

O conde levou alvoroçado a notícia à enferma, que teimava em não sair do seu quarto. A condessa agitou-se, riu-se, chorou, bateu as palmas, abraçou o marido, beijou a sua amiga Ernestina, e exclamou com febril vertigem:

— Vou ver meu pai!... Vais vê-lo, Raul!... Verás o que ele te diz de minha mãe... verás que é tudo calúnia!...

Mas o conde receava que o infante desconfiasse da sanidade intelectual de uma senhora que lhe saísse ao encontro a chamar-lhe pai, sem de antemão se haver prevenido para tal apresentação.

Contida no seu entusiasmo a condessa por considerações de etiqueta indispensáveis com os príncipes, o conde falou a um sacerdote da pequena

comitiva do infante, e industriou-o sobre a maneira de precaver D. Miguel para ser cumprimentado por uma dama portuguesa, a condessa de Baldaque.

O príncipe alegremente mostrou vivo desejo de conhecer a esposa de um cavalheiro a quem ele e os legitimistas portugueses deviam relevantes finezas.

Incutia receios o arquejar do peito da condessa, quando apeou da carruagem à porta do infante.

Saiu D. Miguel de Bragança ao patamar da escada a recebê-los. Quando, com a mais lhana cortesia, o príncipe oferecia a mão à dama, ela ajoelhou; e, sufocada por soluços, cobriu de lágrimas e beijos a mão que não pôde esquivar-se àquele estranho transporte.

— Ó minha senhora!— exclamou o infante -, por quem é! Peço-lhe que se levante...

E olhava para o conde, como a pedir-lhe a explicação da ansiedade da ama.

E o conde, com os olhos turvos de lágrimas, disse:

— Vossa Majestade compreenderá a perturbação de minha mulher, sabendo que ela é Maria José de Portugal, filha da senhora Dona Mariana...

— Ah!— exclamou o infante -, já sei... já compreendo... E, com maior esforço, inclinando-se até poder levantá-la dos seus pés, abraçou-a, e beijou-a na testa, correu-lhe as mãos pelas fontes, e murmurou:

— Vi-a criancinha... de seis meses... E, tomando-lhe o braço, conduziu-a à sala, sentou-a na otomana, ao seu lado, lançou-lhe o braço pela cintura, e disse-lhe quase em segredo:

— Sua mãe... é morta?

— Há muitos anos...— balbuciou a condessa.

— Porque me não escrevia, quando me enviava...— tornou ele, feita uma longa pausa,

— Oh!— atalhou D. Maria -, peço-lhe que não se lembre... Vossa Majestade...

— Que me não lembre?... Eu não me esqueço senão dos ingratos... minha filha!...— E voltando-se para o conde:— Sente-se, senhor... Como se chama seu marido?— perguntou à condessa.

— Raul— respondeu ela.

— Sente-se, senhor Raul... Sei que é brasileiro... Agradeço-lhe esta boa hora da minha vida— prosseguiu, tomando entre as suas a mão de Maria.— Mal diria eu!... Ela aqui está... aquela criança que eu via como um anjo lá ao longe da vida... um ponto branco e luminoso do passado... um sonho!...

D. Miguel alongou os olhos tristes para o horizonte azul que as montanhas recortavam. Que visão!, que saudade!, que escuridade ia dentro daquela alma, purificada na onda das lágrimas, na frágua da indignação, no cadinho ardente do despertar!

O conde, embevecido no aspecto respeitável e triste daquelas cãs geadas dos invernos de vinte e oito anos, escutava-o tão admirado, quanto em Portugal a opinião da plebe das letras malsinava de ignorância o príncipe. D. Miguel interrogava, ora o conde, ora a filha sobre coisas e pessoas da pátria, alheando-se da política, e instando a sua dolorosa curiosidade em miudezas de certos sítios, dourados pelo sol da infância, e esmaltados de indeléveis cores pelo arcanjo da saudade, que lá de longe nos segue até nos entregar ao arcanjo da morte.

Quando um criado entrou à sala anunciando que a rainha se recolhera do banho, o infante disse ao conde:

— Minha mulher há de querer cumprimentá-los em ocasião mais oportuna.

A condessa levantou-se, dobrou o joelho ao lado do esposo, beijaram as mãos do príncipe, que deu o braço à dama, até ajudá-la a subir ao estribo da carruagem.

Desde esta hora, raiou luz nova no espírito da condessa. As lágrimas do entusiasmo filial diluíram a mancha negra que lhe enoitecia, a intervalos, a razão. Se a causa daqueles crepúsculos da escuridade da alma tinha sido julgar-se abatida pela calúnia aos olhos do marido, a cura operou-se pelo exalçamento que lhe dera a consideração do pai em presença do conde. Só assim: nenhuma

outra âncora salvaria do golfo das trevas aquele espírito. A ferida escalavrara o orgulho da neta de Afonso vi, por sua mãe e por seu pai.

Demorou naquela paragem o conde até que D. Miguei recolheu a Heubach. Depois, deteve-se em Alemanha. Por espaço de ano, raros dias se não viram as duas famílias. A felicidade de Maria José era o céu como raras vezes a virtude neste mundo o encontra, na consciência, e nas alegrias inalteráveis da vida exterior.

O conde, adivinhando os discretos silêncios da esposa, disse que nunca mais voltaria a Portugal. Projetou, pois, deter-se na Europa mais dois anos, e voltar para o Brasil, onde o chamavam as memórias da infância, como quem queria continuar as doçuras da vida adulta e lá esperar a quietação da velhice.

Neste propósito ordenou ao seu procurador e mormente a Damião Ravasco a venda de todos os seus haveres em Lisboa, com ordem ao leal amigo de o ir encontrar a Marselha, levando consigo Cristóvão Tavares e toda a família do afortunado velho.

Quando Damião, grandemente desconsolado por ter de sair de Portugal sem vingar o conde, obedecia às ordens recebidas, foi colhido de sobressalto por uma notícia que, segundo ele afirmou, por pouco o não matava de prazer.

Cristóvão Tavares mostrou-lhe uma gazeta liberal em que o articulista, em polémica virulenta com o redator de outra gazeta, escrevia estas lisonjas: “... Quem é este sevandija que nos fala em moralidade, em carácter, em firmeza de princípios, em dignidade jornalística? Quem é o gaiato, o fundibulário das esnogas de Alfama, que nos despede a pedra, sem receio que o ricochete lhe vá bater no estigma infamante da testa, onde a lei já não deixa escrever LADRÃO com ferro em brasa? Quem é e donde veio este Vítor José Alves, que encravou no nome plebeu o “Hugo” tão honrado no mundo? Quem lhe disse a ele que onde estava o Alves, para memória de um certo Diogo, devia intervir o sobrenome do primeiro poeta do universo?

Vítor Hugo!, ele, o filho da estalajadeira, que ainda tem, como o brasão da família, atrás da porta, o cacete do marido, que quis mercadejar com as costas dos setembristas, como com os coiros de vaca onde se levantou subindo pela tripeça do pai!

Vítor Hugo!, ele que embaiou uma certa luveira a dar a D. Miguel uns três contos de reis, que o escroque desbaratou em pastéis de camarão e orgias nos bordéis!

Vítor Hugo!, ele que depois prefaciava um apontado de injúrias aleivosas que haviam matado a infeliz mãe da luveira roubada, e levaram depois ao cairel do sepulcro moral a razão de certa condessa, que hoje erra foragida da pátria em companhia do seu honrado marido!

Ele, Vítor Hugo, que após tantas protérvias, umas culminantes de infâmia, outras de irrisão, exerce hoje um lugar de confiança política, o secretariado dum governo, e pendura na lapela da casaca, que devia ser blusa de forçado, duas comendas, uma que lhe dá o foro de fidalgo, e outra que o representa benemérito das considerações literárias!... Ele que...”

Damião Ravasco arrojou o jornal, e atirou-se aos braços de Tavares, exclamando:

— É meu o homem! Se alguém lhe põe a mão, arranco-lhe os fígados pela boca!

E parecia jorrar áscuas de forja afogueada por ambos os olhos.

CONCLUSÃO

É imolado um porco à terra.

Horácio, Episi, 1, Liv. 11.

Corria o mês de Agosto de 1862. Na estação de seges de praça, que discorrem pela cidade baixa, notaram os boleiros a concorrência de um mulato, que eles tinham visto, adestrando as soberbas parelhas do conde de Baldaque, ou aderçando potros rebelões e alfarios com a galhardia de consumado picador. Reputavam-no mordomo do milionário; porém, quando o viram na praça, boleando uma sege numerada, inquiriram dele mesmo se deixara o serviço do conde. E ele respondeu:

— O conde foi-se embora para França, e eu, que me dou bem por cá, empreguei as minhas soldadas neste trem, e vou vivendo.

O serviço de Damião agradava sobremodo aos rapazes do Chiado. O mulato era já conhecido da mocidade de pechisbeque, versão genialmente portuguesa da

jeunesse dorée lá de além. Em dia de toirada era ditoso quem o emprazava de véspera.

Vítor Hugo rara vez saía de sua casa na Travessa do Estêvão Galhardo— aonde voltara reconciliado com a mãe e um tanto falido ao dinheiro -que não visse o mulato convidando-o a aceitar o seu serviço.

Uma vez, entrou na sege, e disse:

— Às câmaras! A sege voou.

Vítor, apeando, disse:

— Isso é que é andar, rapaz! Como te chamas?

— O mulato.

— Mas como é o teu nome?

— Mulato.

— Mulato não é nome, é cor. Tu deves ser Simão ou André ou Belchior.

— Sou mulato.

— Pois então, mulato— voltou sorrindo o comendador da Conceição -, queres ir amanhã levar-me a Cascais ?

— É longe, meu amo. Faz muito calor. Estafo os cavalos à torreira do sol; e eu não sei andar a passo. É para lá!, bem vê Vossa Excelência... Eu não poupo o gado...

— Pois vamos de noite, queres?

— de noite? A que horas?

— As três.

— Isso é de dia.

— Às duas, serve-te?

— Convém. Chegamos lá às sete.

Sabes onde moro?

— Parece-me que sei... é...

— No Hotel da Travessa...

— Do Estêvão?, já sei... Lá estou às duas em ponto.

— Sem falta? Palavra?

— De mulato. Quer que espere?

— Não. Pega lá... E deu-lhe, com fidalga bizarria, dez tostões. Damião recebeu-os na luva de algodão. Subiu à almofada, largou para a Rua de S. Bento, e deixou cair as duas coroas no regaço de uma mendiga cega.

À uma hora da manhã Vítor Hugo recolheu do Grémio, e cevou o seu revólver de seis tiros. Depois trajou-se à campesina, fato inteiro azul-anfi, luva amarela, chapéu de palha, uma gravata de muitas pontas com muitas flores e muitas borboletas. O espelho lisonjeava-o, ocultou os dentes, o vestíbulo infecto daquela caverna do peito, as navalhas podres do javali que esfoçava lá dentro.

Vítor Hugo ia a Cascais à cata duma grega que, por aqueles dias, alvoroçara os galãs enfrascados em damarias daquela casta.

Farto de amores peninsulares, o poeta Alves almejava um amor grego, perfumado das auras do Bósforo, coisa que lhe desse uma vez ao menos as morbidezias do Oriente na Travessa do Estêvão Galhardo.

A grega perseguida dos cães vadios de Lisboa, que se lhe penduravam da cauda de murzelo, fugira para Cascais, no intuito outrossim de traduzir o Alcorão para uso dos seus catecúmenos.

Vítor Hugo ia procurar a grega, fugida do serralho de Bizâncio, e disposto a enrodilhar o turbante na cabeça, macmetanizar-se, restaurar a Grécia por amor dela, dar a casca em Missolongre, e almoçar com ela, se pudesse.

Às duas horas rodou a sege na calçada e parou. D. Rosenda, quando o filho passava no corredor, disse lá de dentro da alcova.

— Onde vais tão cedo, Vítor?

— Vou a Cascais.

— Que vais fazer a Cascais, homem?!

— Respirar as brisas do mar.

— Forte asno!— murmurou a mãe, e adormeceu. A sege abalou velocíssima.

Aí por Paço de Arcos, Vítor perguntou ao boleeiro, quando a sege ia muito a passo:

— A quem compraste esta boa parelha?

— No leilão do conde de Baldaque. Vossa Excelência conhece-os?

— Conheço o conde, os cavalos não.

— Não me saberá dizer porque é que o conde se foi embora?

— Sei: casou com uma aventureira...

— Que vendia luvas...

— Isso...

— E depois?— tornou o mulato.

— A opinião pública fez-lhe troça e eles safaram-se.

— Ah!... então a troça como foi?... Acho que havia de ser

um folheto que ouvi ler, a dizer o diabo da mãe da tal condessa...

— É isso...

— E aqui há de haver um mês, leram-me um jornal onde se dizia que o folheto fora publicado por um senhor Vítor Hugo, que tinha roubado grande chelpa à tal luveira. Sempre há cada malandro! O senhor conhece-o?

— Quanto deste pela parelha?— perguntou Vitor, como se a pergunta fosse feita a um pavão, que berrava no arvoredado dos Palhas.

— Cinquenta libras— respondeu o mulato, muito mais delicado que o seu interlocutor.

— Não foi cara.

— Todo o trem do conde se vendeu ao desbarato. Contou-me um criado dele, meu patrício, quero dizer também mulato, que a condessa fora de Lisboa doida, por causa do tal folheto, publicado pelo larápio que a roubou. Veja Vossa Excelência que patife aquele! O mulato é levadinho de dez milhões de diabos, e disse-me que não se vai embora de Portugal sem cortar a cabeça ao tal Vítor Hugo!

— Quem, o preto?— perguntou sorrindo o comendador.

— Sim, o preto...

— Há de ser um que dava socos nos namoros da luveira...

— Há de ser esse provavelmente...

— Pois, se o vires, dize-lhe que o tal Vítor Hugo só deixa cortar o pescoço depois que mete seis balas na cabeça de quem lho quer cortar.

— Então o homem pelos modos é teso?

— É fia-te em mim.

— Não duvido, patrão; mas a valentia não tira que ele seja um ladrão; e um malvado que roubou a alegria e o juízo a uma senhora que lhe não fez mal nenhum, que eu saiba.

— Ele lá teve as suas razões... Olha lá, não deixes adormecer os cavalos... Ainda agora vamos em Oeiras...

— Temos muito tempo, patrão... Vossa Excelência não conhece um caminho por onde se atalha uma légua boa?

— Não.

— Quando chegarmos ao fim do muro da quinta do marquês, eu lho mostrarei.

Damião chicoteou os cavalos com frenesi. Era a onda de sangue, que já lhe girava como meandro de vitríolo por entre os seios do cérebro. As chicotadas eram uma maneira de se desafogar daquela congestão.

Chegados à extrema do muro, o mulato meteu por uma vereda estreita, desterroada e pedregosa.

— Não é por aí!— disse Vítor.— Por onde diabo vais?

— Por aqui é o atalho— respondeu Ravasco.

— Deixemo-nos de atalhos agora de noite!

— Não tenha medo, patrão. O senhor não traz revólver?— dizia e afoitava a parelha.

— Trago revólver; mas...

— Então que medo tem?

— Não é medo de ladrões; é medo que esbarrondes a sege! Olha que o caminho vai já a bater aí numa charneca fechada, não vê? Volta para trás, bruto!

Damião Ravasco não respondeu. Levou impetuosamente os cavalos aos sacões até entestá-los com um cômodo eriçado de piteiras e socavado nas margens resvaladias, e saltou de golpe da almofada, quando as bestas se escabreavam trepando à vala,

Este abrupto salto, depois da pertinácia do cocheiro em fustigar os cavalos contra o valado, incutiu em Vítor Hugo a suspeita de estar em perigo de ser roubado pelo mulato. Instintivamente arrancara do revólver, quando o boleiro saltou. E, no conflito em que Damião arremetendo à sege, puxava de repelão pelas cortinas embreadas, Vítor desfechou-lhe um tiro na face, e o segundo no respaldo da sege, porque o pulso lhe estalou e revirou-se na mão do mulato como se os ossos se deslocassem dos ligamentos estorcidos por uma tenaz.

E do mesmo ímpeto fincou-lhe na garganta a garra esquerda, e empuxou-o para fora da sege.

Vítor, escabujando de encontro aos raios da roda, rugia gritos de socorro, lutando em balde para arrancar a mão ainda armada à torquês que lhe desarticulava o pulso.

O mulato remessou-lhe um joelho ao ventre, e disse-lhe num rouquejar de voz, mudada em bramido pela ferocidade da ira:

— Hás de saber quem sou, perverso ladrão! Sou o preto do conde de Baldaque. Dá-me seis tiros na cabeça antes que eu te corte a tua. Um já cá o tenho no rosto; se morrer dele, perdoo-te.

À última palavra vociferou ele um ríspido regougo, coisa parecida ao soturno urrar da fera; e, no mesmo ato, arrancou da navalha espanhola já aberta entre a manga da jaleca e o braço, e cravou-lha através da garganta.

Era cadáver o insultador da condessa de Baldaque; mas o leão não desenterrara os grifos aduncos das carnes do tigre morto.

A cólera recrudescia ao compasso da dor atroz que lhe sangrava na cara. Levou a mão ao olho direito, e retirou-a empapada em sangue e humores. Receou morrer, e este medo dava-lhe vertigens, e um raivar de demônio, cada vez que o sangue borbotando lhe tolhia a vista.

Talvez que a vingança ficasse aquém das raias da barbaridade, se Vítor o não houvesse ferido mortalmente, como ele supunha. Travou dos cabelos ao cadáver, e correu-lhe à volta do pescoço repetidos golpes até o degolar. Atirou para dentro da sege a cabeça, e deixou o restante no chã o ensopado de sangueira.

Antes de repontar o Sol, sege e cavalos estavam na cocheira do conde.

A cabeça de Vítor Hugo foi submersa em álcool numa vasilha negra. E Damião Ravasco, entregue aos cuidados de Cristóvão Tavares e dum cirurgião, sofria a dolorosa anatomia da extração do olho direito e esquirolas da órbita correspondente.

Ai!, ele não poderia mais ver a cabeça de Vitor Hugo José Alves senão com um olho!

Do aparecimento do cadáver descabeçado na Azinhaga das Cobras deve lembrar-se perfeitamente o leitor de Lisboa. Primeiro, disse-se que era urna vítima das vinganças clandestinas dos carbonários. Alguém pensou que fosse o administrador do concelho de Oeiras, que nesse dia estava sadio e incólume em Cascais namorando a grega. Outros, os mais sensatos, pediam a cabeça do sujeito para fazerem o seu juízo acerca da identidade da pessoa. Afinal soube-se quem era, por causa dumhas cartas de namoro que lhe encontraram na algibeira, dirigidas a “Vítor Hugo;” mas também isto foi motivo a conjecturar-se que o autor do *Napoleon— Le petit*, viera incógnito a Lisboa, e o imperador dos Franceses o mandara assassinar, decapitar, etc., etc. O que é certo é que muita gente, quando se disse que o descabeçado era o Vítor, filho do Alves dos coiros, respondeu brutalmente: “ Foi bem feito.”

Sarado da ferida, mas cego do olho, e esburacado no bordo inferior da órbita, Damião Ravasco, liquidado o trem da homicida façanha, fez-se ao mar e mais o oficial realista e as filhas e os netos. Marselha era o itinerário prescrito pelo conde. Dirigiram-se à Rua Canebière, Hotel des Empereurs.

Entraram juntos à sala privativa do conde. Damião ia na frente, sobraçando urna caixa de estanho, com argolas laterais. Quando se defrontou com o conde e a condessa, ambos exclamaram espantados da tão diferente cara de Ravasco:

— Que é isso! ?— bradou o conde.— Vens cego de um olho, Damião?

— E que profunda cicatriz ele tem na face!— disse a condessa.

— Que foi isso?— tomou o irmão.

— Este olho que me falta— respondeu Ravasco pousando o caixote sobre uma banca; e repetiu:— Este olho que me falta, tirou-mo um sujeito chamado Vítor Hugo José Alves.

— Porquê, meu Deus?— disse a condessa.

— É possível! ?— exclamou o conde.— E tu...— Eu sempre ouvi dizer ao meu mestre de latim: “Olho por olho, dente por dente” — respondeu Ravasco -, mas, a falar a verdade, não me acomodo com esta lei. Quem me tira um olho a mim há de ficar sem dois, pelo menos.

E, dizendo, destapava a caixa de estanho. A condessa tremia convulsamente. O conde encarava-o estupefato. O ex-brigadeiro e as filhas e netos agrupavam-se à volta da condessa, E Damião continuou:

— Ora eu que não tinha vagar, nem a ocasião era a melhor, para tirar os dois olhos ao sujeito que me tirou um, achei que o mais sumário e seguro era cortar-lhe a cabeça. Ei-la aqui! Vejam se a conhecem!— disse o mulato, mostrando a cabeça trágica, mergulhada em espírito de vinho, no amplo frasco extraído da caixa.

A condessa parecia desmaiar nos braços do marido, exclamando em extrema aflição:

— Jesus, que horror! Que barbaridade!...— Horror, sim, minha filha!— disse o conde -, mas barbaridade... Não culpes Damião sem o escutar.

E Ravasco, aproximando-se da condessa, falou serenamente:

— Eu tenho pouco que dizer em minha defesa, senhora condessa. Em Lisboa saiu um folheto no qual se dizia que sua mãe roubava palheiros de quem era amásia...

— Silêncio!— bradou o conde.— Deixe defender-se o bárbaro, senhor conde!—olveu Damião.— Nesse folheto havia uma nota em que se dizia que o conde de Baldaque casara com uma aventureira. Se o senhor conde casasse com uma mulher perdida, eu não o vingaria, por entender que era justo o castigo; mas como sei que Vossa Excelência era uma senhora honesta, entendi que devia cortar a cabeça de onde saíram os insultos a Vossa Excelência e a um homem que me chamou irmão. Não tenho mais que dizer. Cá levo a cabeça para lhe dar honrosa sepultura nos esgotos de Marselha.

E saiu com o caixote debaixo do braço. Na sala era tétrico e profundo o silêncio. Nem que aquilo fosse a cabeça de Holofernes, ou de Pompeu! E as lágrimas derivavam copiosas no rosto de Maria José.

Ó egrégia alma, como essas lágrimas deviam ser abençoadas do soberano e inexprimível Espírito que tão perfeita cintila de sua divindade te bafejou no berço!

EPÍLOGO

Os condes de Baldaque, neste ano de 1872, viajam no Oriente, com o filho mais velho.

Damião Ravasco, reconhecido irmão do conde, e quase milionário, vive no Ceará com sua mulher D. Luísa Tavares, a mais nova das filhas do ex-brigadeiro já falecido.

As outras filhas, excetuada Ernestina, que acompanha a condessa, casaram e são ricas.

Os netos do brigadeiro, doutorados na Universidade de S. Paulo, estão estabelecidos no Império Brasileiro.

D. Rosenda Picoa é mestra régia na Porcalhota. D. Eufêmia, dada ao misticismo, e repesa de escrúpulos purificantes, está no seminário de Brancanes, encarregada da limpeza dos jesuítas.

Obrigado pelas leis da transmigração, Vítor Hugo José Alves ressuscitou nos corpos e almas de três sujeitos que hão de prosperar neste país, se não encontrarem mulatos...